

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE CAMPINAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM
CIÊNCIAS DA RELIGIÃO
ZILDA MARIA DA SILVA

MÍSTICA MARIAL:
Uma releitura da Espiritualidade Mariana de
Chaminade em tempos de Secularização

CAMPINAS
2016

ZILDA MARIA DA SILVA

**MÍSTICA MARIAL:
Uma releitura da Espiritualidade Mariana de
Chaminade em tempos de Secularização**

Dissertação apresentada como exigência para obtenção do Título de Mestre em Ciências da Religião ao Programa de Pós Graduação em Ciências da Religião do Centro de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas da Pontifícia Universidade Católica de Campinas.

Orientador: Profa. Dra. Ceci Maria Costa Baptista Mariani

PUC-CAMPINAS

2016

**Pontifícia Universidade Católica De Campinas
Programa De Pós-Graduação *Stricto Sensu* Em Ciências da Religião**

Autor: SILVA, Zilda Maria da

Título e Subtítulo: Mística Marial: uma releitura da Espiritualidade Mariana de Pe. Chaminade em tempos de Secularização

Dissertação de Mestrado em Ciências da Religião

BANCA EXAMINADORA

Presidente e Orientadora: Profa. Dra. Ceci Maria Baptista Costa Mariani

1º. Examinador: Prof. Dr. Enio José da Costa Brito _____

2º. Examinador: Prof. Dr. Breno Martins Campos _____

Campinas, 11 de Fevereiro de 2016.

AGRADECIMENTOS

À Deus

Pelo dom da vida.

Pela Encarnação de Jesus Cristo seu Filho, pela ação do Espírito Santo, no ventre fecundo de Maria, a mulher forte na fé, que abre espaço em seu interior para acolher, comunicar e amar a vida com sua ternura maternal.

A Profa. Dra. Ceci Maria Baptista Costa Mariani

Pela orientação, acompanhamento e incentivo a pesquisa.

Ao Prof. Dr. Paulo Sergio Gonçalves

Pela dedicação na criação e realização do Curso de Pós Graduação Mestrado em Ciências da Religião. Por acreditar, favorecer e estimular a pesquisa.

Aos docentes do Curso de Pós Graduação, Mestrado em Ciências da Religião.

Pelo apoio e pela arte de ensinar e contribuir na pesquisa.

Aos alunos do Curso de Pós Graduação, Mestrado em Ciências da Religião.

Pela busca do saber, pela amizade, escuta e incentivo na pesquisa tanto nas dificuldades como nas alegrias e conquistas no decorrer do curso.

A Pontifícia Universidade Católica de Campinas

Pela ajuda com bolsa de 50% da Reitoria

A Família Marianista de Campinas

Pela escuta e pela colaboração com as ideias surgidas no decorrer da pesquisa.

A Congregação das Filhas de Maria Imaculada e Companhia de Maria

Por favorecer o contato com documentos originais do Pe. Chaminade que contribuiu e enriqueceu a pesquisa.

Às Irmãs Marianistas de Campinas

Pela ajuda na conclusão da dissertação. Pela paciência e compreensão.

Aos amigos e amigas

Pelo apoio e participação, são tanto nomes que seria difícil recordar de todos.

A minha família

Pela compreensão nas ausências e pelo carinho mesmo distante.

“O essencial é o espírito interior
que é o espírito de Maria”
Chaminade
1761-1850

RESUMO

SILVA, Zilda Maria Da, *Mística Marial, uma releitura da Espiritualidade Mariana de Chaminade em tempos de secularização*. 2015 (Dissertação de Mestrado em Ciências da Religião) – Programa de Pós Graduação em Ciências da Religião da Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Campinas, 2015

O presente trabalho convida a refletir e pensar a devoção mariana hoje. Com o objetivo de apresentar a espiritualidade do Pe. Chaminade, que se apoia em uma mística marial, que busca conferir uma melhor compreensão da devoção mariana em tempos de secularização. Em seu tempo Pe. Chaminade estudou e aprofundou o papel e missão de Maria no mistério de Cristo e da Igreja, antecipando ao Concílio Ecumênico Vaticano II. Propõe a devoção a Maria com prudência e cuidado. Para ele a devoção a Maria leva o fiel a uma relação filial, que ele chamou de “piedade filial”. Ele viveu uma experiência profunda de Deus, diante da imagem da Virgem do Pilar em Zaragoza, Espanha, onde ficou por três anos. Esta experiência o levou a um novo jeito de evangelizar a França, pós Revolução Francesa, em pleno processo de secularização. Para chegar aos elementos da mística marial fizemos uma abordagem geral do conceito de mística privilegiando a dimensão da experiência: a união íntima com Deus como conteúdo e meta da experiência; sua condição de experiência imediata na mediação da alma e o rastro que nela deixa a presença de Deus e por último o amor como caminho e meio da união. Desenvolvido o conceito de mística, tratamos o conceito de mística cristã, onde o elemento central é a Encarnação de Jesus Cristo, Filho de Deus, feito Filho de Maria. A história do Pe. Chaminade e da espiritualidade mariana, a constatação de uma Mística Marial no seio da espiritualidade mariana. Pe. Chaminade apresenta Maria, como a Virgem, que acolhe a vida, a Mãe que comunica a vida e a Esposa, que vive um amor incondicional, podendo ser chamada de ícone do Mistério, pois carregou em seu ventre o mistério de um Deus que se fez humano, Jesus Cristo. Para o Pe. Chaminade a devoção a Maria é o imitar suas virtudes para chegar à conformidade com Cristo. Para ele toda a devoção deve conduzir o fiel ao centro da fé cristã, que é Jesus Cristo. Preocupado com a formação das pessoas, e como educador na fé e nos costumes cristão, propõe o sistema de virtudes, um método, que pode vir a ser um caminho: para o autoconhecimento, um caminho para o amor e um caminho para o serviço, que aponta para um crescimento humano e integral da pessoa, com uma ética comunitária, do cuidado, da solidariedade e da compaixão. Para novos tempos e novos desafios métodos novos. Vinho novo em odres novos.

Palavras Chave: Mística Cristã, Mística Marial, Chaminade, Secularização, Maria.

ABSTRACT

SILVA, Zilda Maria da, Marial, a Mystical retelling of the Marian spirituality of Chaminade in times of secularization. 2015. (Master's thesis in science of religion)-Graduate program in science of religion at the Catholic University of Campinas. Campinas, 2015.

This work invites you to reflect and think Marian devotion today. With the goal of presenting the spirituality of the Pe. Chaminade, which rests in a marial Mystique, giving a better understanding of Marian devotion in times of secularization. In his time, Chaminade studied and deepened the role and mission of Mary in the mystery of Christ and the Church, in anticipation of the Ecumenical Council Vatican II. Proposes the devotion to Mary with prudence and caution, for him the devotion to Mary leads the faithful to a subsidiary relationship, which he called filial piety. He lived a deep experience of God, before the image of the Virgin of the pillar in Zaragoza, Spain, where he stayed for three years in exile, which was a time of troubles, challenges, but also a time of grace, a maturing in the faith. This experience led him to a new way of evangelizing to France, after the French Revolution, in the process of secularization. To reach the mystical elements of Marian made a general approach to the mystical concept of privileging the dimension of experience: the intimate union with God as content and goal of the experiment; their condition of immediate experience in mediating soul and trace which it leaves the presence of God and finally the love as the way and means of the association. Developed the concept of mystical, we treat the concept of Christian mysticism, where the central element is the Incarnation of Jesus Christ, Son of God become Son of Mary. The story of Fr. Chaminade and Marian spirituality, the finding of a Mystic Marial within the Marian spirituality. He presents Mary as the Virgin that embraces life, the mother who communicates the life and the Wife who lives an unconditional love, and may be called a Mystery icon, is carried in her womb the mystery of a God who became human, Jesus Christ. For the Pe. Chaminade devotion to Mary is to imitate her virtues to reach conformity with Christ, Maria is the Center, the whole devotion must lead the faithful to the center of the Christian faith, which is Jesus Christ. Concerned with the formation of the people, and as an educator in the faith and in Christian ways, proposing the method of virtues that can be a way: to self-knowledge, a path to love and a way to the service, that points to a human and integral growth of the person, with a community ethic of care, solidarity and compassion. To new times and new challenges new methods. New wine in new skins.

Key Words: Mystique Christian, Mystique Marian, Chaminade, Secularization, Maria.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 CAPITULO 1 - O conceito de mística	15
2.1 Mística: sentido geral	15
2.1.1 Mística como experiência da Presença.....	16
2.1.2 Traços da experiência mística.....	18
2.1.2.1 Caráter holístico, totalizador e englobante	18
2.1.2.2 Passividade.....	19
2.1.2.3 Experiência imediata por contato com a realidade experimentada	19
2.1.2.4 Experiência frutiva	19
2.1.2.5 Simplicidade ou singeleza.....	20
2.1.2.6 Inefabilidade.....	20
2.1.2.7 Experiência certa e obscura.....	20
2.1.3 Núcleo originário da experiência mística.....	21
2.2 Mística Cristã	23
2.2.1 O núcleo da experiência mística cristã.....	24
2.2.2 Etapas da mística cristã	25
2.3 Mística e Secularização	30
2.3.1 Conceito de secularização	31
2.3.2 Características da modernidade no processo de secularização	32
2.3.3 Pontos de interface, uma presença positiva	33
2.4 Mística e Religião.....	34
2.4.1 Fenômeno místico	35
2.4.2 Religião e secularização.....	39
3 Capítulo 2 - ESPIRITUALIDADE DO PE.CHAMINADE: Uma Mística Marial no seio da Espiritualidade Mariana.....	42
3.1 Pe. Chaminade - um Missionário Apostólico	43
3.2 O desafio da Revolução Francesa: indiferença religiosa e perseguição	50
3.3 Uma Mística Marial no seio da Espiritualidade Mariana.....	54
3.3.1 Espiritualidade Mariana do Pe. Chaminade: piedade filial.....	57
3.3.2 Encarnação: Maria a Mãe de Jesus em plenitude	58

3.3.3 Redenção-Maria, a Mãe de Jesus, associada ao sacrifício de seu Filho	61
3.4 “Fazei tudo o que Ele vos disser”: Elementos de uma Mística Marial	62
4 Capítulo 3 - MÍSTICA E SECULARIZAÇÃO: Vinho Novo em Odres Novos	70
4.1 A devoção nos escritos do Pe. Chaminade	70
4.2 Maria ícone do Mistério	74
4.2.1 Maria, a Virgem que acolhe o mistério da vida pelo seu sim	76
4.2.2 Maria, a Mãe, que comunica a vida em sua plenitude	78
4.2.3 Maria a Esposa que vive o amor incondicional	80
4.3 Pe. Chaminade e o Sistema de Virtudes: Conhecer, Amar e Servir	82
4.3.1 Virtudes de preparação um caminho para o autoconhecimento	85
4.3.2 Virtudes de Purificação um caminho para o amor	86
4.3.3 Virtudes de Consumação um caminho para o serviço	89
4.4 Vinho Novo em Odres Novos: novo momento - métodos novos	90
4.4.1 Alteridade e relação	92
4.4.2 Encarnação e Vulnerabilidade	93
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	96
Anexo 1: Pe. Guilherme José Chaminade	99
Anexo 2: Igreja de Nossa Senhora do Pilar – Zaragoza – Espanha às margens do Rio Ebro	100
Anexo 3: Adela de Batz de Trenquelleon (1789 – 1828)	101
Anexo 4: Carta de Abril de 1809, Pe. Chaminade comenta das Congregações Marianas com Adela	102
Anexo 5 : Carta de 01 de dezembro de 1814 – do Pe. Chaminade para Adela	103
Anexo 6: Igreja da Madalena lugar onde Pe.Chaminade exerceu seu ministério	104
Anexo 7: Carta de 08 de outubro de 1814	105
Anexo 08: Carta do Pe. Chaminade a Adela de 09/08/1817 – Onde trata da virtude de Consumação	106
6 REFERÊNCIAS	107

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho tem por objetivo apresentar a espiritualidade do Pe. Chaminade, que se apoia numa Mística Marial, conferindo uma melhor compreensão da devoção mariana em tempos de secularização.

Com a hipótese de que nos escritos do Pe. Chaminade existem elementos de uma Mística Marial, iniciamos o desafio de encontrar os elementos, cujo conceito de Mística Marial, começou a ser cunhado, trabalhado com carinho sendo que, essa expressão de Mística Marial, para nós seria mais adequada ao legado do Pe. Chaminade do que Mística Mariana.

Para chegar aos elementos de uma Mística Marial, foi feita a releitura da espiritualidade do Pe. Chaminade, tendo privilegiado a experiência profunda de Deus vivida no exílio em Zaragoza, na Espanha de 1797 a 1800, experiência esta que marcou sua vida e orientou seu apostolado na França, pós Revolução Francesa. Das narrativas das experiências vividas pelo Pe. Chaminade, através do testemunho de pessoas que conviveram com ele, buscamos elementos que foram definindo o que chamamos de Mística Marial. Pe. Chaminade, em seu tempo foi ousado em propor uma nova dinâmica para o desafio de recristianizar a França, diante dos danos morais e materiais causados pela Revolução Francesa.

Para esta análise da releitura, usamos a Hermenêutica dos textos do Pe. Chaminade, textos estes que são documentos publicados a partir de seus escritos originais que se encontram arquivados, no Arquivo Geral da Companhia de Maria e as cartas destinadas à Madre Adela de Trenquelleon, e que se encontram no Arquivo Geral das Filhas de Maria Imaculada, ambos em Roma. Procuramos apontar elementos místicos que convidam a uma vivência profunda da devoção mariana. Num primeiro momento nos limitamos aos *Escritos Marianos I e II e ao pequeno tratado do conhecimento e amor a Maria*. No decorrer do trabalho ampliamos para outras publicações dos escritos do Pe. Chaminade¹: *Escritos de Fundação, de Fé, de Direção, Escritos e Palavras, e Cartas*. Esta foi uma pesquisa documental, qualitativa, de caráter descritivo, sem instrumental estatístico para análise dos dados. Sabe-se que compreender e

¹ Tradução própria das publicações feitas a partir dos escritos originais do Pe. Chaminade do Francês do Espanhol.

interpretar fenômenos a partir de seu significante e contexto é tarefa presente na produção de conhecimento.

Na relação teoria e método, a análise de conceitos foi feita com base na análise da fenomenologia do fenômeno místico por Juan Martin Velasco e na mariologia com Bruno Forte. Não prescindindo às demais áreas de saber, como, a antropologia e a sociologia como requer a pesquisa qualitativa.

No primeiro capítulo tratamos o tema da Mística e da Mística Cristã. Logo no início de seu livro *El fenómeno místico*, Juan Martin Velasco diz da difícil definição do termo *mística*, por sua complexidade, para ele o termo tem uma conotação totalmente diferente do conhecimento ordinário, objetivo e científico que deve ser interpretado em uma realidade que lhe negue qualquer trato racional (VELASCO, 2009, p. 17-18). Ele identifica três elementos importantes para que se diga que há uma experiência mística sendo: a união íntima com Deus como conteúdo e meta da experiência; sua condição de experiência imediata na mediação da alma e o rastro que nela deixa a presença de Deus e por último o amor como caminho e meio da união.

Definido o conceito de mística, como experiência de Deus, buscamos a partir desta definição a identificação dos elementos de uma mística marial, na experiência vivida pelo Pe. Chaminade no exílio. Vimos acima que o tema da mística é complexo, e que qualquer conceito que propusermos não encerra nele nossa pesquisa, mas vai orientar o caminho no desafio de sustentar a tese de uma mística marial nos escritos do Pe. Chaminade. Tratado o conceito de mística, passamos a desenvolver o tema da Mística Cristã, que tem como elemento fundamental a Encarnação de Jesus Cristo. A mística e a religião, com a experiência religiosa, e a experiência mística, e a mística e a secularização, com o positivo da secularização que favoreceu o protagonismo do leigo como foi na França na época do Pe. Chaminade.

Apresentamos no segundo capítulo a espiritualidade do Pe. Chaminade, sacerdote diocesano que viveu de 1761 a 1850, na França. Destacamos três períodos de sua vida após seus estudos e ministério apostólico no colégio de São Carlos em Mussidam, França. Primeiro o período do terror na França durante a Revolução Francesa que teve seu início em 1789, onde o Pe. Chaminade seguiu exercendo seu ministério na clandestinidade como vendedor ambulante, sofrendo perseguições.

Em 1797 tem início o segundo período, quando é exilado na Espanha, na cidade de Zaragoza, onde viveu uma experiência profunda de Deus, diante da imagem de Nossa Senhora do Pilar. Desta experiência surge um novo jeito de evangelizar às ordens de Maria, ou seja, uma associação na missão de Maria de dar Cristo ao mundo. No exílio viveu momentos difíceis mais também um tempo de graça, viveu uma experiência mística tendo Maria como caminho e meio. A partir desta experiência viveu um apostolado no qual desenvolveu uma relação filial com Maria. A originalidade da espiritualidade mariana do Pe. Chaminade é a piedade filial mariana, que mais tarde vai se traduzir em uma aliança com Maria para a missão de multiplicar os cristãos.

O terceiro período da vida do Pe. Chaminade tem início em 1800 quando retorna à França onde inicia o seu projeto de recristianização pós Revolução Francesa, criando e acompanhando comunidades que eram denominadas de congregações marianas, que mais tarde serão chamadas de comunidades leigas marianistas. Pe. Chaminade sempre viveu em atitude constante de abertura ao Espírito e acolhimento dos sinais que lhe manifestavam à vontade de Deus; atento a confiança na providência, pois era um buscador empedernido do querer de Deus. Fundou duas congregações religiosas: as Filhas de Maria Imaculada e a Companhia de Maria.

Neste capítulo destacamos os elementos de uma Mística Marial, no seio da espiritualidade mariana do século XIX.

No terceiro capítulo, tratamos da devoção mariana nos escritos do Pe. Chaminade, desdobramento de sua experiência marial. Percebemos que Maria, na imagem da Virgem que acolhe a vida; da Mãe que comunica a vida; e da Esposa que vive um amor incondicional, pode ser ícone do mistério, pois carregou em seu ventre o Mistério de um Deus que se fez Humano, se encarnou na história. Pe. Chaminade, diante dos excessos de uma devoção mariana que despontava com força para combater o protestantismo - não fugindo do racionalismo, e da secularização - entendeu que a devoção à Maria deveria ser vivida pelo fiel com prudência e cuidado, e que o culto teria que ser encarnado na realidade. Para ele toda a devoção deve-se encaminhar para o centro da fé cristã que é Jesus, sendo Maria uma figura central, mas não é o centro.

Preocupado com a formação da pessoa Pe. Chaminade foi um educador na fé, incentivou e acompanhou as pessoas, em seu processo

espiritual, e na formação dos valores cristãos, desenvolvendo um sistema de virtudes, que é um método com três degraus sucessivos que se exercitado pela pessoa pode vir a ser um caminho para o autoconhecimento, um caminho para o amor e um caminho para o serviço. Para ele a imitação das virtudes de Maria leva à conformidade com Cristo.

Em nossa sociedade plural, onde o ser humano transita perplexo entre as novas tecnologias e a busca por uma experiência cume, a partir de seu interior, encontramos espaço para uma experiência de Deus, um espaço para uma devoção mariana, e um espaço aberto para caminhos novos em um novo momento da história. Vemos que o Pe. Chaminade no silêncio do exílio viveu uma experiência que orientou seu caminho no novo momento da França, um caminho a partir do interior, por isso entendemos que ele propõe para o novo momento da história, métodos novos. Vinho novo em Odres Novos.

2 CAPITULO 1 - O conceito de mística

Neste capítulo da dissertação apresentaremos o conceito de mística. Discorreremos em primeiro lugar sobre o sentido geral de mística, e os traços que caracterizam essa experiência.

Em seguida iremos tratar o tema da mística cristã, que tem como elemento fundamental a encarnação de Jesus Cristo, a afirmação do Mistério de um Deus que se faz humano, possibilitando que o humano viva uma experiência do mistério, a partir da experiência humana de Jesus Cristo, com atenção à ação de Deus na vida das pessoas.

A relação entre mística e secularização, a partir da história do longo processo de secularização e sua relação com as transformações sociais, religiosas e culturais, com as características e tendências da modernidade secular. E o positivo da secularização na reelaboração de elementos importantes no cristianismo histórico, que favorecem a compreensão do homem na sua relação com Deus e com o mundo. Veremos que num contexto de secularização, a mística como um caminho para a experiência de Deus.

E por último mística e religião, a estreita ligação que se mantém entre elas, com a presença de fatos místicos que caracterizam a experiência, sendo a experiência um elemento central para a fenomenologia da experiência mística. A busca pelo homem de uma experiência de encontro com o Mistério.

2.1 Mística: sentido geral

O termo “mística” deriva dos cultos gregos não cristãos, sua origem na língua latina vem da transcrição do termo grego *mystikos* que significa os mistérios *ta mystica* das cerimônias místicas nas quais o iniciado *mystes* se incorporava ao processo de morte-ressurreição do deus próprio de cada um destes cultos gregos. Se acrescentarmos *mysticos* (secretamente) este advérbio compõe uma família de termos, derivados do verbo *myo* que significa a ação de fechar os olhos e a boca, para gerar um mistério internamente e *myeo* o penetrar no mistério, tendo em comum as realidades secretas, ocultas e misteriosas. Podemos dizer que mística é mistério?

Encontramos já no século V Marcelo de Ancira² que fala de uma teologia inefável e mística, ou seja, do conhecimento mais íntimo da natureza divina. Também neste mesmo sentido, o utilizará Pseudo-Dionísio³, no final do século V. É desse último o primeiro tratado de teologia mística. Nesta teologia mística o traço peculiar é ser um conhecimento religioso, escondido e experimental, que é imediato, obtido a partir da união vivida com Deus e de sua operação em nós, em oposição ao conhecimento dedutivo e puramente racional. (VELASCO, 2009, p.20) Este termo teologia mística precedeu o desenvolvimento e afirmação do termo mística.

Possamos também nós penetrar nessa Treva⁴ mais luminosa que a luz e, renunciando a toda visão e a todo conhecimento, possamos assim ver e conhecer que não se pode nem ver nem conhecer Aquele que está além de toda visão e de todo conhecimento! Porque aí se encontra uma visão verdadeira e um verdadeiro conhecimento. (PSEUDO-DIONISIO AREOPAGITA, 2004, p.132.)

Na primeira metade do século XVII, aparece pela primeira vez, o termo mística como substantivo, e a partir deste momento, passa a fazer parte dos escritos, nos quais os místicos formularam suas experiências, constituindo assim uma fórmula peculiar da linguagem. Ainda neste mesmo século se utiliza do termo místico para designar as pessoas que vivem uma experiência especial ou têm uma forma peculiar de conhecimento de Deus, chamado conhecimento místico.

2.1.1 Mística como experiência da Presença

No seu livro *El fenómeno místico*, Juan Martin Velasco⁵ diz da difícil definição do “termo mística” por sua complexidade. Para ele o termo tem uma

² Marcelo de Ancira (? – 374) um dos bispos presentes no Concílio de Ancira e no primeiro Concílio de Nicéia. Foi forte opositor ao arianismo.

³ Pseudo-Dionísio o Areopagita, é claramente um pseudônimo. O verdadeiro autor ocultou sua identidade usando o nome de Dionísio, personagem histórico convertido por Paulo na ocasião em que Paulo, segundo o livro dos Atos, pronunciou seu famoso discurso no Areópago de Atenas, centro público frequentado por oradores, filósofos gregos (At 17). O Dionísio histórico teria tornado o primeiro bispo de Atenas. O Pseudo- Dionísio, ao contrário, é um filósofo-teólogo do século V d.C, que provavelmente usou o pseudônimo com a finalidade de garantir o êxito e a difusão de suas obras. É autor entre outras obras do primeiro tratado de Teologia Mística, que tornou-se o nascedouro da iniciação e da construção da mística cristã.

⁴ Segundo Dionísio, a Treva é Luz inacessível, onde habita Deus. Deus é treva, Deus é Luz inacessível, Deus é luz que brilha na treva.

⁵ J.M.Velasco (1934) é professor emérito de Fenomenologia da Religião da Universidade de Salamanca, em Madri e da Faculdade de Teologia San Dámaso, especialista em temas relacionados à mística. É doutor em filosofia pela Universidade Católica de Louvain, na

conotação totalmente diferente do conhecimento ordinário, objetivo e científico. (VELASCO, 2009, p. 17-18).

Deparamos mesmo com um Mistério, Mistério de difícil compreensão, podendo ser penetrado apenas pela experiência. Por isso se torna difícil à identificação do que de fato é mística.

Por ser uma experiência humana vivida, quem vive a experiência não a consegue expressar. Ela foge de sua razão e toda forma de expressão é sempre insuficiente.

O místico é alguém que faz a experiência de contato pessoal com a realidade última, o Mistério, Deus, o Divino. Essa realidade última segundo a fenomenologia da religião é a realidade absolutamente anterior e posterior ao homem, que é fundamento de toda religião. Alguns identificam esta realidade como Deus, outros como o Uno, o Divino, o Brahman, o Tao, o Infinito, o Transcendente, o Absoluto. (VELASCO, 2009, p. 253)

Os estudos do fenômeno místico vão levar à percepção do Mistério divino como uma Presença, tão invisível como inconfundível. “Que o sujeito religioso por meio de todos os elementos que configuram uma religião, trata de fazer sua, da qual trata de tomar consciência, com a qual trata de manter contato”. (VELASCO, 2001, p.9)

Para Velasco este dado fundante da experiência humana que é a experiência de uma Presença originante, sem a qual o homem não poderia conhecer nem desejar nem imaginar, é experiência transcendente no imanente de sua vida e realidade. “Assim, pois os testemunhos dos místicos são unânimes e podemos aceitar que, para eles, a vida mística descansa sobre a Presença originante do Mistério na realidade e no centro do homem”. (VELASCO, 2009, p.271)

a absoluta transcendência dessa realidade frente ao homem e a todas as realidades de seu mundo, sua condição de totalmente outro; e ao mesmo tempo e precisamente por ser absolutamente transcendente, sua condição de realidade íntima imanente em toda a realidade mundana e no coração mesmo do homem. (VELASCO, 2009, p.254)

Os místicos uma vez em contato com realidade do Mistério, são conscientes que esse contato os coloca em relação com algo, com uma

Presença, que já esta previamente e está presente a todos, porém, alguns se perguntam por que se demora em descobri-la, e porque tantas outras pessoas não descobrem.⁶ (VELASCO, 2009, p.271).

Tanto no cristianismo como em todas as religiões e inclusive nas formas de mística não estritamente religiosa, o processo originante a partir do Mistério somente poderá ser realidade existencial, efetiva com a acolhida pelo sujeito dessa Presença que gratuitamente se doa. Neste caminho místico a fé⁷ é indispensável. A mística se constitui uma forma peculiar e privilegiada da experiência de fé que comporta toda a realização viva, efetiva. (VELASCO, 2009, p. 275-281).

2.1.2 Traços da experiência mística

Para Velasco a fé é o centro do fenômeno místico por ser uma livre e pessoal resposta do sujeito à presença do Mistério. Ele apresenta alguns traços que caracterizam a experiência de fé como experiência mística que apresentamos abaixo.

2.1.2.1 Caráter holístico, totalizador e englobante

A mística é a experiência de uma Presença que toma o ser por inteiro e o transcende ao uso de conceitos, da alma ao mais profundo centro. E este caráter totalizador da experiência mística tem sua manifestação mais profunda e clara pela transformação da pessoa que vivência tal experiência. Aqui podemos dizer que a pessoa entra em contato profundo com o eu de forma mais plena exercendo sua individualidade, liberando assim novas fontes de energia que se renova permanentemente. Pelo caráter profundo e global da experiência exige discernimento que se da pela qualidade da Presença e pelos estados de ânimos,

⁶ Velasco aponta algumas razões a primeira: a defeituosa orientação do olhar (Plotino), o buscar fora , quando esta dentro (Santo Agostinho), e mais geral a falta de disposição da pessoa, por estar suficientemente purificada. A segunda razão que para ele é a mais decisiva: a realidade a que viemos referindo-se como a Presença é Presença no sentido mais forte e rigoroso do termo, não como um objeto, mas algo que supõe uma resposta, uma acolhida, uma aceitação e um reconhecimento.

⁷ A fé como confiança nessa realidade última, que promove abertura do sujeito. A fé atitude de disposição para viver a experiência da Presença originante.

de afetos da consciência e do sentimento, com moções interiores produzidos pela Presença.

2.1.2.2 Passividade

É a superação clara do conhecimento próprio da consciência ordinária. A experiência mística radicaliza neste traço, presente em todo o conhecimento humano e no conhecimento religioso ordinário de Deus. É o silenciar consciente que permite escutar e entrar em profunda intimidade com o Mistério. Passividade não deve ser entendida como sinônimo de inatividade, ociosidade ou inércia, pois é vivida pelo sujeito no sentido de seu fim, ou seja, sua busca pela união, onde Deus somente pode ser conhecido na medida em que anterior a si mesmo e já presente nele se der a conhecer.

2.1.2.3 Experiência imediata por contato com a realidade experimentada

É uma característica difícil de ser compreendida e explicada no fenômeno místico. O conhecimento experiencial é o contato direto, imediato, sem qualquer tipo de mediação do sujeito com a realidade experimentada, provocando um desvelamento, podemos dizer que é a queda dos obstáculos que impedem a visão, superando assim situação de engano e ilusão, para um processo de libertação. Nas experiências místicas do budismo e hinduísmo é entendida esta característica como um despertar ou uma iluminação que põe a pessoa em contato com a verdadeira realidade.

2.1.2.4 Experiência frutiva

Nas experiências místicas esta característica se refere a sentimentos totalmente novos em relação aos que já haviam sido experimentados em outros momentos. Tais sentimentos: gozo, alegria, paz por serem indescritíveis pelas palavras são expressos muitas vezes pelas lágrimas. Tal experiência revela a peculiaridade dos sentimentos descritos em expressões ambivalentes e paradoxais que se aproximam dos elementos que Rudolf Otto propôs em sua clássica descrição da experiência do Mistério numinoso que surpreende o sujeito

que é *mysterium tremendum* e que ao mesmo tempo cativa e fascina o *mysterium fascinans*.

2.1.2.5 Simplicidade ou singeleza

Para chegar à simplicidade da experiência mística é necessário um processo de purificação ascética que comporta a mais radical simplificação e redução à unidade e à simplicidade. Este desprendimento leva a pessoa que se coloca todo em relação com Deus a penetrar no ser verdadeiro, a aceitar ser o próprio Deus, experimentado nesta vivência de unidade e simplicidade. É o amor sentido e vivido.

2.1.2.6 Inefabilidade

A inefabilidade se refere a interpretações dos místicos e estudiosos da mística quando tentam expressar em palavras o que é impossível, por se tratar de uma experiência que o transcende. A mística é inefável, mas os místicos falam, recorrendo à linguagem simbólica, utilizando símbolos comuns como a noite, o vazio, o silêncio ou inventando uma nova linguagem. O místico não diz o que quer dizer, pois insiste constantemente em falar do inefável. Por isso na hora de descrever tal experiência utilizam de comparação.

Tudo descansa sobre a atividade simbólica na qual o sujeito aflora sua consciência e comunica o mais além de si mesmo, pelo que sente habitado, de cuja presença não pode prescindir, e que tão pouco pode captar diretamente como capta os objetos. (VELASCO, 2009, p. 348)

2.1.2.7 Experiência certa e obscura

Se por uma parte a certeza da experiência é o resultado do contato do sujeito com a luz superior da realidade contemplada, esta certeza não se vê ameaçada por sua fragilidade e limitação. O desafio da própria razão passa a ser a dúvida que o sujeito vive desta experiência certa e ao mesmo tempo obscura. Aqui aparece o dado da fé, experiência de fé. A fé como experiência da visão imediata de uma realidade que não pode ser empiricamente nem racionalmente

provada, porém que é tão imediata como uma experiência sensível e inteligível. (PANIKKAR, 2005, p.86)

Além dos traços acima apresentados, Velasco fala do processo místico e suas etapas sendo a culminação do processo as formas mais perfeitas da experiência mística: contemplação, iluminação ou êxtases do místico. Esse processo contém três momentos tradicionalmente designados via: purgativa, iluminativa e unitiva o que significa dizer: fases de preparação ou purificação, da iluminação e da união⁸.

No budismo e no hinduísmo este processo de fases ou etapas se refere ao caminho para designar o conjunto de práticas corporais, intelectuais, afetivas e morais que são indispensáveis para chegar ao estado onde se produz, acontece a iluminação e a libertação. (VELASCO, 2009, p. 308)

2.1.3 Núcleo originário da experiência mística

Velasco vai mais além, na busca pela compreensão de tais experiências e propõe identificar um núcleo originário da experiência mística.

Para este autor as propriedades da experiência mística remetem a um núcleo que as origina. Esse núcleo pode ser detectado em quatro expressões: a contemplação, a união, o êxtase e o estado teopático. (VELASCO, 2009, p. 358).

A palavra contemplação muito utilizada na tradição cristã, tendo sua origem na Grécia, mais precisamente em Platão, possibilitou, por exemplo, aos primeiros pensadores cristãos os recursos para pensar a experiência de Deus.

Velasco não apresenta um estudo detalhado da contemplação neoplatônica, mas descreve brevemente o tipo de conhecimento que designa a palavra contemplação:

Remete a uma forma determinada e superior de visão e conhecimento, que se exerce em diferentes ordens da vida e se refere a uma forma peculiar de aplicação da atividade cognitiva, sensível ou intelectual, em

⁸ Na primeira fase de purificação que comporta inúmeros aspectos que podem ser agrupados em duas grandes seções: exercícios das condições morais com a prática de determinadas virtudes e que supõe uma vida religiosa já estabelecida e o desenvolvimento de práticas concretas para dispor a mente e a vontade do sujeito para a realização da nova forma de consciência e o desejo essencial para o contato com o Absoluto. A fase iluminativa consiste nas práticas das virtudes cristãs (fé-esperança- caridade). A união com o Absoluto com Deus, que passa pelas fases anteriores como caminho para a união.

relação com a natureza, à atividade estética e a vida religiosa. (VELASCO, 2009, p. 360)

O conhecimento contemplativo tem como características peculiares: uma particular e intensa atenção; uma concentração que o leva à unificação e simplificação do olhar, conhecimento sapiencial, com uma visão que penetra o interior da realidade em sua verdade. A contemplação é um conhecimento passivo. (VELASCO, 2009, p.366-367)

A união é a resposta aos anseios que os místicos carregam pela força atrativa do amor que lhe vem do próprio Deus, meio privilegiado para a união. O encontro com Deus a realizar-se na alma que é o centro profundo, tem lugar mais além das faculdades humanas, porém transformam essas mesmas faculdades:

O estado de união consiste na transformação total da vontade humana na divina, de modo que nela nada haja de contrário a essa vontade, mas seja sempre movida, em tudo, pela vontade de Deus. Por isso dizemos que, nesse estado, as duas vontades formam uma só – a de Deus (SÃO JOÃO DA CRUZ, 2005, p.26, no. 18)

Os escritos dos místicos são precisos quando revelam o que desejam: a união com Deus. Que pode acontecer de muitas maneiras e formas, e são expressas com os símbolos e as diferentes imagens. A descrição da essência mesma da união se esconde tanto quanto se revela através das imagens.

O êxtase é um momento na experiência mística particularmente intensa e extremamente perceptível no sujeito. Onde acontece a suspensão maior ou menor do uso dos sentidos e um estado da alma inteiramente embargada por um sentimento de admiração, alegria. No caso do êxtase religioso, um estado da alma caracterizado interiormente por certa união mística com Deus mediante a contemplação e o amor. (VELASCO, 2009, p. 399).

... uma enfermidade do espírito; um estupor intenso diante de coisas inesperadas e repentinas, a tranquilidade que experimenta o espírito quando esta em perfeito repouso; e vê-se embargado espiritualmente como fruto de uma possessão divina. (VELASCO, 2009, p 401).

Este fenômeno do êxtase tem grande importância, aparece em todas as manifestações da vida mística cristã, e ocupa um lugar em quase todas as descrições e interpretações que dela se tem dado. Tem como a união mística,

suas fontes na tradição bíblica e na religiosidade grega, filosofia platônica⁹ e neo-platônica¹⁰.

O termo estado teopático ressalta a situação à qual o sujeito místico chega depois de um longo processo:

É uma experiência que só é compreendida adequadamente como *epéxtasis*, tensão nunca liquidada, perfeição em processo permanente, em movimento sem fim pelo fato que seu fim é Deus, a realidade infinita *cuius regni non rit finis*, cuja natureza consiste em não ter fim. (VELASCO, 2009, p. 407)

Esse termo *epéxtasis*¹¹ foi utilizado por Gregório de Nissa para caracterizar a vida mística a partir do texto de Paulo¹² em que o Apóstolo se descreve esquecendo o que ficou para trás, avançamos para o que está adiante. Ele entende-o como núcleo originante e o caracteriza como uma tensão permanente originada pelo desejo de Deus que desperta na alma sua condição de imagem, que aumenta na medida em que se aproxima de seu objeto. (VELASCO, 2009, p. 407-408)

O termo teopático tem sua origem na passividade que caracteriza a experiência mística. Faz referência a uma experiência de padecimento: o sujeito padece recebendo de Deus a luz e o impulso indispensável para entrar em contato com ele, e sofre com o deslumbramento de sua luz que cega, com o esvaziamento e a purificação indispensável em acolher sua Presença. (VELASCO, 2009, p. 409).

A vivência da experiência comporta na zona das emoções e dos sentimentos: alegria e padecimento; exultação e serenidade; entusiasmo que sai de si e reconciliação interior; surpresa e fascinação; respeito reverente e amorosa intimidade; segurança absoluta e exposição ao máximo riso; sentimento de plenitude e radical esvaziamento, sentimento de indignação e auto-estima agradecida. (VELASCO, 2001, p. 65)

2.2 Mística Cristã

⁹ Platão concebeu uma ideia filosófica da mística, que descreveu como a ascensão da alma à contemplação espiritual de Deus.

¹⁰ A mística neo-platônica é o conhecimento de uma verdade oculta no mistério, um conhecimento que só aquele que se desliga do mundo pode, obter, podendo assim, contemplar mais profundamente o âmago da divindade.

¹¹ A experiência da extensão e da espera como chama Gregório de Nissa, essa tensão entre perceber e vislumbrar a experiência da presença de Deus.

¹² Da carta de Paulo aos Filipenses 3,13: “*Eu esqueço o que está atrás de mim, mas tento pegar o que está a minha frente*”.

O termo mística não aparece no Novo Testamento, nem nos Padres Apostólicos. Vai ser introduzido ao vocabulário cristão a partir do século III, com três sentidos: espiritual, simbólico e teológico, que seguem até nossos dias:

Místico designa em primeiro lugar, o simbolismo religioso em geral e será aplicado por Clemente e Orígenes, ao significado típico ou alegórico da Sagrada Escritura que origina um sentido espiritual ou místico em contraposição ao sentido literal. Em segundo lugar, próprio do uso litúrgico, remete ao culto cristão e a seus diferentes elementos. Assim Santo Atanásio fala do cálice místico da celebração da eucaristia. Neste âmbito cultural místico significa o sentido simbólico, oculto dos ritos cristãos. E em terceiro lugar místico em sentido espiritual e teológico, se referindo às verdades inefáveis, ocultas do cristianismo (Orígenes, Metodius de Olímpia) as verdades mais profundas, objeto, portanto de um conhecimento mais íntimo. (VELASCO, 2009, p. 20)

2.2.1 O núcleo da experiência mística cristã

A mística cristã surge da manifestação do Mistério requer referência à Revelação. A Palavra com a qual o Mistério desperta a profundidade do homem e a remete ao mais além sempre inalcançável que ressoa nelas, quer dizer, na profundidade do sujeito e na palavra que a provoca. (VELASCO, 2009, p. 219).

A mística cristã implica uma correspondência entre experiência e Revelação cristalizada na Escritura, significa a sabedoria que nasce da contemplação do Mistério recebido pela Escritura e vivido na fé da Igreja.

A essência da revelação cristã está no fato de que os discípulos de Jesus afirmam, a partir do trato experiencial com ele, que neste homem, em sua vida e mensagem, em seu agir e na maneira em que morreu em toda sua pessoa enquanto homem, a intenção de Deus com respeito a humanidade - e nela o caráter próprio de Deus - tornou-se na mais alta medida revelação e entrou na consciência humana: segundo esta experiência de fé, Jesus é o lugar em que Deus se revelou de maneira mais decisiva. (SCHILLEBEECKX, 1994, p. 47).

Caracteriza também a mística cristã uma configuração trinitária do conteúdo da experiência que aparece claramente na imprescindível dimensão cristológica de todas as formas de místicas cristã. (VELASCO, 2009, p. 221)

A Experiência do Mistério descrita como identificação com Cristo mediador. Em Cristo, o Mistério cristão conhece por experiência que Deus é amor. Configurado com Cristo no Espírito doado pelo Filho, torna-se também ele capaz desse amor sobrenatural que é o amor de Deus criador por toda a

criação¹³. A mística cristã tem um desdobramento comunitário, uma dimensão eclesial, pois implica o cuidado com os outros, uma ética. “Os místicos declaram que o fim último de sua vida espiritual é a obtenção da perfeição, que consiste no amor e se expressa primariamente no amor realista e serviçal ao próximo.” (VELASCO, 2001, p.81)

Experimentar Jesus Cristo como presença na vida pessoal sempre foi o central da mística cristã. Os Evangelhos mostram como Jesus revelou o seu Pai ao mundo e a promessa de enviar o Espírito Santo para continuar sua obra. A crença em Deus como uma Trindade de pessoas foi fundamental para o cristianismo e também para a mística cristã. Que é sempre trinitária, a Trindade aparece em uma variedade de formas e com diferentes ênfases entre os místicos. A essência da mística cristã é, portanto, Jesus Cristo.

A experiência cristã de Deus comporta a síntese de duas dimensões: a dimensão mística que se atualiza na relação e no encontro pessoal graças ao Espírito com Deus em Jesus Cristo, caminho para o Pai, lugar e sacramento do encontro com ele. E a dimensão prática, que comporta a encarnação na própria vida das atitudes, sentimentos e comportamentos de Jesus Cristo. (VELASCO, 2001, p. 106).

2.2.2 Etapas da mística cristã

Os momentos importantes na história que caracterizam etapas da mística cristã segundo McGinn¹⁴ são:

A primeira grande etapa de explícita mística cristã pode ser chamada de Mística Monástica, a partir do século III até o século XII, um longo período onde a mística é marcada pela vida de oração, abertura ao transcendente na busca pela união com Deus. Tem seu início com os eremitas ou anacoretas, que se separam do mundo para buscar a união com Deus através da oração e das práticas ascéticas.

Nesta experiência encontra-se o germe e a origem de uma nova instituição, o monacato e posteriormente as diferentes formas de vida religiosa. O

¹³ A experiência do amor de Deus segundo a Primeira Carta de São João 1,4,10 : *“Nisto consiste o amor: não fomos nós que amamos a Deus, mas foi ele que nos amou”.*

¹⁴ Bernard McGinn (1937) teólogo, historiador e estudioso de espiritualidade. Ocupa a cátedra Naomi Shenstone Donnelley na Divinity School da Universidade de Chicago. Especialista na história do pensamento cristão. É autor de oito livros.

monacato surge no Egito, entre os anos 310-341, onde vive o seu período de expansão e desenvolvimento.

Santo Antão (356) é o primeiro anacoreta e por isso conhecido como o “Pai dos monges”. Ainda neste período destacamos São Basílio (329-379), Santo Agostinho (345-430). A vida intelectual do ser humano esta intimamente unida à vontade e influenciada por ela. A vontade e o amor tem a função de união e separação; São Bento (480-547) pai do monarquismo ocidental, recupera a dimensão contemplativa; São Bernardo (1090-1153) que captou o divino num ímpeto de amor; Hildegarda de Bingen (1098-1179) mística e visionário.

A segunda etapa por volta 1200, com presença das místicas e teólogas mulheres e de novas formas de vida religiosa: as mendicantes e beguínas¹⁵, e os leigos que criam novas formas de mística, com os textos da Sagrada Escritura que permeiam suas orações. A mística leiga já presente no mundo protestante. Com a emergência de uma nova mística. Com a distinção da teologia mística prática e teologia mística especulativa. A mística tornou-se a mística da ação, vivida pela reforma carmelita com os dois grandes místicos espanhóis: João da Cruz (1542- 1591) e Teresa Jesus (1515-1582). Na França com a influência de Francisco de Sales (1567-1622), reconhecido como pai do humanismo cristão, com sua obra a Introdução à vida devota, com o objetivo de iniciar o cristão nas práticas das virtudes e da oração mental. Tentava apresentar todos os aspectos de um amor de Deus a ser vivido em todos os estados de vida. Esta nova mística foi um fenômeno diverso que envolveu tanto o período da Idade Média (1220-1500) e o início da modernidade (1500-1650). Encontrando expressão não só entre os católicos, mas também entre alguns protestantes.

Destaque neste período para São Francisco de Assis (1182-1226) foi o símbolo da virada mística, onde a salvação consiste na união com Deus; Meister Eckhart (1260-1327) a relação entre Deus e o homem até a identificação; Santa Catarina de Sena (1347-1471), Tomás Kempis (1380-1471), Julian de Norwich (+ 1416/1419), Nicolau de Cusa (1400-1464), Santo Inácio de Loyola (1491-1556) cuja experiência partiu da convicção de que o espírito de Jesus esta dentro de todas as pessoas e de todas as coisas.

¹⁵ Algumas beguinas: Matilde de Magdesburgo (1207-1282), Marguerite Porete (1260-1310).

A terceira etapa no final do século XVII. A nova visão, iluminista da autonomia do homem secularizou a cultura e a religião, o empenho dos místicos diminuiu, temos a chamada crise mística. No decorrer do século XVIII, o pastor protestante P. Poiret (+1719) tradutor infatigável de místicos católicos em ambiente protestante da Alemanha, pondo-se na linha da mística narrativa, com a acolhida do patrimônio místico, com atitude de compreensão, leva ao conhecimento dos protestantes os místicos católicos. A mística não mais ligada ao mundo monástico ou clerical, mas leiga. A chamada crise da mística, até o final do século XIX, a mística foi atacada e criticada tanto dentro da Igreja (Controvérsia Quietista)¹⁶, como fora dela (cultura e pensamento iluminista).

Neste período encontramos: São Luiz Maria Grignon de Monfort (1673-1716); Santo Afonso Maria de Liguori (1696-1787) que convida a prática da meditação do amor de Jesus Cristo por todos, sendo esta a devoção das devoções, João Henrique Newman (1801-1890); Carlos de Foucauld (1858-1916) para ele não existe distinção entre a vida eucarística contemplativa e as obras sociais junto aos pobres; e Santa Teresa de Lisieux (1873-1897) ambos contribuem para a harmonia entre vida contemplativa e apostolado.

E uma quarta etapa onde no século XX, início de 1900, recordamos de Teilhard de Chardin (1881-1955) com sua visão de um universo que se desenvolve e se move para um centro personalizado da consciência, identificado com o Cristo cósmico da tradição paulina. Viu o aparecimento da New Age, na busca por uma experiência voltada para o interior da pessoa; a repercussão na vida religiosa de alguns fenômenos como o feminino, o ambientalista; a realização do Concílio Vaticano II acentuando as imagens bíblicas da Igreja como povo de Deus e corpo de Cristo e a dignidade humana em seu aspecto mais sublime à comunhão com Deus. Ainda nesta etapa: Thomas Merton (1915-1968) a busca da autenticidade cristã entre a contemplação e o compromisso ativo pela justiça; Madeleine Delbrel (1904-1964); Dorothy Day (1897-1980) em ambas o ideal do amor cristão é a união entre vida interior e serviço ao próximo; Karl Rahner (1904-1984) onde todas as ações dos seres humanos são positivamente orientadas para o mistério de Deus.

¹⁶ Quietismo do latim *quies* (quietude) consiste numa forma de mística cristã, particularmente católica, cujo conceito fundamental determina que o homem deve abandonar seu próprio eu, transferindo-o totalmente a Deus, para viver em plena paz, o que é alcançado pela prece íntima na contemplação de Deus.

Todos estes homens e mulheres das etapas acima apresentadas buscaram e encontraram no cotidiano de suas vidas a experiência de Deus, e Karl Rahner¹⁷, escreve em diferentes ocasiões belas páginas sobre a experiência de Deus, do Espírito, da graça, no meio da vida cotidiana, que constituem o que ele denomina a mística do cotidiano.

Vivenciar o mistério intangível, Deus. Vivencio Deus nos encontros diários com as pessoas, no cumprimento das tarefas diárias, mas também em extraordinárias experiências transcendentais, que posso realizar no silêncio, na meditação, no serviço a Deus, na natureza. (GRÜN, 2010, p.100).

Ao tratar da mística cristã, Panikkar¹⁸ em seu livro *De La Mística, experiência plena da Vida*¹⁹, diz que o símbolo da mística cristã é Jesus Cristo, a contemplação dos mistérios de sua Encarnação, Cruz e Ressurreição, nos pode levar a uma experiência humana e divina profunda.

A Encarnação, não é só a divinização de um homem, mas com ele todo o homem é divinizado, é também a humanização de Deus. Não se pode crer na Encarnação de Deus, no filho de Maria, a não ser como revelação de um mistério no tempo e na história. A experiência real de Jesus Cristo nos faz descobrir um Homem real que é seu Corpo (Matéria) como cada pessoa, e divino (Espírito) que é o que anseia, aspira ser cada pessoa. É a experiência que Deus é humano e o humano é divino, e este para ser divino tem que viver uma comunhão com a natureza divina. (PANIKKAR, 2005, p. 246-247).

A frase patrística de que Deus se faz homem para que o homem chegue a ser Deus não é uma metáfora piedosa, senão uma interpretação rigorosa do que diz o Prologo do Evangelho de São João, e da unanime tradição cristã. Deus não se faz senão que é Homem e nos dá a cada um de nós a possibilidade de chegar a ser o que ainda não somos. É o mistério do tempo. (PANIKKAR, 2005, p.248).

¹⁷ Karl Rahner (1904-1984) jesuíta, professor de Dogmática e História Eclesiástica, foi um dos teólogos mais influentes do século XX. A mais importante de suas obras teológicas são os Escritos de Teologia, além de outras significativas publicações. Participou da preparação e elaboração do Concílio Vaticano II.

¹⁸ Raimon Panikkar (1916-2010) Doutorado em Filosofia e Química em Madri e Teologia em Roma. Sacerdote Católico, grande promotor do diálogo inter-religioso.

¹⁹ *De la Mística Experiencia plena de la Vida*, nome da obra de Panikkar, plena de vida para não reduzir o homem apenas por ser racional, mas compreende este tanto o divino como o humano, neste caminhar para uma integração corpo, alma e espírito = Vida plena. Sendo a mística com uma dimensão essencial do homem nesta busca de uma Vida plena na experiência do encontro com o Mistério de um Deus encarnado.

A experiência da Cruz é a experiência da morte e ressurreição; do bem e do mal; do prazer e da dor; da alegria e da tristeza; da humildade e do orgulho; da ternura e do desprezo; da reconciliação e do pecado; do desespero e esperança. O mal é incompreensível, porém tampouco é compreensível o bem. Na experiência da cruz descubro que não estou sozinho, o gemido e a sorriso, a tristeza e o gozo me faz em abrir os braços aos demais, à solidariedade, mas também aspiro abrir-me a transcendência vertical. O grito de desespero de Jesus na Cruz, que sai do mais profundo de suas entranhas. Jesus vive um sentimento de abandono. (PANIKKAR, 2005, P.348-251). “A cruz nos faz viver a condição humana em toda sua crueza até a morte e em toda sua glória até a Vida, revelando que a condição humana é também situação divina.” (PANIKKAR, 2005, p. 249)

A Cruz é interpretada demasiadamente como dor e morte, mas é também caminho de ressurreição. A experiência da ressurreição não é a experiência de uma vida de propriedade privada, é experiência de Vida, que é e era desde o Princípio, que simplesmente vive, palpita em toda a realidade, por esta comunhão e por conviver com esta Vida. Implica haver deixado morrer o egoísmo com tudo o que ele comporta. Se vive esta Vida na medida em que vai morrendo para o si mesmo. É o morrer para tudo o que impede de viver a Vida, em toda a sua humanidade.

A ressurreição não significa vida perfeita, mas processo pelo qual vão sendo eliminadas as imperfeições, para experimentar a Vida divina, porque Deus é igualmente humano e participa da humanidade de cada pessoa.

A ressurreição elimina o medo da morte e este é provavelmente o aspecto mais visível, uma vez que este medo não pode ser superado pela força de vontade.

A ressurreição é um ato constantemente renovado. E se morre diariamente, como diz o Apóstolo, também se ressuscita em cada momento. A experiência da criação contínua e continua ainda mais a da Encarnação, que leva consigo a ressurreição em cada instante. (PANIKKAR, 2005, p.255).

Para Maria Clara Bingemer²⁰, em sua obra *Mistério e o Mundo*, a experiência mística cristã é: Experiência cristã de Deus: encarnação e vulnerabilidade. Com um olhar ao Antigo e Novo Testamento, mostra a experiência do amor de Deus como algo dinâmico e radical, onde toda experiência de amar e ser amado caracteriza o caminho do povo de Israel. Chegando ao amor máximo na experiência primordial da Encarnação de Jesus Cristo, Filho bem amado de Deus Pai. Sendo a pessoa de Jesus, síntese perfeita entre o humano e o divino.

A revelação bíblica vê, portanto, na experiência do encontro humano com o Deus único, o Incondicional historicamente revelado, o fundamento da normatividade universal do seu *ethos*. A fé cristã afirma ser a experiência do encontro com esse Deus em Jesus Cristo a experiência de um sentido radical do existir, uma teonomia fundante da liberdade e responsabilidade pessoais, um enraizamento experiencial da pessoa no Incondicionado e no Absoluto com nome próprio e rosto amoroso que lhe assegura, a um só tempo, a liberdade e o limite. (BINGEMER, 2013, p.287)

Na mística cristã, Deus se faz humano, divinizando o ser humano, possibilitando que ele se torne cada vez mais divino em sua condição de criatura, em sua fragilidade. Esse duplo encontro entre a liberdade de Deus, que Transcende o humano, e a liberdade humana que em sua imanência busca a Transcendência, promove a experiência profunda do Mistério.

2.3 Mística e Secularização

Mística e secularização, duas palavras de difícil conceptualização dada à complexidade na definição dos conceitos e por depender ambas do contexto histórico e cultural. O que parece certo é que tem se buscado a investigação, reflexão e compreensão pelas diferentes disciplinas, num diálogo para explicar a relação do homem com a sociedade, a cultura e a religião.

O ser humano transita perplexo em meio aos desafios e demandas de uma sociedade em constante transformação técnica científica. A busca pelo silêncio, pela contemplação e por um encontro, experiência com o Mistério ainda se mantém em uma sociedade secular.

²⁰ Graduada em Comunicação Social, mestra em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica, e doutora em Teologia Sistemática pela Pontifícia Universidade Gregoriana. É professora do departamento de teologia da PUC do Rio de Janeiro.

2.3.1 Conceito de secularização

O conceito de secularização que aqui apresentamos é o de Berger por entendermos ser o que nos ajudará no desenvolvimento da pesquisa.

A secularização pode ser vista como um fenômeno global das sociedades modernas, de não uniformidade. Em cada sociedade ela tem um significado distinto, e pode ser definido como um processo pelo qual setores da sociedade e da cultura são subtraídos à dominação das instituições e símbolos religiosos. O termo secularização tem sua origem na esteira das Guerras de Religião e o seu derivado secularismo tem sido empregado como conceito ideológico carregado de conotações valorativas por vezes positivas e outras negativas. Tem valor positivo quando associada à libertação do homem moderno da tutela da religião. É vista de forma negativo em círculos ligados às Igrejas tradicionais e combatido como descristianização, paganização. (BERGER, 1985, 117-119)

No nível da história ocidental moderna, a secularização se manifesta como fenômeno sócio cultural, separação da Igreja e do Estado, expropriação das terras da Igreja, emancipação da educação do poder eclesiástico. No nível da cultura e dos símbolos é declínio dos conteúdos religiosos, nas artes, na filosofia, na literatura e na ascensão da ciência como uma perspectiva autônoma e inteiramente secular do mundo.

Para Berger, a secularização causou um colapso da plausibilidade, das definições religiosas tradicionais da realidade. Do ponto de vista subjetivo pode-se dizer que o homem comum não costuma mais ser muito seguro com os assuntos religiosos e interpreta o mundo sem recorrer à religião. De um lado, na secularização objetiva existe um pluralismo de tentativas de definições de realidades religiosas ou não que buscam adesão.

As tendências apontadas por Berger por vezes contraditória e plural onde: a religião é colocada no mercado, levando os grupos religiosos à competição, se vende e se compra. As instituições religiosas se tornam agências de mercado e as tradições religiosas se tornam comodidades de consumo, sendo a religião assim dominada pela lógica do mercado. E neste contexto de competição mercantil leva a uma racionalização das estruturas sócio-religiosas que se expressa no fenômeno da burocracia. As lideranças religiosas se

transformam em funcionários devido às exigências da burocracia que anulam as diferenciações das lideranças religiosas entre o profeta e sacerdote, estudioso e santo e assim por diante. E, por último a privatização da religião será mais facilmente comercializada ao se mostrar relevante para a vida privada. A privatização leva à ênfase das funções moral e terapêutica da religião. O laicato ganha importância enquanto representa uma população de consumidores. (BERGER, 1985, p. 149-158). E esse pluralismo leva à perda da plausibilidade.

Diante do contexto da secularização constata-se que em meio a tantas demandas e oportunidade apresentadas e propostas pela sociedade moderna, o ser humano ainda se move num terreno fértil de experiências de encontro e busca pelo transcendente. Contrariando as diferentes análises sobre o processo de secularização, como o eclipse ou o desaparecimento do sagrado, o sagrado persiste nas sociedades tecnicamente avançadas, pois indica e pressupõe uma necessidade meta-humana e uma ligação comunitária. (MARTELLI, 1995, p. 271-279) Tal como afirmavam Otto e Eliade do fenômeno religioso, a busca pelo numinoso, numa realidade sagrada e profana, mas que segue num desejo de encontro com o Mistério, o Sagrado de Deus em cada ser humano.

2.3.2 Características da modernidade no processo de secularização

Apoiando-nos na análise de Bingemer (2013), podemos distinguir algumas características da modernidade que importam para a reflexão sobre a secularização e para a reflexão sobre a mística: a) passagem do Teocentrismo ao antropocentrismo, onde Deus era o centro, agora passa a ser o ser humano; b) passagem da ciência tutelada, à ciência emancipada e autônoma buscando seu próprio método e caminho; c) a passagem da heteronomia à autonomia; d) a passagem da concepção de religião como explicação do mundo à concepção de religião como autoexplicativa por parte do ser humano; e) a passagem da concepção do saber e do conhecimento centrada em torno a reflexão teológica a uma concepção onde o ser humano e seu entorno vão ser as perspectivas a partir das quais se concebe e se entende o mundo e a realidade; f) a passagem de uma concepção de mundo onde a fé em Deus e na Igreja como instituição estavam no centro, para uma concepção onde a razão humana está no centro. O

ser humano com ser pensante é o centro da modernidade moderna e secularizada. (BINGEMER, 2013, p. 102)

Para ela, com o longo processo histórico da secularização, esta foi se tornando complexa ao longo do tempo e já não admite uma interpretação unívoca, pelo contrário, revela ter adquirido uma pluralidade de aspectos: não se pode ter um modelo de compreensão formatada, nem ver secularização como um sistema nocivo, onde a todo o custo se tem que recuperar a hegemonia da fé. A hierarquia seria superior a todo o custo, deixando de lado a humanização do homem. E a questão do conceito, o olhar a fenômeno da secularização diante da fé e da religião como possibilidades de síntese. Favorecendo um olhar não apenas negativo, mas com a existência de uma positividade presente no processo de secularização, que desafiam a fé, a religião e a teologia de maneira vital. (BINGEMER, 2013, p. 102-103).

2.3.3 Pontos de interface, uma presença positiva

No cristianismo histórico alguns elementos podem ajudar a ter um novo olhar na relação do ser humano com Deus, num contexto de secularização. Encontramos elementos que desafiam e convidam o ser humano a reelaborar sua compreensão e relação com Deus com o Mistério, na busca por uma experiência profunda. Entre os pontos de interface estão:

A concepção da Criação: o processo de secularização ajuda a humanidade a relembrar uma verdade que a revelação bíblica vai afirmar desde sempre: o mundo criado não é sagrado. Nada é divino fora de Deus. A criação pode ser um meio de chegar a Deus e perceber sua presença no mundo. Levando o ser humano a uma consciência do cuidado e uma sensibilidade para com toda a criação, numa dimensão ecológica.

A concepção de história: a história, em seus processos de injunções, também não é divina. A história como princípio meio e fim, e a autonomia do ser humano dentro da história e de sua história diante da Revelação.

A secularização certamente foi de grande valia para que no século XX, um teólogo como Karl Rahner e outros pudessem afirmar com base de sua compreensão da história que não existem duas histórias: uma transcendente, outra profana. (...) Encontram-se manifestação do Sagrado na história, embora a mesma história não seja divina. E na

Revelação bíblica, Deus se revela a Israel dentro de sua história, permanecendo nela presente e conduzindo o povo através daquilo que opera nas entranhas da mesma história. (BINGEMER, 2013, p. 104).

A compreensão do culto a Deus e da dignidade do ser humano: o processo de secularização traz a questão da emancipação e liberdade do ser humano, sua Alteridade para o centro da reflexão teológica cristã e para a vida de fé. Se o ser humano perder sua maneira de relacionar-se com Deus também perde sua maneira de relacionar-se com o outro, seu semelhante.

O mistério da Encarnação entendido como Mistério secular: é o centro da fé cristã, presente na história, Deus assume a nossa humanidade, na plenitude do tempo o Verbo se fez carne no ventre de uma mulher, Maria.

No cristianismo, a encarnação confirma a dignidade do mundo e do homem e sua diferença com Deus. A secularização aparece, pois, como a continuação, no tempo, de uma “desdivinização” do mundo e do homem por parte de Deus mesmo. E essa dessacralização é positiva, já que permite a Deus refulgir em meio à Criação na plenitude de sua divindade, ao mesmo tempo totalmente outro e radicalmente próximo da humanidade. (BINGEMER, 2013, p. 105-106).

A mística como um caminho e meio de encontro do ser humano com sua essência, na vivência de uma experiência com Deus, com o Mistério. Vemos que na história desde o início com o monacato homens e mulheres saíram para o deserto. O ser humano em sua busca é convidado a sair para um novo deserto da experiência de encontro com o Transcendente, com Deus, com o Mistério que está em cada um, por ser criatura, por viver um processo humano de crescimento até atingir sua meta última, sua essência humana e divina. “Deve haver aqui um aspecto espiritual, místico que busca, com humildade e confiança, uma interface na experiência de Deus comum a mais de uma tradição”. (BINGEMER, 2013, p. 128)

Diante da complexidade do termo mística, o desafio é seguir a investigação, na busca pela compreensão da mística, como fenômeno e experiência. Experiência libertadora, transformadora e geradora de nova consciência do ser e estar no mundo, da pessoa que vivência esta experiência de encontro e união com o Mistério, de forma imediata, direta resultando um rastro de amor. Fenômeno enquanto experiência humana.

2.4 Mística e Religião

Existe uma relação estreita entre mística e religião. Em toda experiência religiosa, existem elementos místicos, em todas as pessoas existe uma predisposição ontológica e psicológica para algo que a experiência mística assegura desenvolver em plenitude, que é a busca pela essência humana.

Por certo, mística e religião mantêm relações estreitas. Podemos constatar isso na presença de fatos místicos nas numerosas religiões e destacar os sinais próprios da atitude religiosa que comportam a maior parte das experiências caracterizadas como místicas, que se caracterizam sempre pela pergunta humana à acessibilidade ao Mistério, a Deus.

Duas correntes se destacaram na não aceitação da universalidade do fenômeno místico nas religiões. A primeira situa-se no campo da ciência das religiões e separa a mística da religião. A segunda corrente situa-se no terreno da teologia e desde princípios cristãos, vem se desenvolvendo, sobretudo na tradição protestante, que separa a mística da experiência cristã. (VELASCO, 2009, p.25)

Alguns dos estudiosos protestantes do fenômeno religioso como R. Otto, E. Troeltsch e A. Schweitzer superaram a oposição e sustentam a relação estreita entre mística e religião e a presença da mística na religião e no cristianismo. E a partir dos estudiosos do fenômeno religioso que prestaram atenção ao fenômeno místico em suas diferentes formas, que conduziram tanto os historiadores, fenomenólogos, psicólogos da religião como também os teólogos a considerar a mística como parte integrante da religião. Porém, ainda está longe de chegar a uma unanimidade nesta relação mística e religião, pela falta de uma explicação da forma concreta de relação vigente entre os dois fatos e a forma precisa da presença da mística nas religiões. (VELASCO, 2009, p. 29)

2.4.1 Fenômeno místico

Para McGinn a mística é a arte para descrever uma importante dimensão do fenômeno religioso e ao invés de tentar definir mística, apresenta três tópicos que para ele ajudam a entender tal fenômeno complexo e controverso, onde qualquer tentativa de definição seria utópica: mística como parte ou elemento da religião, em todas as religiões existe elementos da mística, e a mística é uma parte da religião; mística como processo ou modo de vida.

Processo este em três ou quatro camadas consecutivas; mística como uma tentativa de expressar uma consciência direta da presença de Deus, forma de união com Deus, particularmente uma união de absorção ou identidade na qual a personalidade humana se perde.

Para ele, místico é aquele elemento que na religião busca um contato profundo e transformar com Deus, é a consciência imediata da presença de Deus, essa imediaticidade descreve o encontro místico em sí:

Essa experiência é apresentada como subjetivamente diferente à medida que ela é afirmada como tendo lugar em um nível da personalidade mais profundo e mais fundamental do que aquele objetificável através das atividades conscientes comuns de sentir, saber, amar. (MCGINN, 2012, p.21)

Para Panikkar, a mística é um fenômeno de todos os tempos e lugares, representa uma invariante humana, ainda que não seja um universo cultural, pois cada cultura interpreta a invariante a sua maneira. A mística é então a totalidade da experiência, experiência plena da Vida. Para ele, a experiência é o resultado de múltiplos fatores, a saber: a experiência, a linguagem, a memória, a interpretação, a recepção e a atualização.

A experiência mística não separa a imanência da transcendência, ainda que nosso intelecto as distinga e se ele não o saber poderia ser uma característica fenomenológica da experiência mística, esta experiência é inefável, mediada e imediata.

A linguagem, da experiência é inefável, mas falamos dela, com o colorido e a partir de nossa cultura pessoal. A linguagem configura em si mesma a experiência vivida, expressada em forma de poesia, música, símbolo.

A memória, em seu sentido mais geral, que abarca tanto a recordação como a faculdade, o que interessa aqui é simplesmente o papel da mediação da memória no ato da consciência, ou seja, a reflexão é um ato de memória. E toda experiência humana mesmo que mística é também uma experiência corporal, ainda que não sejamos conscientes dela. Fica plasmada em nossa memória corporal.

A interpretação, não é a experiência, mas podemos distinguir a experiência da interpretação, mas não separá-las. A experiência pode ter várias interpretações. O que entendemos aqui por interpretação de uma experiência é o fazer invisível, isto é, conseguir se identificar com a mesma experiência, fazendo

crer que esta não se modifica, mas permanece a mesma experiência vivida pelo sujeito.

A recepção é a matriz cultural na qual realizam as operações anteriores. A atualização é o fator existencial de toda experiência, a tradução ativa e sua expressão na vida, seu poder de transformação, sua manifestação e sua práxis. Aqui se percebe a diferença fundamental entre uma construção meramente mental de uma experiência. Somente uma autêntica experiência pode transformar a vida, a realidade, em sua dimensão social, política e corporal da vida humana.

A experiência humana é como se faz um policromático que se concentra em uma luz branca que clareia e escurece; é simples, precisamente porque reúne em uma pericorese humana as dimensões do homem: e nela participam nosso corpo, nossa alma e nosso espírito, colocando-nos em contato com a Vida, com a realidade. (PANIKKAR, 2005, p.161)

A experiência é um elemento central, para uma fenomenologia da experiência mística, que além de uma atitude teologal, de abertura à ação de Deus, acrescenta a vivência nas diferentes dimensões da pessoa. Três elementos importantes para que se diga que de fato existe uma experiência mística:

A união íntima com Deus como conteúdo e meta da experiência. É a forma mais frequente de expressar o grau último, a essência, a forma mais perfeita da experiência mística. Ela remete a um ideal realizado de muitas maneiras dependendo, sobretudo da compreensão que a palavra “Deus” tenha no contexto vital e religioso ou não religioso do místico.

Nos primeiros séculos do cristianismo é escassa a presença desta expressão união. Por outro lado, no século XII, o vocabulário da união invade a literatura da experiência e sobre a experiência mística. Somente no século XVII os estudiosos da mística remetem a expressão união mística, a referência à união por parte dos místicos se alimenta em duas fontes: a Escritura, em especial, os escritos joaninos e paulinos; e a espiritualidade filosófica contida na tradição platônica e, sobretudo, em Plotino.

E para comprovar a importância da expressão união com Deus, na vida e na literatura mística, podemos observar os títulos e introduções dos comentários de São João da Cruz a seus poemas: Trata de como poderá a alma dispor-se para chegar à divina união (Subida); Declaração das canções e modo que tem a alma no caminho espiritual para chegar à união com Deus (Noite); Declaração

das canções que tratam da mais íntima e qualificada união e transformação da alma em Deus. (Chama). (VELASCO, 2008, p. 90-91)

Sua condição de experiência imediata na mediação da alma e o rastro que nela deixa a presença de Deus. Expressada em termos de união a experiência do místico parece chegar ao contato direto e imediato pelo qual o místico parece suspirar ao largo de todo o seu processo.

O conhecimento que tal união procura distingue-se de todas as outras formas de conhecimento: a diferença está na experiência tanto objetiva como subjetivamente mais direta às vezes imediata, da presença divina.

Nem nos momentos mais supremos termina de se romper a imagem desse doce encontro, que constitui a condição corporal, a vida da pessoa na terra. Por isso se diz de uma imediatez mediada no contato com Deus que procura a experiência mística, se trata de um contato imediato na medida em que nada além do sujeito em seu centro mais pessoal, sua essência irrompe entre a presença divina e seu próprio ser. Essa imediatez é mediada porque é a marca, o rastro da ação de Deus na alma, na alma convertida toda ela para perceber a Deus. (VELASCO, 2008, p. 92)

O amor como caminho e meio da união. O amor como meio privilegiado para a união, é preciso distinguir uma mística de espírito intelectual, na qual a experiência consistiria essencialmente na contemplação de Deus e seria, portanto, obra apenas da inteligência.

E outra de espírito afetivo para que esta união se realize por meio do amor, que tem na vontade seu desejo principal. A pessoa vive uma empatia, uma abertura pessoal para viver uma experiência profunda de união e intimidade com o transcendente, isto podendo acontecer somente se existiu o amor, amor capaz de romper com o próprio intelecto para viver uma total entrega e acolhida da novidade que vem da experiência vivida.

O encontro com Deus se realiza no mais profundo da pessoa, vai mais além dos atos próprios das faculdades humanas, e é pelo entendimento e vontade que acontece a união de Deus com o sujeito, o querer da pessoa no querer de Deus acontece esta união.

Na experiência o central do fenômeno místico é do fenômeno religioso, mas é essencial que: o primeiro e fundamental desta experiência é a atitude de

reconhecimento da presença originária, o consentimento a seu chamado, a entrega ao fundamento do Poder real:

É o que a fenomenologia da religião identifica como atitude religiosa fundamental, que as diferentes religiões realizam, em caminhos históricos determinados, sob formas distintas tais como: fé, esperança e caridade no Cristianismo; obediência fiel no Judaísmo; islã, submissão incondicional no Islamismo; realização da identidade com o Brahman, “tú és isso” no Bramanismo; *bhakti* entrega confiante na divindade em outras formas de Induísmo; *nirvana*, extinção do sujeito no mais além absoluto no Budismo. (VELASCO, 2001, p. 38)

Para Velasco, se tivesse que resumir num só traço, o peculiar da experiência mística em relação com o comum das experiências religiosas, diria que se trata de uma experiência imediata por contato amoroso com a realidade experienciada. “Imediata”, porque isso é justamente o que o místico sonhou ao longo de todo o processo. Daí que São João da Cruz, por exemplo, fale de sua experiência como “toques substanciais de divina união entre a alma e Deus”; “toque somente da divindade na alma, sem forma nem figura alguma intelectual nem imaginária”. Com uma imediatez que, dada à absoluta transcendência da Presença com a qual o sujeito entra em contato, não pode ser mais do que “imediatez imediata”, porém mediada na própria alma convertida em meio da experiência da união.

2.4.2 Religião e secularização

Apresentamos até aqui um estudo para a compreensão do conceito de mística, como vimos é de difícil compreensão e definição dada à complexidade do termo. Mas nos ajuda em nossa reflexão a mística como experiência, experiência do inefável, de Deus. Segundo Bingemer existe hoje um primado da experiência e uma crise da religião, porém a religião ainda continua sendo objeto de observação e estudo. Para ela em meio à crise da religião existe uma busca de Deus e o desejo de espiritualidade, e apresenta alguns traços da cultura secular nesta crise da religião: Secularidade e apogeu do real se de um lado é negada a importância da religião, ela mais do que nunca faz parte do cotidiano das pessoas.

Essa religiosidade difusa e fluida, que cresce a margem da religião institucional, apresenta certa nebulosidade simbólica e um consumismo de sensações que gera nos indivíduos e grupos mais críticos e céticos indiferença religiosa e incredulidade. (BINGEMER, 2013, p. 113)

Outro traço é antropocentrismo e autonomia do humano, se na Idade média todas as coisas tinha por medida Deus, na modernidade o ser humano passa a ser a medida. O homem moderno por antonomásia é, portanto, em geral, considerado com um ser que dispensou Deus, que se emancipou do religioso e que não mais considera sua vida dependente desse aspecto. (BINGEMER, 2013, p.114). Neste contexto o ser humano vive uma intensa individualização, existe uma enorme solidão e sede do mistério.

Hegemonia da razão, poder da ciência, desmando da técnica é outro traço que apresenta Bingemer. É o domínio econômico.

O momento em que vivemos é denominado, do ponto de vista econômico ou tecnológico, de globalização neoliberal. O dinamismo do sistema econômico de livre mercado capitalista, com instrumental da aplicação sistemática de uma ciência e uma técnica funcionais, adquire dimensões planetárias. (BINGEMER, 2013, p.122)

Nesse traço da hegemonia da razão, poder da ciência, desmando da técnica, será possível uma articulação positiva entre a fé e a ciência.

Outro traço é a pluralidade e o fim das unicidades. A pluralidade existe esta presente desde os primórdios. O processo de secularização, com a autonomia da razão, o racionalismo e a crise das instituições trouxe novos elementos para um quadro onde a homogeneidade já estava, senão rompida, ao menos questionada. (BINGEMER, 2013, p. 126) A modernidade não liquidou a religião, mas esta ressurgiu com nova força..

Profanidade do mundo e silêncio de Deus, neste traço a secularização pretendeu banir da consciência humana a fé em Deus. Estamos diante de uma indiferença religiosa que não se preocupa minimamente em dar-se ao trabalho de raciocinar sobre a existência de Deus. (BINGEMER, 2013, p.131) Diante disto parece que Deus silenciou.

Outro traço é o ateísmo teórico e prático. O desafio de crer na contemporaneidade complexa e plural que é a nossa tem sido, pois, o tema de muitas obras de renomados teólogos da atualidade. (BINGEMER, 2013, p.135) Existe um distanciamento de tudo o que se refere a Deus.

Outros traços são: o vazio do sentido, a atrofia da liberdade, sede do absoluto. O vazio de sentido esta associado ao sentido da vida, da existência humana. A liberdade do ser humano atrofia quando este não se vê capaz de viver

sua autonomia. A sede do absoluto existe uma sede pelo Mistério e pela mística, mesmo com a secularização.

Neste capítulo tratamos o conceito de mística e percorremos um caminho com o sentido geral da mística; a mística cristã; a mística e a secularização; e a mística e a religião. Tendo como elemento importante a experiência do Mistério, de Deus. Abrindo uma porta para entrarmos no segundo capítulo a espiritualidade do Pe. Chaminade. De sua espiritualidade temos o desafio de apontar elementos de uma mística marial. Para chegar aos elementos da mística marial vamos apresentar a espiritualidade mariana da época do Pe. Chaminade, fazendo a narrativa de sua experiência mística vivida aos pés da imagem da Virgem do Pilar em Zaragoza na Espanha, onde ele viveu uma experiência profunda de Deus, tendo Maria como caminho e meio desta experiência. E o seu retorno a França, com os novos desafios de evangelizar uma sociedade em pleno processo de secularização e com os estragos gerados pela Revolução Francesa, tanto a nível da pessoa, sua moral, como os danos materiais.

3 Capítulo 2 - ESPIRITUALIDADE DO PE.CHAMINADE: Uma Mística Marial no seio da Espiritualidade Mariana

A proposta deste capítulo é apresentar a vida e espiritualidade de Pe. Chaminade no contexto da pós Revolução Francesa, onde ele viveu e orientou toda sua missão apostólica. A história da espiritualidade mariana de sua época e os elementos de uma mística marial, isto é, de uma profunda experiência com Deus, revelando uma espiritualidade mística, tendo Maria como ícone do Mistério da imediaticidade mediada²¹.

Pe. Chaminade foi um sacerdote diocesano que se destacou pela profundidade com que viveu a espiritualidade mariana em tempos de secularização. Durante a Revolução Francesa, por não aceitar juramentar a constituição civil do clero que o impedia de exercer seu ministério, por permanecer fiel ao Papa, foi alvo de perseguição.

Durante esse tempo desenvolveu sua missão pastoral, vivendo disfarçado para poder atender aos fiéis que o conheciam e esperavam por sua presença nos momentos difíceis da Revolução Francesa. Viveu nesta condição até ir para o exílio na Espanha, em Zaragoza, onde permaneceu por três anos. No exílio viveu uma experiência espiritual junto aos pés da Virgem do Pilar, padroeira da Espanha, experiência que o marcou profundamente. Seu exílio, como veremos, contém elementos de uma mística marial.

Sua experiência o leva a contemplar o papel e a missão de Maria no mistério de Cristo e da Igreja, antecipando um modo de espiritualidade mariana, proposto pelo Vaticano II, no capítulo oitavo da *Lumen Gentium*. Como desdobramento dessa experiência, diante de Maria, ele traça um itinerário para um culto a mesma, no qual destaca a importância de sua presença na vida do povo, com um novo olhar à devoção mariana que, em sua época, estava permeada pelo quietismo e jansenismo. Pe.Chaminade vê que Maria é importante na vida do fiel e, para ele, essa consideração que o fiel tem para com Ela pode vir a ser um caminho para uma profunda experiência de encontro com Deus. Ao imitar e reproduzir as virtudes de Maria, ele chegará à conformidade com Cristo.

²¹ Imediaticidade mediada ou imediatez mediada. Experiência imediata por contato direto com a realidade experimentada. A marca da ação de Deus no homem, de seu toque substancial, o que o sujeito experimenta e nela descobre o rosto do amado que o leva em suas entranhas desenhado.

Esse é o essencial da sua espiritualidade mariana: imitar Maria para se chegar à conformidade com Cristo, que se desdobra em uma atitude de piedade filial para com a mãe de Jesus.

3.1 Pe. Chaminade - um Missionário Apostólico

Guilherme José Chaminade nasceu em Perigueux, capital do antigo Perigord, na França, no dia 08 de abril de 1761, veio de uma família numerosa e era o décimo quarto filho, o mais novo do casal Blas Chaminade e Catalina Béthon. Com dez anos entra no Colégio Seminário de São Carlos em Mussidam, onde também estudava seu irmão Luís Javier. Entre os responsáveis do colégio está seu irmão mais velho João Batista Chaminade, que foi jesuíta. (BENLLOCH, 1988, p.15-16)

Desde muito jovem, Pe. Chaminade nutriu uma devoção e um amor a Maria, que o acompanhou por toda sua vida.

Um fato na época de estudos primários o marca para sempre: quando teve um ferimento no pé, que não conseguia curar, seu irmão mais velho João Batista, recorre, de maneira especial à Maria e este fica curado. Este acontecimento ocupou um lugar importante em sua devoção, porém, não fez disto a base daquilo que transmitiu por sua vida e em seus escritos. Ele aprofundou o papel de Maria no mistério da salvação. Anexo 1, p. 99.

Em 1775, aos 14 anos, mesmo estando no colégio seminário de Mussidam, faz sua entrega a Deus, fazendo, em privado, os votos de pobreza, castidade e obediência. Em 1782, seu irmão João Batista Chaminade, é nomeado Superior do colégio de Mussidam e Pe. Guilherme Chaminade passa a ser o ecônomo. Em 1785, aos 24 anos, já doutor em teologia, é ordenado sacerdote. (BENLLOCH, 1988, p. 16)

Com a Revolução Francesa, em 1789, não presta juramento a constituição civil do clero, permanecendo fiel, unido a Igreja de Roma e ao Papa, por isso, foi perseguido e correu risco de vida, mesmo assim consegue permanecer na França, disfarçado de vendedor ambulante por algum tempo, e segue exercendo seu ministério sacerdotal. É uma época de terror, onde 300 pessoas são guilhotinadas em Bordeaux, dos quais muitos deles amigos seus no sacerdócio.

Vem um tempo mais difícil. Em 1797, é exilado na Espanha em Zaragoza, aonde chega às vésperas da festa da padroeira, Nossa Senhora do Pilar, em 11 de outubro de 1789. Durante três anos permanece exilado, vive momentos de dificuldades, mas também de amadurecimento, crescimento na fé, momentos profundos de oração, experiência de Deus. Segundo a tradição marianista, é aos pés da Virgem do Pilar que Pe. Chaminade tem suas primeiras intuições da fundação de ordens religiosas. Ele vê em Maria a mulher forte, que poderia ajudar a restaurar a fé na França. (CARDENAS, 2004, p.41-43) Anexo 2, p. 100.

O ambiente do exílio em Zaragoza, contava com uns trezentos sacerdotes franceses, vivendo em circunstâncias difíceis, devido ao contexto cultural, além das dificuldades econômicas e a preocupação constante com o futuro espiritual da França. Dentre os exilados estava Tomas de Casteran, administrador das dioceses de Auch e Bazas, no sul da França, e Monsenhor Tour du Pin Montauban, Arcebispo de Auch. O Pe. Chaminade, no seu retorno à França, vai ser administrador da diocese de Bazas, da qual o Arcebispo Tour Du Pin o encarregará e de quem ainda terá apoio, junto a Santa Sé, no pedido do título de Missionário Apostólico. No exílio, os sacerdotes franceses organizaram um seminário para a formação dos futuros sacerdotes para o momento de retornar à França. (CARDENAS, 2004, p. 41-42).

“Não sabem mais que viver juntos, diante de seu isolamento, suas alegrias e suas tristezas, seus recursos e sua penúria, tudo o que possuem é comum: uma carta, uma notícia da França que os afligem e consola, como que convém a um irmão; os veem juntos nos passeios, nas cerimônias religiosas, e esta fraternidade sacerdotal ganha os corações” (BENLOCH, 1988, p.46-47)²²

Em 1800, regressa à França e encontra um país destruído pela revolução, onde predomina a razão, distante da fé. Com o desejo de fomentar a fé na França e fazer crescer o amor a Cristo e à Igreja, solicita, ao Papa Pio VII, o título de Missionário Apostólico, único título que buscou, pois o investia de uma missão eclesial. Pe. Chaminade via neste título uma derivação e uma participação no apostolado de Jesus Cristo. Trinta e oito anos depois, Pe. Chaminade, em

²² Citado por J.Delbrel, le clergé français réfugié en Espagne pendant la Revolution, na Revista “Etudes religieuses, philosophiques, historiques et littéraires”, t. LIV, Setembro-Dezembro 1981, p.265.

1838, escreveu ao Papa Gregório XVI, traçando o conjunto de seu itinerário espiritual:

“Em oposição à poderosa corrente do mal, o Céu me inspirou no principio deste século, a solicitar a Santa Sé cartas patentes de Missionário Apostólico com o fim de reavivar e voltar a acender por todas as partes a divina chama da fé, apresentando em todas as partes diante de um mundo de assombrada massa imponentes de cristãos católicos de todas as idades, sexo e condição social, que reunidos em associações especiais, praticassem sem vaidade e sem respeito humano nossa santa religião, em toda pureza de seus dogmas e sua moral. Envolvido por este pensamento e instigado por dignos prelados abri minha alma inteira com humildade súplica e aos pés do Papa Pio VII, que dignando se a escutar favoravelmente o meu pedido, me concedeu os mais amplos poderes por um Decreto de 28 de março de 1801”.
(CHAMINADE, Carta ao Papa Gregório XVI de 16 de setembro de 1838)

Neste mesmo ano, no dia 08 de dezembro de 1800, tem início as Congregações Marianas, movimento de leigos principalmente de jovens, onde cada congregante de qualquer idade, sexo ou estado civil, estava encarregado de introduzir, por toda parte, o espírito de fé, de religião e de multiplicação dos cristãos e vivia este dinamismo evangelizador às ordens de Maria. (BENLLOCH, 1988, p.17)

“ Durante alguns anos, a Igreja de Jesus Cristo teve o consolo de ver estabelecer e aumentar consideravelmente dia após dia, na cidade de Bordeaux, uma agrupação de jovens, de ambos os sexos, sobre a proteção e nome da Imaculada Conceição da Santíssima Virgem Maria Virgem, Mãe da juventude. Sacerdotes e leigos, de idade madura e piedade sólida, tem sido particularmente dedicada a animar e consolidar esta obra de salvação; tudo dá lugar a esperança, que mediante a graça de Deus, esta semente interessante dos servidores de Maria, esta chamada a propagar o espírito religioso e de fervor nos diversos estados da sociedade que esta chamada a ocupar no dia de amanhã”.
(CHAMINADE Carta destinada a Sua Santidade o Papa Pio VII)

No ano de 1808, conhece Adela de Trenquelleon (1789 - 1828), jovem da nobreza francesa que coordenou uma associação de jovens que viviam algo semelhante às congregações marianas orientadas por Pe. Chaminade. Junta-se a ele numa missão comum. As jovens orientadas por Adela se associam as congregações marianas. Juntos, Pe. Chaminade e Adela, fundam, em 1816, a Congregação das Filhas de Maria Imaculada, as Marianistas, na cidade de Agen, França - um sonho antigo alimentado por Adela. Um ano depois, em 1817, nasce a Companhia de Maria, os marianistas, na cidade de Bordeaux, França. Assim, Pe. Chaminade vê realizando as intuições que teve aos pés da Virgem do Pilar.

Dois institutos religiosos consagrados a Deus, a serviço de Maria. Anexo 3, p. 101 e 4 p. 102.

Pe. Chaminade escreve a Adela em 1814, tratando do projeto de vida religiosa que vai se consolidar em 1816 com a fundação das Filhas de Maria Imaculada.

“ As religiosas chamadas Filhas de Maria, não são senão Congregantes chamadas a cumprir de um modo especial mais perfeito os três grandes deveres da devoção a Santíssima Virgem e sobre tudo o ultimo pela imitação atual das virtudes de Maria. O Amor de Jesus Cristo, Filho de Deus e Filho de Maria, inspira esta ardente caridade pela salvação das almas, que é o objeto de todas suas ocupações. A virtude de zelo de Maria e a confiança em sua poderosa proteção sustentam contra todas as dificuldades que possam experimentar no exercício de sua vocação. Podem fazer votos perpétuos; porém depois de haver passado cinco anos no Instituto, dois de noviciado e os votos trienais que se renovarão todos os anos em Conceição da Santíssima Virgem” (CHAMINADE, Carta a Adela de Trenquelleon de 01 de dezembro de 1814) Anexo 5, p. 103

Podemos observar o caráter cristocêntrico e mariano que está na base do estado religioso como concebeu Pe. Chaminade, que vem expressado por uma fórmula que vai ser característica do Fundador. A motivação interior da consagração e exterior do apostolado da vida religiosa marianista, tem seu fundamento no amor a Jesus Cristo, Filho de Deus e Filho de Maria. Primeiro, Jesus como Cristo; segundo, na interessante união das duas naturezas de Cristo, com a dupla filiação de Deus e de Maria. (CARDENAS, 2004, p.183)

Pe. Chaminade, ao estudar a história da Igreja e ao meditar a maternidade divina de Maria, teve o vivo pressentimento do papel apostólico que a Virgem estava chamada a desempenhar nos tempos modernos. Por isso os religiosos e as religiosas vivem uma aliança com Maria, onde todos são chamados à missão primeira de deixar-se formar por Maria, a semelhança de Jesus. É uma aliança que os impulsiona para a missão de evangelizar.

A Família Marianista, se constitui por homens e mulheres chamados a seguir Jesus Cristo, Filho de Deus, feito Filho de Maria, para a salvação da humanidade. Comunidades de vida e missão onde devem viver em Aliança com Maria, em espírito de família, com sentido eclesial. Todos são missionários e tem como proposta trabalhar pela vida, justiça, fraternidade - o essencial é o interior e o interior é o espírito de Maria. São chamados a multiplicar os cristãos em

diferentes formas de apostolado, educação, formação integral, acompanhamento de comunidade, saúde, retiro, etc.

Pe. Chaminade segue a frente da Companhia de Maria, sendo seu mestre espiritual, seu Superior Geral.

Nos últimos dez anos de sua vida enfrentou uma série de injustiças, acusações e mal entendidos que foram apresentados contra ele, até o ponto de ver-se forçado a apresentar sua demissão do cargo de Superior Geral da Companhia de Maria. Este foi o doloroso crisol de uma longa purificação que Pe. Chaminade viveu com grande serenidade e uma fé inquebrantável.

Pe. Chaminade morreu aos 89 anos de idade, em 22 de janeiro de 1850, depois de uma longa missão a frente da família marianista, que tanto amou e empenhou para fazer crescer. Esta família é chamada a viver no mesmo espírito que o animou em sua vida missionária apostólica, a viver este mesmo dinamismo, diante dos novos desafios que enfrentam na atualidade. Foi Beatificado pelo Papa João Paulo II, no dia 03 de setembro de 2000 e, neste mesmo ano, em março, as Comunidades Leigas Marianistas, as antigas congregações marianas, foram reconhecidas oficialmente pela Santa Sé, como comunidades de fiéis leigos. Anexo 6, p. 104.

Assim escreveu Pe. Chaminade a Adela em 08 de outubro de 1814, referindo-se ao projeto missionário, que teve seu início com grupos de congregantes leigos:

“Vou dizer-te por inteiro meu segredo: Poderia um pai colocar limites a sua confiança quando se trata com uma filha que se abandona sem reservas à sua direção? Faz catorze anos que voltei a França na qualidade de Missionário Apostólico para toda nossa pobre pátria, porém sempre me submeti a autoridades Ordinários dos lugares. Não acreditei que pudesse desempenhar melhor essas funções que estabelecendo uma congregação, como agora existe. Cada congregante, de qualquer sexo, de qualquer idade, de qualquer estado que seja, deva chegar a ser um membro ativo na missão. Vários congregantes de cada corpo da congregação constituirá uma pequena comunidade religiosa, espalhada pelo mundo. Nessa comunidade sempre teriam os responsáveis de ambos os sexos para dirigir a congregação. Vários destes religiosos quiseram viver juntos: não há mais que vantagem para o nosso fim. Atualmente, vários quiseram viver em comunidade regular, abandonando todo assunto temporal: há que seguir esta inspiração, porém deve se ter o devido cuidado para que não viciem a obra da congregação, senão que esteja a seu serviço. Vários congregantes ingressaram em diferentes comunidades religiosas; vimos com agrado. Quando algum dos responsáveis me disse com certo pesar, desta decisão, contestei para consolar: “temos que julgar quem perde e quem ganha”. Porém agora se trata de algo muito distinto: se trata de religiosas congregantes, ou melhor, de congregantes que, permanecendo sempre congregantes

ativas, querem viver regularmente como religiosas”. (CHAMINADE, p.157 Tomo I carta 52) Anexo 7, p.105

Os biógrafos do Pe. Chaminade destacam características marcantes: atitude constante de abertura ao Espírito e acolhimento dos sinais que lhe manifestavam a vontade de Deus; atento a confiança na providência, pois era um buscador empedernido do querer de Deus; a realidade de seu tempo: vinho novo em odres novos, para realidade nova, novos desafios a serem enfrentados com criatividade; amigo de Deus e pai da fé, um guia espiritual; filho fiel da Igreja; amante dos jovens; devoto de Maria, onde ele orienta a uma devoção que é dedicação e compromisso com os homens e mulheres dos dias atuais. Uma devoção, onde Maria está no centro dos mistérios da salvação por estar ao lado de seu Filho. Ela não é o centro, porém, está no centro, é uma figura central por ter gerado o centro da fé cristã, Jesus Cristo.

“ A ideia de considerar a devoção a Maria sob a forma da reprodução da piedade filial de Jesus até sua Mãe parece ser a consequência lógica da devoção do Pe. Chaminade a Cristo nosso Modelo em todas as virtudes, nosso principio interior de vida. (...) Considerai que a verdadeira devoção a Mãe de Deus nos é senão uma continuação dos sentimentos de amor, de respeito, de submissão que seu Filho teve para com Ela durante sua vida. (NEUBERT, 1962, p. 109)

Para Pe.Chaminade todo sentido da vida de Maria, todo significado de sua vocação se deriva do chamado que recebeu para ser a mãe de Jesus, em consequência, nossa mãe.

Maria tem uma participação ativa e dinâmica na história da salvação, ela é a personificação do novo povo de Deus, é pobre e humilde colaboradora no plano de salvação de Deus, é virgem e mãe, torna possível que Deus assuma a existência humana. Por isso, a Encarnação e a Redenção são dois pilares que estabelecem a estreita relação de Maria com Jesus e com cada pessoa.

A maternidade espiritual de Maria ocupa um lugar central na espiritualidade mariana de Chaminade. Para ele, a priori, Maria devia ser nossa mãe com toda verdade, como consequência de nossa união com seu Filho primogênito, no corpo místico de Cristo. Graças a esta união não formamos mais que um só Cristo com Ele, de maneira que os membros e a cabeça não formam mais que um só corpo humano. Ela será a mãe do Cristo total. (NEUBERT, 1962, p.23) “Não se conhece o mistério de Cristo se não vê Maria nele, em toda

economia da religião... Jesus Cristo colocou tudo na religião de maneira que a Santíssima Virgem participe e coopere em tudo“. (CHAMINADE, 1977, p.160, E.F. 118).

A espiritualidade de Pe. Chaminade é mariana e cristocêntrica, Maria da qual nasceu Jesus (Mt 1,16). Chaminade descobre a dupla consequência dessa realidade para o culto mariano, ele diz que essa regra da devoção a Maria, mãe de Jesus, nos salva dos perigos e riscos extremos:

“Esses dois riscos ou perigos são: um fechar o culto em limites muito estreitos, destruindo assim o sólido fundamento de nossa confiança e privando-nos de um dos meios mais poderosos de nossa salvação, o outro é dar uma importância excessiva a algumas práticas exteriores, estando mais atentos em honrar suas virtudes do que imitá-las.“ (CHAMINADE, EF p. 160)²³

Para Chaminade, Jesus Cristo é o fundamento da mariologia, porém, não há cristologia sem mariologia, porque Maria é a mãe de Jesus.

O centro, portanto, é Jesus, com isso a devoção mariana só tem sentido integrada na conformidade com Jesus Cristo.

“Tudo para o cristão e o religioso, deve levar a reproduzir a vida de Jesus. Em concreto a devoção a Maria será a reprodução da piedade filial de Jesus para com Maria. Assim de acordo com as palavras de São Paulo, a vida dos crentes consiste em ter o mesmo sentimento de Cristo Jesus (Cf. Fil 2,5), nossa piedade filial para com Maria consistirá em ter respeito a Maria nas disposições de Cristo Jesus. (OTAÑO,1996, p. 69)²⁴

Diferente da devoção ensinada por São Luís Grignon de Monfort, que denomina a santa escravidão ou a escravidão de Maria, ou escravidão de Jesus por Maria, a devoção do Pe. Chaminade, desde o início, com os congregantes em Bordeaux, ao invés de escravidão ele vai utilizar a expressão filho de Maria. Na verdade, é a piedade filial, ou seja, a relação de um filho com a mãe, onde este não está ligada a ela pela escravidão, mas vive esta filiação precisamente para ajudar Maria em sua missão apostólica. (NEUBERT, 1962, p. 99-101)

Enfim, para chegar a esta conclusão, Chaminade viveu em Zaragoza uma experiência de Deus, tendo Maria como caminho e ícone do mistério. Para ele, a devoção a Maria é essencialmente cristocêntrica. É uma devoção que

²³ Observamos uma coincidência notável no que diz a Lumen Gentium no capítulo VIII nos números: 66, 67, 72, com relação aos riscos ou perigos do culto a Maria.

²⁴ Cf. Resumo do Pe. Emile Neubert do livro de Ignacio Otaño, Maria, mujer de fe e madre de nuestra fe, p 69, este núcleo do conhecido livro do Pe. Neubert, traduzido em mais de 40 línguas e com mais de um milhão de exemplares.

promove em cada pessoa um modo de proceder no mundo, centrado na comunidade e orientado para o crescimento humano e o compromisso missionário.

3.2 O desafio da Revolução Francesa: indiferença religiosa e perseguição

Pe. Chaminade sofreu as consequências da Revolução Francesa em três momentos decisivos de sua vida e de seu projeto missionário evangelizador: a Revolução (1789-1797), o exílio em Zaragoza, durante a Revolução (1797-1800) e, após a Revolução, buscando viabilizar um novo projeto missionário, de 1800 até sua morte em 1850.

A partir de julho de 1789, tem início uma longa série de dificuldades e instabilidades que transformam a vida de Pe. Chaminade. O jovem sacerdote, que tinha uma vida estável no colégio de São Carlos em Mussidam, perde seu irmão João Batista, que era seu superior. Neste contexto, retirado de sua condição confortável, se nega a jurar a Constituição Civil, regime imposto ao clero da Igreja Católica em 1789, gerando confisco e revenda das propriedades da Igreja e a abolição dos dízimos. A Constituição Civil do Clero foi uma tentativa de reorganizar a Igreja francesa e, para ele, esta decisão se vincula ao testemunho dos mártires da história da Igreja.

“O sentimento religioso fora pequeno em 1789, mas o anticlericalismo havia sido considerável... Muitos clérigos encararam também a introdução da tolerância para com os protestantes como uma agressão à Igreja. Fosse essa ou não a intenção, a política eclesial da Assembleia Constituinte constitui certamente um repúdio a um Antigo Regime no qual a Igreja Católica, abastada e controlada pelos nobres, desfrutava do monopólio da veneração pública e dominava o atendimento tanto da educação quanto da assistência aos pobres”. (DOYLE, 1991, p. 13)

Com isso, o Estado se recusa a reconhecer qualquer associação religiosa e muitas regiões da França, em 1794, são assoladas por um movimento de descristianização. Até os revolucionários que deploravam essas posições extremas, passam a encarar o Antigo Regime como época de superstição e de fanatismo.

A Revolução Francesa foi gestada por um longo período, sua ideologia não nasceu de uma só vez, mas se desenvolveu e se refinou acompanhando a marcha dos acontecimentos, a nível político, social, econômico e cultural. O

Antigo Regime, criação da Revolução Francesa, era o que os revolucionários pensavam estar destruindo em 1789 e nos anos seguintes.

O primeiro significado do Antigo Regime era político. Para os revolucionários, o rei governava com poder arbitrário, sem instituições representativas, era uma monarquia absoluta.

“A maioria ainda acreditava em 1789, que as tendências despóticas do velho governo provinham mais das ambições desenfreadas dos conselheiros, ministros e representantes do rei, do que das próprias tendências do monarca”. (DOYLE, 1991, p.10-11).

A constituição de setembro de 1791 pretendia encarnar o oposto de tudo o que era o Antigo Regime. Ela cultuava o império da lei, a separação dos poderes, a soberania da nação, o governo eletivo, representativo e uma ampla gama de garantias de direitos individuais.

Para Lefebvre, a Revolução de 1789, em primeiro lugar, significou a queda da monarquia e o advento da liberdade garantida por um governo constitucional, o advento da igualdade perante a lei, sem a qual a liberdade seria apenas privilégio dos poderosos.

“A Revolução de 1789-1794 marcou o advento da sociedade moderna, burguesa e capitalista, na história da França. Sua característica essencial é ter realizado a unidade nacional do país sobre a base da destruição do regime senhorial e das ordens feudais privilegiadas”. (LEFEBVRE, 1989, p. 219).

No contexto histórico do Pe. Chaminade também nos interessa o iluminismo, numa perspectiva da história social. O iluminismo é um estágio historicamente importante no desenvolvimento do pensamento burguês ocidental.

“ O Iluminismo francês foi um movimento das elites letradas para as elites letradas. Tirante a eterna exceção de Rousseau, seus representantes mais influentes não acreditavam que o esclarecimento das massas fosse possível ou desejável. A educação popular deveria se limitar ao mínimo ou desejável a uma medida de instrução física, ocupacional e moral, pois o objetivo primário era promover a utilidade econômica e a estabilidade social – nada mais”.(BLANNING, 1991, p.32)

O iluminismo considera que a razão é a única fonte da verdade, esta razão crítica examinará e tratará de dirigir todos os âmbitos da realidade e do conhecimento. Uma segunda característica do iluminismo é a elaboração de doutrina, onde a razão é a luz que guia e devolve a claridade do conhecimento, deixando os dogmatismos tradicionais para instaurar a luz do conhecimento,

substituindo a superstição pela razão. A Revolução Francesa, inspirada nos valores de liberdade, igualdade e fraternidade, que refletem a tradição cristã, promoveu, no homem, uma saída de sua culpabilidade para ter uma autonomia no pensar por si mesmo, levando a uma razão crítica, com a pretensão de descobrir todos os prejuízos da vida, da sociedade e das instituições, para libertar e conseguir que o homem cresça de forma plena. Se o homem medieval e do Antigo Regime estava amarrado pelas prescrições das autoridades religiosas e civis, sem poder ser dono e responsável de suas ações, o homem ilustrado que atreveu a pensar por si mesmo, é decidido sobre suas ações e responsabilidades, podendo discutir e agir de acordo com sua consciência. (CALERO, 2002, p. 36-41)

“O conhecimento de si mesmo, do mundo e de Deus na pessoa não somente se alcança pela instância da razão, senão pela totalidade das potências e faculdades da alma; também o desejo do amor, da esperança e a força da memória oferecem argumentos e motivos a razão.” (GÁSCON, 1998, p.265).

O Pe. Chaminade que foi um mestre de oração, diante do contexto do iluminismo e da Revolução Francesa vai criar um método de oração onde destaca o uso da razão para dar sentido à fé. Para ele a fé penetra a oração até chegar a converter-se em uma oração de fé e de presença de Deus. Para isso, deve-se dar razão a fé para deixar chegar ao coração, para viver e atuar de acordo com aquilo que se crê.

Mais tarde, Pe. Chaminade vai desenvolver sua atividade missionária sobre dois pilares: a herança tridentina e barroca de sua formação em Mussidam e o desafio apostólico diante da indiferença religiosa produzida por um duplo acontecimento: um de caráter político, a Revolução francesa, e outro filosófico-ideológico, o filosofismo moderno, que se refere à filosofia racionalista e a mentalidade liberal burguesa, nascida da ilustração e que foram as causas da secularização das mentalidades e dos costumes na nova cultura europeia. (GASCÓN, 1998, p.29-31)

“Chaminade concebeu seu projeto recristianizador em oposição ao efeito secularizador do racionalismo moderno, o filosofismo, com sua crítica a fé cristã. A partir daí compreenderemos a valorização filosófica e teológica de Chaminade a esta corrente de pensamento e sua proposta contrária consistindo em instruir nas verdades da fé” (GASCÓN, 1998, 30).

Pe. Chaminade não se opõe a estes elementos, mas aos efeitos causados por eles. Ele desenvolveu seu projeto fazendo uma síntese que o ajudou a seguir a recristianização em meio aos desafios da secularização, da indiferença e do filosofismo.

Em 1797 continua com seus imprevisíveis vai e vem, quando parece restabelecer a paz religiosa, autorizando o retorno dos deportados, acontece o golpe de estado voltando a instaurar o terror, exigindo a imediata expulsão dos que constam nas listas dos deportados. Neste tempo, Pe. Chaminade já é bastante conhecido em Bordeaux, não conseguindo mais se manter disfarçado no meio do povo, como fez durante os anos anteriores, agora tem que deixar a França e partir para o exílio. Provavelmente, no dia 23 de setembro de 1797, começa sua caminhada para a Espanha, em Zaragoza, onde chega em 11 de outubro de 1797, data importante em sua vida, pois é véspera da festa de Nossa Senhora do Pilar, padroeira da Espanha. (CARDENAS, 2004, p. 40-41)

O exílio foi um tempo de reflexão missionária junto dos exilados franceses, onde vive uma experiência mariana inspiradora e que vai se tornar a alavanca para seu novo projeto quando retorna à França, em 1800.

É o início do século XIX quando Pe. Chaminade, com 39 anos, retorna à França. Depois de três anos exilado, tem início seu projeto missionário que foi refletido e construído neste período, sem deixar de pensar em como iria encontrar seu país. Quando chega, encontra uma França com dez anos de Revolução, que deixou uma sociedade destruída e com uma vasta descristianização.

Bordeaux, cidade que antes era de prósperos negócios comerciais, sofreu com os danos da Revolução. O que restava da cidade e recordava sua opulência eram suas praças e ruas traçadas no centro da cidade, com a amplitude das grandes capitais. Esta cidade que antes tinha uma população de 100 mil habitantes, em dez anos baixou para oitenta mil. Sua localização era privilegiada para o comércio com países estrangeiros que vinham pelo Oceano, tendo um espírito de abertura e flexibilidade para adaptar-se aos novos tempos.

“O desenvolvimento da França no período pós-revolucionário se caracteriza pelo que Georges Lefebvre descreveu como um paradoxo gigantesco. Embora o país tivesse experimentado a maior revolução do mundo em termos econômicos parecia que nada mudara muito. As instituições políticas e sociais do Antigo Regime – a monarquia absoluta, os privilégios dos nobres, a Igreja estabelecida – foram extirpadas pela

raiz, mas a economia continuava a rodar mais ou menos incólume sobre seu penoso caminho” (BLANNING, 1991, p.63).

Depois da Revolução, a Igreja se encontra deteriorada, perdeu homens de valor, instituições apostólicas educativas e assistenciais, viveu um cisma interno, vigente até o acordo napoleônico, que se caracterizava pelo monopólio estatal, uma educação a serviço exclusivo do Estado Imperial. Neste cenário, urge recristianizar a França. Porém, tudo o que antes existia não responde mais ao momento atual, é preciso criar, inventar algo novo, vinho novo em odres novos. É neste novo contexto que nasceu ideias novas que inspiraram Pe. Chaminade. (GASCÓN, 1998, p.28)

Para este momento ele vê a urgência de uma boa formação para os sacerdotes, mas também uma formação adequada para os leigos. É preciso comunidades cristãs vivas, como as primeiras comunidades apostólicas, capazes de evangelizar uma sociedade em pleno processo de secularização.

3.3 Uma Mística Marial no seio da Espiritualidade Mariana

Destacamos aqui alguns apontamentos históricos e teológicos que foram significativos para o desenvolvimento e estudo da devoção mariana. Ressaltamos algumas figuras da tradição da Igreja que contribuíram, com sua experiência e seus escritos, para uma melhor compreensão da figura de Maria na vida e devoção do povo cristão, que foram importantes e influentes na época de Chaminade, além do desenvolvimento posterior de uma espiritualidade mariana melhor localizada no Mistério de Cristo e da Igreja, proposta pelo Concílio Vaticano II.

Do século XVI ao XVIII, no que diz respeito à piedade mariana, destacam-se alguns pontos: a afirmação do culto à Maria pelo Concílio de Trento (1545-1563); Pedro Canisio escreveu um tratado completo sobre a Virgem Maria, a Incomparável Mãe de Deus e Berulle (+ 1628) propõe uma doutrina fortemente teocêntrica, que exalta a dignidade da mãe de Deus e a obra do Espírito Santo.

A fundação do Seminário de São Sulpício, para a formação sacerdotal com enfoque mariano, teve também grande influência para uma devoção e estudo sobre Maria, mas, foi com São Luís Maria Grignon de Monfort (+ 1716), que escreveu “o verdadeiro tratado de uma devoção autêntica a Maria”, que só foram

descobertos em 1842 e publicados em 1843, que se colocou em destaque o papel de Maria na santificação dos fiéis e na edificação da Igreja. Ele vê Maria orientada principalmente à extensão do reino de Deus, reflexo de uma experiência ao mesmo tempo pessoal e apostólica; é o próprio coração da sua mariologia: Maria mãe do Corpo Místico e, portanto, da Igreja. (PEROUAS, 1999, p 70-74).

Na Itália do século XVIII, o destaque é para Santo Afonso Maria de Ligório (1696-1787), fundador da Congregação do Santíssimo Redentor, que escreveu um livro mariano adaptado a sua época, considerado uma obra prima “Glórias de Maria”. É um tratado mariano sob a forma de comentário da Salve Rainha, que levou 15 anos para ser escrito. Nele, Afonso de Ligório pretende auxiliar na compreensão da devoção à nossa Senhora e, especialmente, o recurso a sua intercessão. Maria é apresentada como uma pessoa que vive na nossa vida e na de toda a Igreja. Um livro onde as reflexões do autor se entrelaçam com as passagens da sagrada escritura, dos santos e dos teólogos. (LIGORIO, 1987)

A presença de Maria é mais que nunca evidente nos séculos XVIII ao XX, em meio às mudanças políticas, sociais e culturais, provocadas pela Revolução Francesa, em 1789. Mesmo diante das perseguições à Igreja, surgem novas fundações religiosas marianas (cerca de 700 congregações femininas século XIX e XX). A referência mariana exprime uma espiritualidade e o lugar de Maria na busca da santidade: viver a vida de Maria, imitação e identificação; com J. C. Colin (+1875), fundador dos padres maristas. E por fim Pe. Guilherme José Chaminade, fundador da família Marianista com o voto de estabilidade de consagração para uma ação apostólica concebida como aliança com Maria, para colaborar em sua missão de mãe de Cristo e da Igreja.

Ainda nestes dois séculos, o que nos impressiona na história, são as célebres aparições, a multiplicação dos santuários, os centros de peregrinação surgidos depois destas aparições, sendo os mais conhecidos: Nossa Senhora das Graças ou aparição da Medalha milagrosa (1830), em Paris; La Salette (1846); Lourdes (1858); Pontmain (1871), em Portugal; Fátima (1917); na Bélgica: Beauraing (1932); Banneux (1933); o santuário de Nossa Senhora das Lágrimas de Siracusa (1953). Foram identificadas 232 aparições entre 1930 a 1975, por Dom Billet, que são fatos complexos. (BOFF, 2006, p. 595-596)

O Concílio Ecumênico Vaticano II (1962-1965) representou, para a devoção mariana, o advento de uma nova era, onde se “proclama a urgência da fé em Deus, em Cristo, a confiança na oração, na comunhão dos santos, em uma presença de amor de Maria em cada país, para unir na única família de Deus, isto é, o que pede a Igreja às nações e a cada pessoa humana” (KOEHLER, 1995, p.573)

O Papa João XXIII abriu solenemente o Concílio Vaticano II em 11 de outubro de 1962 e Paulo VI o concluiu na vigília da Imaculada Conceição, em 07 de dezembro de 1965. A Constituição Dogmática *Lumen Gentium*, no seu capítulo VIII, pôs em relevo os fundamentos bíblicos e tradicionais da doutrina mariana, levando em conta os estudos dos padres e teólogos. A verdadeira devoção a Maria aparece como promoção para a fé e o amor de Jesus. O texto favoreceu o diálogo ecumênico. Na promulgação da Constituição Dogmática *Lumen Gentium*, Paulo VI insistiu muito na importância dessa conclusão mariana para melhor compreendermos a natureza da Igreja, através de Maria.

Na exortação apostólica *Marialis Cultus*, de 02 de fevereiro de 1974, o Papa Paulo VI orienta o futuro da devoção mariana. Pela doutrina devemos compreender o mistério de Maria à luz da cristologia, eclesiologia e pneumatologia. Na *Marialis Cultus* temos quatro orientações: bíblica, litúrgica, ecumênica e antropológica para o culto à Virgem Maria, para tornar mais vivo e mais sentido o vínculo que nos une à mãe de Cristo e nossa, na comunhão dos santos.

O Papa São João Paulo II (1920-2005), convidou-nos a considerar fim do século XX como um período de preparação para o ano 2000, dizia ele: “preparar o mundo para o mistério do Natal que celebra a contínua vinda de Cristo entre nós”. Maria é a mãe que viveu o advento decisivo, regulador de todos os adventos da história. Na sua carta Encíclica *Redemptoris Mater*, a mãe do Redentor João Paulo II, na introdução, nos diz: “confortada pela presença de Cristo (Mt 28,20), a Igreja caminha no tempo, no sentido da consumação dos séculos e procede para o encontro com o Senhor que vem, mas nesta caminhada desejo realçá-lo, desde já, que a Igreja procede seguindo as pegadas do itinerário percorrido pela Virgem Maria, a qual avançou na peregrinação da fé, mantendo fielmente a união com seu Filho até a cruz “.Em sua conclusão, número 52, nos diz sobre a encarnação de Cristo na história e a presença de Maria neste mistério.

“A Igreja vê a bem aventurada mãe de Deus no mistério salvífico de Cristo e no seu próprio mistério, vê-a radicada profundamente na história da humanidade, na eterna vocação do homem, segundo o desígnio providencial que Deus dispôs eternamente para ele; vê-a presente como mãe e a participar nos múltiplos e complexos problemas que hoje acompanham a vida das pessoas individualmente, das famílias e das nações; vê-a como auxílio do povo cristão na luta incessante entre o bem e o mal, para que, não caia ou se caiu para que se erga”.(JOÃO PAULO II RM 52, p.98-99)

Podemos constatar que na história da espiritualidade mariana, tivemos momentos importantes na reflexão teológica. Entre 1854 a 1950 podemos considerar um período maximalista de expansão da mariologia, com as definições dos dogmas da Imaculada Conceição e da Assunção de Maria e das aparições de Lourdes e Fátima, porém, esta espiritualidade mariana era de uma atitude anti-reforma, de especulação, uma mariologia de resultados.

Tivemos também um período minimalista de retração, provocada na época pré conciliar, uma crise marial do setor da reflexão teológica da Igreja, que não atingiu a devoção popular.

A crise foi sendo superada, entretanto, a partir de uma espiritualidade mariana, onde Maria está inserida no mistério de Cristo e da Igreja e os dogmas marianos se articulam com a cristologia e a eclesiologia. Maria é a chave da compreensão de Cristo e da Igreja. Como diz Paulo VI, o conhecimento da verdadeira doutrina católica sobre Maria constituirá sempre uma chave para a exata compreensão do mistério de Cristo e da Igreja. (PEDICO, 1995, p. 286) “Maria entrando intimamente na história da salvação, une em si de certo modo e reflete as supremas normas da fé. Quando proclamada e cultuada, leva os fiéis a seu Filho, ao sacrifício do Filho e ao amor do Pai”. (LUMEN GENTIUM, n. 65)

3.3.1 Espiritualidade Mariana do Pe. Chaminade: piedade filial

Qual a novidade da espiritualidade mariana que apresenta Pe. Chaminade para o momento histórico no qual viveu? Ele tem uma preocupação e atenção ao contexto histórico e, ao mesmo tempo, é sensível à realidade humana do cristão, pois fala do coração, dos sentimentos e propõe um jeito novo de ver Maria em sua condição humana, como mulher. Propõe, em sua espiritualidade, o imitar e o reproduzir na vida as virtudes de Maria para chegar à conformidade com Cristo.

“Cremos que a augusta, Mãe de Deus, segundo a Igreja mesma, Ela sozinha venceu todas as heresias, e esta reservada em nossos tempos uma grande glória e um belo triunfo sobre os esforços combinados do filosofismo moderno, da indiferença religiosa que resulta dele e do inferno que os vomitou do poço do abismo. Movidos por este pensamento de fé viemos oferecer nossos pobres serviços para combater com Ela e por Ela nos combates do Senhor e em consequência tomamos seu nome doce e forte e ao mesmo tempo, suas armas e sua invencível bandeira; por isso nos consagramos em corpo e bens e esperamos a graça inapreciável de ser formados e educados por Ela conforme o modelo de seu divino Filho”. (CHAMINADE, 1968, EM II, 86.97.88, p.46-47)

Pe. Chaminade estudou e aprofundou a figura de Maria na escritura e na história da Igreja e destacou dois momentos de sua vida: a Encarnação e a Redenção, seu sim ao projeto de Deus, de revelar seu Filho, que se fez um conosco, assumindo a condição humana no ventre de Maria e a sua permanência amorosa aos pés da cruz de Jesus. Amor e sofrimento se destacam como os dois desafios da vida humana. Desenvolve a partir da espiritualidade e reflexão uma antropologia que tem, no centro, a formação integral da pessoa pelo amor, sofrimento e pelo serviço.

Pe. Chaminade, a partir de sua experiência no exílio junto aos pés da Virgem do Pilar, traça um itinerário que tem Maria como ícone do mistério. Sua experiência vai se traduzir num caminho de devoção e culto à Maria para chegar a uma compreensão profunda da piedade filial.

3.3.2 Encarnação: Maria a Mãe de Jesus em plenitude

Maria na Anunciação (Lc 1,26-38), com seu sim responsável e livre, colabora na obra da salvação: “Maria por sua caridade, contribui ao dar-nos Jesus Cristo, por meio de Maria; este desígnio não muda porque os dons de Deus são sem volta”. (CHAMINADE, 1968, p.169, EM I. 69)

Segundo Pe. Chaminade, o sim de Maria implica na aceitação de uma dupla fecundidade: pela natureza será mãe de Jesus, como pessoa individual. Pela caridade, será mãe do Cristo total, que abarca também seu corpo místico, que é a Igreja, povo de Deus. Para ele Maria, ao dizer sim, é plenamente consciente de que se trata de responder a proposta de ser mãe de Cristo total, em seu corpo natural e em seu corpo místico, Pe. Chaminade, em sua teologia, crê que Maria tinha consciência quando disse sim a Deus na Anunciação, por ser

uma mulher que é sujeito de seus atos, por sua liberdade determinada, pela vida e pelo amor. O Vaticano II diz que “A Virgem Maria... na Anunciação, recebeu o Verbo de Deus no coração e no corpo” (LUMEN GENTIUM, 53)

“Quando Maria deu seu consentimento para a Encarnação do Verbo em suas castas entranhas, era consciente da obra e economia da redenção em toda sua extensão, e aceitou com amor. Compreendeu que ao receber Jesus, o concebia todo inteiro, em seu corpo natural e em seu corpo místico, pois não podia separá-lo do qual devia formar um só com Ele. Assim aceitou humildemente a honra da maternidade divina, aceitou ser mãe de Jesus em seus dois aspectos: individualmente, como na plenitude de seu corpo, que é a Igreja: A plenitude do corpo de Cristo é a Igreja (Ef 1,23). Ao conceber naturalmente o Salvador em seu seio virginal, concebeu espiritualmente em sua alma, por seu amor e por sua fé, aos cristãos membros da Igreja e, portanto, a um só Jesus Cristo.” (CHAMINADE, 1968, p. 163, EM I, 482)²⁵

Pe. Chaminade recorre a alguns autores para afirmar a ideia de que a pessoa de Jesus e nós formamos um só Filho: Merchant e Santo Afonso Maria de Ligório utilizando o comentário de Santo Ambrósio, aplicando a Maria o texto do Cântico dos Cânticos 7, 3, afirmam que no seio de Maria havia um só grão de trigo, Jesus, porém, é chamado muitos grãos, porque nele estão incluídos todos os escolhidos. Para ele Maria se fez a mãe espiritual em duas ocasiões e circunstâncias diferentes: primeiro, na Encarnação e, segundo, na Redenção, dois momentos em que Maria, com seu consentimento, leva em seu seio todos os homens como uma verdadeira mãe a seus filhos. (CHAMINADE, p. 227 EM II, 662).

“Uma mulher, pois deverá concebê-lo em suas entranhas, levá-lo em seu ventre, dar-lhe a luz a vida humana, alimentá-lo com seu leite, soltar sua língua, sustentar sua debilidade, e esta mulher privilegiada será a Mãe de Deus, e terá poder sobre ele.” (CHAMINADE, 1968, p.152, EM II 450)

Ele vê a necessidade da mãe também para o crescimento na vida de fé, isto quer dizer que a função de Maria, continua enquanto crescemos na fé:

“Jesus queria que recebêssemos por meio dela a vida do Espírito, como Ele recebeu por meio dela a vida do corpo, e que dependêssemos dela para a conservação e crescimento de nossa vida espiritual, como Ele havia dependido dela para a conservação e crescimento de sua vida corporal: Feliz dependência.” (CHAMINADE, 1968, p.176, EM I 88)

²⁵ Também podemos citar aqui o Capítulo VIII, da Lumen, Gentium, nº. 58, que nos diz que Maria avançou na peregrinação da fé.

Essa dependência de Maria tem uma função ativa e dinâmica no crescimento da vida de fé. Nessa mesma perspectiva, afirma mais tarde o Papa Paulo VI: “Se queremos ser cristãos, devemos ser marianos, ou seja, devemos reconhecer a relação essencial e vital, providencial que une Maria com Jesus e que nos abre o caminho que conduz a Ele.”²⁶

Para o Pe. Chaminade, a graça da salvação e todas as graças que recebemos passam por Maria. Sua participação no mistério da Encarnação é o princípio de nossa salvação e de toda graça.

“Todas as graças que recebem os homens, não são mais que aplicações, operações da graça da Encarnação... Por isso não há, nem na terra e nem no céu, nenhum justo, nenhum escolhido que não deva a Maria sua justiça e sua glória... Porém como Deus subordinou de certo modo a realização da Encarnação na vontade e na caridade de Maria, a caridade desta incomparável Virgem devemos todos” (CHAMINADE, 1968, p.173, EM I 78)

Para o Pe. Chaminade, Jesus Cristo é o único Mediador e a mediação de Maria é puro dom de Deus que, estreitamente, associou-a a obra da salvação. Maria esta associada aos mistérios de Cristo por ser ela aquela que o gerou e o acompanhou em todo seu crescimento humano, podendo assim ser uma mediação como mãe, pelo mistério da Encarnação do único Mediador, que é Jesus Cristo. Também afirma a *Lumen Gentium* no capítulo VIII, no número 60: “A materna missão de Maria a favor dos homens não obscurece nem diminui esta mediação única que é Cristo...” E o número 67 nos diz do amor filial e da imitação das virtudes de Maria: “somos levados a conhecer a excelência da Mãe de Deus, excitados a um amor filial para com nossa Mãe e à imitação de suas virtudes. Pe. Chaminade antecipa essa imagem que traz o Vaticano II na LG.

Vemos que Pe. Chaminade, em toda sua espiritualidade, cuida para que Maria seja entendida como Mãe do Senhor, por ter gerado, cuidado e acompanhado o processo humano do Filho de Deus que se encarnou em seu ventre. Maria assim pode ser, para cada pessoa, mãe por adoção por ser ela a Mãe do Filho de Deus.

Se a sublimidade de sua natureza eterna, não forma mais que um só Deus, seu Pai, pela debilidade de sua natureza mortal, se fará semelhante a nós e um conosco. Uma vez que sendo homem revestiu-

²⁶ Papa Paulo VI, em 24 de Abril de 1970, no Santuário de Nossa Senhora de Bonaria, em Cagliari, tirado do livro de Ignacio Otaño, *Maria, mujer de fe, madre de nuestra fe*, p. 85

se de forma humana, e sendo homem quer como tal nascer, sofrer, morrer. Uma mulher, pois deverá concebê-lo em suas entranhas, leva-lo em seu ventre, dar-lhe a luz a sua vida humana, alimentá-lo com seu leite, soltar a sua língua, sustentar sua debilidade; e esta mulher privilegiada será a Mãe de um Deus e terá poder sobre ele. (CHAMINADE, 1968, p. 152, EM II 450)

3.3.3 Redenção-Maria, a Mãe de Jesus, associada ao sacrifício de seu Filho

Na Encarnação, Jesus se faz humano, no ventre de Maria; na Redenção, é a entrega de Jesus através da morte de Cruz. Maria, que cuidou, alimentou, acompanhou, entrega seu Filho para morrer na Cruz. Nesta dupla entrega de Mãe e Filho, amor, sofrimento e solidariedade se fazem presentes uma dolorosa situação de limite da condição humana.

“A Encarnação a faz mãe dos cristãos e cooperadora de sua missão. A Redenção faz à redentora do gênero humano, sem que isto tire o valor do sangue que Jesus Cristo, seu Filho ofereceu para resgatar-nos” (CHAMINADE, 1968, EM I 68 p. 168)

Quando Pe. Chaminade chama Maria de Redentora, na realidade, ainda que o termo possa hoje ser confuso, ele está incluindo essas duas dimensões reais: de mãe do Redentor e de partícipe ativa no sacrifício redentor de seu Filho. Embora realce a tragédia da cruz, do sofrimento, a regra fundamental é o amor, o amor de Jesus pela humanidade, até o ponto de entregar-se, e o amor do Pai ao enviar seu Filho ao mundo.

“O Pai e o Filho associaram Maria, em primeiro lugar a fecundidade de seu amor, em segundo a fecundidade de seus sofrimentos. É nossa mãe primeiro por seu amor maternal e segundo por seus sofrimentos fecundos que dilaceraram sua alma.” (CHAMINADE EM I, n. 81, p. 174)

Para Pe. Chaminade, se admiramos a caridade de Maria, no seu consentimento, no *fiat*, que resulta no mistério da Encarnação, mais comovedora essa caridade do seu *fiat* na entrega na cruz, realização e cumprimento da redenção, a cruz é a culminação do sim da anunciação.

Assim, como na Encarnação, também na Redenção, somos chamados a sermos conforme a Jesus Cristo. Neste sentido, ele comenta as palavras de Jesus a sua mãe: Mulher eis ai teu filho. (Jo 19,26)

“Devemos conseguir a santa conformidade com Jesus Cristo, para devolvê-lo em nós mesmos. Façamos reviver em nossa alma este Filho que ela perde por amor de nós, que, todavia Deus nos devolve glorioso

e imortal, e ainda o possui na glória, ela não deixa de busca-lo em cada um de nós. “ (CHAMINADE EM I, n. 84, p.175)

Interpretando o relato da lança que abre o lado de Jesus (Jo 19,34) e onde faz jorrar sangue e água, relacionados pela tradição cristã com os grandes sacramentos da Igreja, Batismo e Eucaristia, nascimento da Igreja, Pe. Chaminade chama a atenção para a participação ativa de Maria neste mistério.

A morte natural de Jesus Cristo representa para nos misticamente a morte do homem velho e a consumação do novo e por esta razão o sangue e a água que saíram do lado de Jesus Cristo, representam a Igreja. Eva formada do lado de Adão dormido era uma figura deste sublime mistério... Pela morte de Jesus Cristo, Maria recebeu a morte e a lança que atravessou o coração de seu Filho atravessou também sua bela alma, que representa o mesmo mistério, a formação da Igreja, da qual de certo modo nos da a luz. “ (CHAMINADE, 1968 p.172. EM I 76)

Na cena em que Jesus oferece à Mãe o discípulo amado e a Ela o discípulo como filho, Pe. Chaminade vê anunciada a missão de Maria na Redenção como a mãe que necessitamos na ordem da fé e da natureza ao pé da cruz, Maria se mostra, claramente, oferecendo a Deus, em sacrifício, seu Filho primogênito, para nossa salvação.

“Ao dizer ao discípulo amado: ai tem a tua mãe, queria dizer que: ai tem quem te gerou espiritualmente pela fé, quando me concebeu corporalmente em seu seio virginal. Ela é sua mãe, como é minha não da mesma maneira, mas por geração.”(CHAMINADE EM II, n. 489, p.165-166) “Com as palavras dirigidas a Maria: mulher ai tem a teu filho, parece dizer: Nova Eva, teu primogênito, depois de cumprir sua missão, vai voltar ao Pai, porém este outro filho de tua fé e de teu amor, não realizou ainda a sua missão. Mulher, esposa de teu primogênito na obra da regeneração, eu o confio.”(CHAMINADE EM II, n. 490, p. 166)

Podemos perceber que Pe. Chaminade segue seu estudo e reflexão na direção do papel e missão de Maria no mistério de Cristo e da Igreja e na Redenção. Está claro para ele que Maria é a mãe de todos os cristãos, por ter gerado a Jesus Cristo e que ainda segue a peregrinação de seus outros filhos, pois existe um caminho a percorrer pela fé e pelo amor, que passa pela cruz, como símbolo de integração humana, na experiência das tristezas e sofrimentos humanos que fazem parte da vida e do cotidiano de cada homem e de cada mulher.

3.4 “Fazei tudo o que Ele vos disser”: Elementos de uma Mística Marial

Para chegarmos aos elementos de uma mística marial vamos voltar a experiência de Pe. Chaminade, vivida no exílio, narrada por testemunhas que com ele conviveram e deixaram escritos de sua experiência aos pés da Virgem do Pilar. Experiência que intuímos ter vivido como fiel, junto ao coração de Maria, para chegar a uma experiência de Deus, geradora de um novo dinamismo a serviço dos demais.

Como acima dissemos, o exílio para Pe. Chaminade foi um tempo de reflexão missionária junto aos demais exilados franceses, mas também tempo de profunda experiência com Deus, que ele levou para toda a vida e tornou ação concreta na missão e no jeito novo de evangelizar.

Com o objetivo de delinear os contornos desta experiência, vamos recorrer aos testemunhos e relatos dos primeiros marianistas que conviveram com Pe. Chaminade e escutaram dele a experiência vivida aos pés da Virgem do Pilar, em Zaragoza na Espanha.

Homem de profunda vida de oração e meditação, ele viveu uma experiência de coração com Maria que o levou a uma prática evangelizadora e missionária, que se mantém até os dias atuais. Para ele, a formação de um espírito interior em nós implica a conformação com Jesus, mas também à identificação com as virtudes de Maria, virtudes que teriam marcado a humanidade de Jesus.

“O essencial é formar dentro de nós o espírito interior. Porém com quais meios? Por três: O primeiro será de formarmos segundo os traços de Jesus Cristo. O segundo, formarmos nas virtudes a exemplo de Maria Santíssima. O terceiro formarmos segundo as regras do Instituto de Maria, é dizer segundo os conselhos evangélicos” (EM II, 766, p. 284)

Como relata George Caillet (1790-1874), segundo Superior Geral da Companhia de Maria, o exílio foi para ele o lugar de retiro em que se deu a indivizível experiência de Deus, diante do “milagroso pilar”, símbolo da primeira aparição de Maria.²⁷

“Elegeu Zaragoza como lugar de seu retiro, cidade celebre pela peregrinação de Nossa Senhora do Pilar. Ali esperou, na serenidade de

²⁷ Segundo uma antiga tradição na noite do dia 02 de janeiro do ano 40 da era cristã, a Santíssima Virgem ainda em vida na terra apareceu ao Apóstolo São Tiago Maior que estava em Zaragoza às margens do Rio Ebro pregando o Evangelho. Maria estava em cima de uma coluna de luz no local foi construído o primeiro templo mariano do mundo. Esta coluna de luz ou pilar representa a fé que sustenta e mantém a tradição e a devoção a Nossa Senhora do Pilar.

http://www.rasanluis.net/wp-content/uploads/2013/10/131006_epa_pilar_zaragoza_buesa.pdf

na submissão os desígnios da Providência, que os prazeres de Deus fizesse brilhar em sua desventurada pátria dias mais alegres. Também ali seu amor profundo a Maria se faz mais intenso e cresceu sensivelmente. A felicidade que sentia contando as emoções que havia embargado seu coração a vista do milagroso pilar, nos fizeram vislumbrar uma parte dos favores da Santíssima Virgem que havia designado conceder nesse santuário. Em consequência não tememos em afirmar que também ali, por inspiração divina, concebeu o projeto que mais tarde colocou em prática com tanto êxito, de estabelecer na França, se voltasse, congregações em honra da rainha do céu e uma ordem religiosa que estivera consagrada especialmente” (CARDENAS, 2004,p. 44)

Segundo o testemunho de Charles Rothéa (1791-1868), que entrou na Companhia de Maria já sendo sacerdote, essa experiência foi uma espécie de visão que o impulsionava à fundação de uma ordem religiosa.

“Me haviam dito que Chaminade tinha ouvido como uma voz a certo tempo, que lhe dizia para estabelecer uma ordem religiosa; queria saber mais sobre isto, porém o bom Pai até agora tinha guardado segredo (...). Recordo que certa vez o bom Pai, disse em uma conferência, ao falar da oração ou de palavras interiores: “meus filhos, já os havia visto eu tal como estais aqui e aquilo aconteceu em um abrir e fechar de olhos, faz muito tempo” Quisera ficar muito tempo com o bom Pai...” (CARDENAS, 2004, p.45)

Diante da Virgem do Pilar, Pe. Chaminade teria conhecido, por experiência, a filiação, “efusões filiais” que o teriam inspirado e animado ao serviço de viver uma missão em aliança com Maria, como testemunha Joseph Simler (1833-1910):

“Encontrava ânimo em passar longas horas de oração e meditação diante da celebre estátua de Nossa Senhora do Pilar, sofrendo pelos infortúnios da Igreja e da França, perguntando-se como poderia reconstruir tamanhas ruínas e prevenir a volta de semelhantes calamidades. Estava persuadido que a ajuda mais eficaz vem por meio de Maria, assim não viu nada mais conveniente que oferecer a si mesmo a esta boa Mãe, abandonando-se sem reservas a seu serviço e a sua disposição. Durante estas efusões filiais do coração deste devoto filho diante da estátua de Nossa Senhora do Pilar, esta terna Mãe inspirou a seu generoso servidor o santo pensamento de estabelecer, sob seu nome e os auspícios de Maria Imaculada, piedosas congregações para as pessoas que viviam no mundo e duas congregações religiosas para almas escolhidas que foram chamadas a este gênero de vida pela Santíssima Virgem”. (CARDENAS, 2004, p. 46)

Segundo a declaração de Henri Rousseau (1859-1941), assistente Geral da Companhia de Maria e grande conhecedor dessa experiência do Pe. Chaminade da “efusão filial”, que ajudou o Pe. Chaminade a compreender que deveria lutar contra a indiferença religiosa, fruto da Revolução Francesa, confiando na proteção de Maria.

“Chegado a esta cidade (Zaragoza) em 11 de outubro de 1797 Chaminade se viu reduzido a uma relativa inatividade, porque qualquer ministério sacerdotal estava proibido aos sacerdotes emigrados da França. Dedicou pois uma grande parte de sua jornada a oração. No curso destas efusões piedosas que tinha sobre tudo no cenário da Santa Capela de Nossa Senhora do Pilar, o servo de Deus, escutou a palavra do Alto, em virtude da qual entregou decididamente e sem reservas as obras que realizou nos últimos cinquenta anos de sua vida; congregação de cristãos e cristãs que viviam no mundo fundação das Filhas de Maria Imaculada de Agen (1816), a Companhia de Maria (1817). Compreendeu que por meio de suas obras devia lutar contra a indiferença religiosa, fruto da Revolução, que tudo devia colocar sobre a proteção da Santíssima Virgem, da qual Chaminade seria o apóstolo e se necessário soldado, no século que esta iniciando. Eram os novos combates que devia empreender pelo reino de Deus por meio de Maria. *Nova Bella elegit Dominus*(...) Para decir a verdade Chaminade foi por vezes interrogado por seus primeiros discípulos sobre o acontecimento de Zaragoza, de tão grande interesse para eles, jamais detalhou as circunstâncias e jamais dissimulou sua missão especial nem o caráter sobrenatural, imperativo que a missão tinha” (CARDENAS, 2004, 47-48)

No dia 05 de dezembro de 1825 Chaminade escreve, em seu escrito mariano II, no. 875: “Pela grande misericórdia de Deus sobre mim e sobre os demais, desde muito tempo não respiro, mas que para propagar o culto desta augusta Virgem e fazer que cresça sua família”. E segue convidando cada religioso para que faça de seu coração um Santuário a Maria:

O Espírito dos filhos de Maria é um espírito interior. É na comunidade na qual o religioso faz de sua alma um templo para o Senhor. Ali levanta um altar sobre o qual faz o sacrifício de sua vontade; nunca perde de vista a presença de Deus e a cultiva internamente e familiarmente porque Deus fez dela a sua casa. Faz de seu coração um santuário a Maria, uma capela na qual fazem fervorosas orações dirigidas a ela. Também invoca a São José e recorre a ele em suas tristezas e penas. O espírito do Instituto é o espírito de Maria; isso explica tudo. “Se vocês são filhos de Maria, imitem a Maria “. (CHAMINADE, 1968, p.284 EM II. 765)

Isso pode ser considerado uma maneira renovada de culto? A experiência espiritual profundamente emocional resulta em renovação do culto e motivação para a ação apostólica.

Para ele, Maria tem uma missão especial de acompanhar e trabalhar para que todos cheguem à salvação.

As disposições do coração de Maria nos manifestam por este mistério “*Naqueles dias, Maria pôs-se a caminho, para a região montanhosa, dirigindo-se apressadamente a uma cidade de Judá*”. (Lc. 1,39-40). Por que Maria empreende tão pronta viagem? Para seguir as inspirações do Espírito Santo. Depois de chegar a ser a mãe do Salvador, não tem outras disposições senão a de trabalhar na salvação dos homens. (CHAMINADE, 1968, p.312, EM I, 481)

Inspirado por essa experiência, Pe. Chaminade aprofunda seus estudos bíblicos e teológicos. Esse esforço resulta numa renovada compreensão do papel e da missão de Maria no mistério de Cristo e da Igreja. Ele vê a importância de conhecer a Maria em sua humanidade como uma pessoa dinâmica, uma mulher de fé.

Essa experiência espiritual do Pe. Chaminade, considerando os traços da experiência mística apresentada por Velasco, apontados no primeiro capítulo, possui elementos que podemos chamar de mística marial, cujo desdobramento é uma proposta de missão evangelizadora, tendo Maria como ícone do mistério. Pe. Chaminade, aos pés da Virgem do Pilar, conforme testemunho acima, viveu uma experiência de uma presença de Deus, que o levou a viver um contato profundo com seu eu, liberou novas energias para enfrentar o momento difícil da Revolução Francesa.

O exílio foi para ele um tempo de silenciar, para viver uma intimidade com o Mistério, na busca pela união com Deus, tempo de oração e meditação. Neste tempo viveu um contato direto com Deus, tendo Maria, a Virgem do Pilar como mediadora, que o levou a um processo de liberação. Maria se tornou para ele um ícone.

Os novos sentimentos do Pe. Chaminade o levaram a fundação de uma Família Religiosa, tendo os leigos como protagonistas desta nova forma de evangelizar, que teria mais condições de responder ao momento atual da França. Família que teria a missão de conservar-se unida a Maria para, ao redor dela e imitando suas virtudes, chegar à conformidade com Cristo.

A inefável experiência com Maria se traduz nos escritos de Pe. Chaminade num itinerário espiritual marcado por três elementos: a encarnação, cruz e cana.

O itinerário espiritual que escreveu o Pe. Chaminade se traduz num caminho de formação humana e integral da pessoa. Ele, na França pós-revolução, vê a necessidade de formar bem as pessoas, de maneira especial os jovens. Para isso, além de formação espiritual ele procurou uma formação civil para responder aos desafios do momento. Com uma pedagogia para a educação, com uma ética do cuidado da justiça, paz e integridade, da criação que se mantém até os dias atuais nos colégios marianistas em diversos países, procura responder aos novos desafios.

Neste itinerário espiritual se destacam três imagens bíblicas: Encarnação (Lc 1,26-38), ao pé da Cruz (Jo 19,25-27) e as Bodas de Caná (Jo 2,1-11), associadas a três verbos conhecer, o amar e servir. Na Encarnação o conhecer; na Cruz, o amar e, nas Bodas de Caná, o servir, a missão. Que pode estar presente na formação humana e espiritual de cada pessoa através de um autoconhecimento, pela Encarnação, a integração de suas tristezas e sofrimentos, pela Cruz e o serviço e missão nas Bodas de Caná, o “*Fazei tudo o que Ele voz disser*” (Jo 2,5). Como um itinerário para um crescimento humano para chegar à plenitude da vida por uma experiência de Encontro com o Mistério de Deus no mistério humano de cada pessoa. É um crescer nas virtudes de Jesus como o ensinou Maria. Para Pe. Chaminade, Maria nos forma assim como formou a Jesus, pelo conhecimento e vivência das virtudes de Jesus.

Dos ensinamentos de Pe. Chaminade, o critério para valorizar as grandezas e virtudes da Santíssima Virgem tem qual sentido? O sentido de uma verdadeira devoção que trata de imitar e reproduzir as virtudes de Jesus, virtudes que foram ensinadas por Maria, sua mãe, para chegar a conformidade com Jesus numa relação filial com Maria, para deixar formar por Ela, a semelhança de seu filho Jesus.

“ Maria, Mãe de Deus, mistério profundo e incompreendido, pelo qual é dado a uma pobre criatura chamar a um Deus Filho seu e compartilhar com um esposo mortal, senão com o mesmo Pai Eterno, a propriedade si assim se pode dizer, as homenagens e a ternura filial de Jesus. Esta no ensinamento da fé: Maria, Mãe de Jesus. Pelo Filho aprendemos pois a conhecer a Mãe” (CHAMINADE, 1965, p. 51)

“ O Santo abade Claraval estabelece em termos expressos a necessidade da mediação de Maria e compara o poder da Mãe sobre o coração de seu Filho, e o poder do Filho sobre o coração do Pai. A Deus por Jesus Cristo e a Jesus Cristo por Maria.” (CHAMINADE, 1965, P. 84-85)

A originalidade de Chaminade está na piedade filial, que tem no seu fundamento uma proximidade com Maria, que o teria levado a um encontro com Deus (cf relatos p.64). Essa experiência descrita por Joseph Simler, como efusão filial se desdobra numa compreensão de filiação divina, que implica numa aliança, isto é, num compromisso de amor ao mundo, inspirado no amor do Filho e de Maria.

Não se deve ser somente consumidor do amor maternal e da proteção que Maria concede, mas sim filhos e filhas ativos, generosos, empreendedores. Maria, a mãe que espera uma resposta, algumas ações, um compromisso.

“E Maria se alia a nós: Ela nos elege entre um grande número para formar sua família e seus filhos queridos. Como podemos merecer isto? Maria se compromete conosco, quais são seus compromissos? Os compromissos de uma mãe, amar, socorrer em todas nossas necessidades e defender-nos. Maria forma sociedade conosco, é dizer, na participação de todos nossos bens... Entregamo-nos a Maria com todos nossos bens e todas as possibilidades de nosso ser. Que disponha de nós como lhe convém para maior glória de seu Filho”. (CHAMINADE, 1968, p. 260. EM II. 753)

Pe. Chaminade insiste em afirmar que a Santíssima Virgem não cessa de recomendar que se faça tudo o que Jesus nos disser. Fazer tudo o que ele disser, é dizer: Faça qualquer coisa que vos mande, mesmo que a razão seja estranha. É como se dissesse: Tenha fé Nele. (CHAMINADE, 1968, p.225 e 281). A aproximação de Maria leva a uma confiança irrestrita no Filho. A piedade filial de Chaminade é uma mística da ação.

“Igualmente são também as palavras que nos dirige a Virgem para nós seus filhos: Faça o que meu Filho os diga. Porém como nos falará Jesus Cristo? Pela fé: escutemos o que nos diz a fé, recorramos à fé e ponhamos em prática o que ela nos ensina; assim faremos o que Jesus nos disser.”(CHAMINADE, 1968, p.281, EM II. 834)

No entanto, essa proposta de Chaminade é também uma vocação. Na sua perspectiva, alguns são especialmente chamados para essa proximidade.

Eleição, compromisso e comunhão são os três elementos da aliança com Maria. Segundo Chaminade essa aliança é uma vocação.

Para Chaminade, nesta relação de proximidade com Maria, Ela tem para com seus filhos atitudes maternas de educadora e formadora na fé, no amor e no serviço; para ele, a fé abarca o homem inteiro e, segundo a trilogia antropológica da qual se serve, a fé deve iluminar a razão, tornando-se fé do coração e impulso ao compromisso com a vida, ou seja, assentir com a razão, deixar tocar, chegar ao coração para viver e atuar de acordo com o que se crê. Essa trilogia inspira outra trilogia religiosa: a do conhecer, do amar e do servir a Deus e, para Chaminade, esta trilogia também se manifesta num âmbito mariano no conhecer, no amar e no servir a Maria, que inspirou um processo de formação dos congregantes através de conhecer, amar e servir a Jesus e a Maria, para um caminho espiritual, onde, a partir deste conhecimento, para uma imitação das

virtudes de Maria, possa se chegar a conformidade com Cristo, uma piedade filial mariana.

4 Capítulo 3 - MÍSTICA E SECULARIZAÇÃO: Vinho Novo em Odres Novos

Neste capítulo, vamos tratar da hipótese de que nos escritos de Pe. Chaminade existem elementos de uma Mística Marial, que podem oferecer elementos para uma vivência melhor da devoção mariana no mundo secularizado.

Os elementos da mística marial já apresentados no capítulo anterior serão aqui retomados. A partir de uma vivência espiritual profunda aos pés da Virgem do Pilar, Pe. Chaminade passa a ter um novo olhar sobre a devoção mariana, que deve levar a um culto encarnado na realidade.

Propõe a piedade filial mariana, isto é, a vivência de uma relação de filhos de Maria, diferente da que de Jesus recebeu de Maria à vida natural. Para Pe. Chaminade, torna-se filho de Maria aquele que experimenta uma presença materna semelhante a que Jesus experimentou, sendo o fiel convidado a imitar e a reproduzir as virtudes de Maria para chegar à conformidade com Cristo. Os meios para chegar a essa conformidade para ele são: a oração, a meditação e o sistema de virtudes que se apoia no seguinte tripé: conhecer, amar e servir a Maria. Esse sistema de virtudes tem como inspiração três imagens bíblicas de Maria: a Virgem na Anunciação; a Mãe aos pés da Cruz, e a Mulher nas Bodas de Cana, imagens que nos inícios de seu apostolado missionário levou-o para orientação e acompanhamento das pessoas que tinham sofrido danos materiais e morais em consequência do terror da Revolução Francesa.

Buscaremos demonstrar neste capítulo, que a devoção mariana proposta pelo Pe. Chaminade, apoiada numa experiência profunda de Deus proporcionada pela presença maternal de Maria, representou uma proposta de espiritualidade lúcida e inovadora para os tempos novos que se anunciavam, pois Pe. Chaminade não rejeita a secularização, mas propõe uma nova devoção para o mundo secularizado: “vinho novo em odres novos”. Novo momento nova realidade, novos métodos, com criatividade e pedagogia.

4.1 A devoção nos escritos do Pe. Chaminade

Pe. Chaminade distingue uma verdadeira devoção²⁸ de uma perfeita devoção. “Para a devoção verdadeira supõe uma estima das virtudes de Maria, e a condenação dos vícios, se for constante termina pela imitação das virtudes,²⁹ e esta devoção se faz perfeita”. (CHAMINADE, 1968, p.159. EM I). Para ele, a devoção passa por uma vivência de uma relação filial com Maria que é a piedade³⁰ filial e um convite a imitar e a reproduzir suas virtudes, para chegar à conformidade com Cristo.

Propõe razões sólidas para a devoção a Maria. Para ele, Maria não é o centro da vida do cristão, mas, é uma figura central por ter gerado Jesus, que é o centro da vida cristã. Preocupado com excessos de uma devoção mariana que desponta como força de combate ao protestantismo e não fugindo dos desafios do racionalismo e da secularização, ele entende que a devoção é como um ato de religião, pela qual o fiel rende graças a Deus, o culto que Lhe é devido, por uma vontade pronta, e determinada a abraçar e a fazer tudo quanto é de Deus e pertence ao culto e serviço de Deus. E ainda acrescenta que:

“A intenção da Igreja no culto aos santos é somente colocar em relevo o respeito que tem à sua memória e render-lhe o justo tributo de ação de graças que é devido, senão segundo São Bernardo, ao instruímos em vista das graças que Deus os cumulou, a animarmos pelo exemplo e pelo relato de suas virtudes e ajudar-nos e fortalecer-nos por sua intercessão”. (CHAMINADE, 1968, p. 157, EM I)

Propõe seguir o exemplo das virtudes também dos santos que chegaram à santidade pela graça de Deus e pela vida e exemplo que deixaram para o mundo, por uma vivência encarnada na realidade de uma vida vivida, em sintonia e harmonia com Deus, e com os demais.

Quando fala da devoção mariana, diz que consiste essencialmente em produzir atitudes internas e externas e acentua a imitação das virtudes de Maria.

A verdadeira devoção a Maria, consiste num profundo respeito, uma confiança completa e um amor preferencial e afetuoso para com a

²⁸ Devoção, sentimento religioso, afeto, dedicação às coisas religiosas, culto especial a um santo, práticas religiosas, veneração, objeto especial de veneração. Relação com Deus através de atitudes, gestos, expressões.

²⁹ Virtude, significado original do latim *virtus* significado original força viril. Qualidade que se manifesta em um indivíduo e pode ser tanto inata como adquirida. Ética do bem e do mal. Na teologia as virtudes teológicas fé, esperança e caridade.

³⁰ Piedade, amor e respeito às coisas religiosas, devoção, religiosidade, compaixão pelos sofrimentos alheios. Piedade filial, amor e respeito aos pais.

Santíssima Virgem. A prática desta devoção consiste essencialmente em produzir atitudes internas e externas de respeito, de confiança, e de amor para com Maria. O bom congregante tem sempre a perfeição desta devoção, isto é, a imitação das virtudes da Santíssima Virgem sua Augusta Patrona. (CHAMINADE, 1968, p. 105, EM II 324)

Pe. Chaminade sempre acentua a necessidade de imitar as virtudes de Maria, sem perder de vista que a centralidade da devoção deve ser direcionada a Cristo, que se encarnou no seio de Maria, pois, de nada adianta a devoção se Cristo não for o centro da fé.

O culto a Maria deve ser prudente, o culto deve consistir principalmente na imitação de suas virtudes. Ilusão dos cristãos que dão a Maria o que a ela não pertence. Ao chamar Maria de esperança nossa, tenhamos presente que é por Jesus que Ela é nossa esperança...; ao chama-la de refugio dos pecadores, devemos considerar que somente o será para quem abandonar o pecado e não para os que a amam... Mãe de misericórdia, porque deu à luz a nossa misericórdia. (CHAMINADE, 1968, p.157-158. EM I)

No capítulo anterior, vimos que Pe. Chaminade é herdeiro do Concílio de Trento, e pertence a um tempo em que a Reforma Protestante representa um grande desafio, por isso, cuida para que não se confunda o culto a Deus e o culto a Maria e assim esclarece que o culto deve ser prudente e com juízo, ou seja, cheio de sabedoria e de verdade.

Ele segue sua reflexão dizendo que o culto a Maria é inferior ao que termina em Deus, sendo Deus o principal objeto de culto. E, diz ainda que não é o culto que condena, mas seu excesso e um zelo excessivo, e sem regra.

Para ele à Maria se deve um culto especial por ter gerado Jesus, Filho de Deus, porém condena os excessos:

Por outra parte, que Maria é Mãe de Deus, escolhida entre seus servidores; que Jesus veio a nós por Maria. Que conclusão chegar? Que o culto a Maria é superior e se distingue do culto aos Anjos e aos santos. Porém se diz: Não é o culto o que condena, são os excessos de um zelo excessivo e sem regra. As más intenções dos inimigos de Maria, artifício e maldade. Se recriminaram certas práticas, para ter o direito de abolir todas. (CHAMINADE, 1968, p. 158. EM I)

Pe. Chaminade tem consciência do cuidado que se deve ter com a devoção e o culto a Maria e diz da veneração e da devoção a ela, novamente ressaltando a importância da imitação das virtudes de Maria e não apenas a vivência de práticas exteriores e sentimentalistas:

O cuidado de nossa veneração: primeiro limitar o culto a Maria e destruir o sólido fundamento de nossa confiança privando-nos assim de um meio de salvação e o segundo o excesso das práticas exteriores, mais atentos a honrar suas virtudes que imita-las, servindo apenas de um sentimentalismo piedoso e justificando as desordens interiores. (CHAMINADE, 1968, p. 157. EM).

Pe. Chaminade em seu itinerário espiritual teve uma intensa experiência de filiação e por isso ele enfatiza a piedade filial. Será sua a característica de chamar a todos de filhos de Maria. Ser filhos de Maria será o deixar-se formar por ela à semelhança de seu filho Jesus Cristo. Assim para ele todos são filhos de Maria e todos têm alguns direitos e ao mesmo tempo deveres de um filho para com a Mãe. A devoção, portanto, implica uma ação. Esta é a originalidade da concepção da devoção a Maria. “Nossa piedade filial é uma piedade filial apostólica” (NEUBERT, 1962, p.299). É a imitação de Jesus Cristo e a missão de estar a serviço dos demais. Aqui temos o caráter cristocêntrico e apostólico da devoção a Maria.

Entre os católicos a devoção a Maria é uma virtude que desde o primeiro momento agrada a todos. Mas nossa devoção a Ela tem um caráter singular. Não é simplesmente a atitude do fiel que honra e ama a Mãe de Deus e recorre a Ela. Desde este ponto de vista apenas se diferenciaria da devoção aos Santos senão por um fervor maior. É algo completamente a parte: é a reprodução da piedade filial de Jesus para com sua Mãe, desta piedade filial que depois da piedade filial para com seu Pai, é a mais fundamental de suas disposições. E esta reprodução não é uma simples imitação dos traços exteriores, como é o modelo ordinário; é inclusive uma participação, uma extensão, um prolongamento da piedade filial de Jesus para com Maria; é Jesus que por nos continua honrando, amando, ajudando a Maria. (NEUBERT, 1962, p. 105)

Pe. Chaminade destaca também que nesta relação filial, é importante o conhecimento de Maria, por isso ele fala da importância da instrução acerca da Santíssima Virgem, a mulher forte na fé, podendo ser chamada de ícone do mistério, pois carregou em seu ventre o mistério de um Deus que se tornou Filho e necessitou de sua ajuda na educação e nos cuidados de uma mãe para crescer até chegar à morte por sua entrega na cruz. Maria é esta mulher, virgem que é mãe e esposa que vive uma relação de amor e intimidade com seu Filho Jesus e com Deus Pai e Criador. O fiel na devoção tal como concebeu Pe. Chaminade, de uma relação filial. Podemos, portanto, dizer que, em sua perspectiva, a verdadeira devoção é colocar-se diante de Maria como ícone do Mistério, para que ela que foi mãe do Filho, conduza o devoto a uma experiência

profunda de Deus. Chamamos, portanto, mística marial, essa experiência do Mistério proporcionada por uma aproximação filial com Maria.

4.2 Maria ícone do Mistério

A palavra ícone do grego *eikón*, imagem, designa uma pintura sagrada feita em painel. A iconografia remonta aos séculos V-VI. Para os cristãos do oriente os ícones são considerados no mesmo plano da bíblia e da tradição, assumindo um conteúdo histórico; cultural litúrgico; espiritual e dogmático.

O ícone também tem um sentido místico, pois é uma janela que se abre para a transcendência. Diferente da imagem que atrai o olhar e do ídolo que retém o olhar, o ícone permite o *ultrapassamento* do olhar, quer proporcionar o encontro com o transcendente.

Em seu livro “o Ícone uma escola do olhar”, Jean Yves Leloup³¹ diz que o ícone nos ensina a ler o Invisível no visível, a Presença na aparência, a ver que o ícone se oferece para ser contemplado. O olhar o mundo como um ícone, mantendo o olhar não capturado por aquilo que se vê, isso tem consequências não apenas éticas, mas também epistemológicas, pois o iconógrafo além de saber escrever um ícone sabe também lê-lo.

Ao contrário do idólatra que tem o olhar capturado por aquilo que vê; o seu conhecimento tem a inteligência capturada por aquilo que sabe, sua religiosidade tem a fé capturada no que crê e sua afetividade tem o coração capturado por aquilo que ama, sendo que o ídolo detém o olhar que não pode ir além da imagem dada. (LELOUP, 2006, p. 15) Para o iconógrafo o visível abre seus olhos para o invisível, sua inteligência e seu coração não estão capturados pelo que sabe e ama, mas o que ele sabe e o que ama abre caminho para o Real que lhe escapa e transborda sem cessar, participando como sujeito.

O ícone pertence ao mundo da visão, o iconógrafo escreve uma “visão” que é não a sua própria, mas que é aquela que a tradição, esclarecida com todos os olhares, e é em direção a esse invisível presente que se voltam a inteligência, o coração e suas diferentes formas de veneração. (LELOUP, 2006, p.19)

³¹ Doutor em Psicologia, Filosofia e Teologia. Ensina na Europa e nos Estados Unidos e na América do Sul. Conferencista, dominicano e depois padre ortodoxo.

Para Leloup o ícone nos faz entrar em um outro mundo, que não é o mundo da matéria, nem do Espírito, mas um composto sem mistura dessas duas dimensões do real, é como uma ponte entre o consciente e o não consciente, consciência colorida e supra consciente invisível.

Para Bruno Forte, Maria pode ser considerada Ícone do Mistério, sendo que ícone quer ser verdade da presença, não totalidade dessa presença, o ícone não é uma descrição mas uma evocação dessa presença feminina, da mulher Maria de Nazaré.

Utilizaremos como referência essa sistematização teológica de Bruno Forte sobre o lugar de Maria no Mistério da Salvação e na vida da Igreja, que entendemos estar em paralelo com o entendimento que Pe. Chaminade tem e com a orientação renovada que ele propõe aos fiéis. Ambos ao apresentarem Maria, destacam três dimensões que fazem de Maria um ícone do Mistério, a Virgem a Mãe a Esposa. Dimensões que compõem uma humanidade aberta ao transcendente.

Olhar para Maria, a mulher ícone do Mistério, significa então orientar-se para um discurso de fé em torno dela firmemente ancorado na determinação e na densidade do dado bíblico, e, ao mesmo tempo, aberto para sondar as profundezas desse dado em continuidade com a ininterrupta tradição da Igreja, a partir de suas primeiras origens. (FORTE, 1991, p.148)

Estas três dimensões: Virgem, Mãe e Esposa parecem ser para o Pe. Chaminade relevantes no conhecimento de Maria, pois em sua instrução sobre ela sempre a apresenta com estas imagens. Para ele Maria é a Virgem filha do Pai, Mãe de Jesus e Esposa do Espírito Santo. Pe. Chaminade ainda acrescenta que Maria foi agraciada por quatro favores do Pai, de Jesus, o Filho e do Espírito Santo.

Os quatro favores do Pai são: seu nascimento e presença eterna, sua Imaculada Conceição, pois Maria é santa desde seu nascimento, a Anunciação, São Gabriel, o maior dos anjos se coloca diante dela, e por último a Encarnação, favor que supera a todos os demais. Os quatro favores do Filho: permanecer em suas castas entranhas nove meses e nascer sem perder a virgindade por um milagre insigne, ser alimentado por seu leite *“feliz o ventre que te carregou e os peitos que te amamentaram”* (Lc 11,27), afinal a carne de Jesus é a carne de Maria sem nenhuma alteração, o fazer de Maria sua guia, e não fazendo nada

sem a aprovação dela, Jesus quis que a Santíssima Virgem depois de sua morte fosse guia de seu corpo místico, de sua Igreja, de seus membros, de todos os fieis e a administradora de seus tesouros, e por último porque fez dela companheira de seus trabalhos, das suas alegrias, de seus sofrimentos e sua morte. Os quatro favores do Espírito Santo: por fazer de Maria Mãe e Virgem ao mesmo tempo, é o maior milagre depois da Encarnação, que é o maior de todos porque une a divindade com a humanidade, perfeita pureza de alma e corpo, por leva-la ao céu em corpo e alma, fazê-la Rainha do Universo. (CHAMINADE, 1968, p.269-270, EM II 794-795)

Também o teólogo Bruno Forte apresenta estas mesmas três imagens de Maria, a mulher que é Virgem, Mãe e Esposa. Ele faz um paralelo com as três pessoas da Santíssima Trindade e apresenta três significados: o teológico, o eclesiológico e o antropológico que se assemelham com a descrição do Pe. Chaminade, pois, para ambos, Maria vive uma intimidade com o Pai por sua abertura incondicional no seu sim à Encarnação de Jesus. Maria concebe o Filho pela ação do Espírito Santo, numa atitude de amor sponsal.

A intencionalidade do ícone é apresentar Maria à luz da imagem de Virgem, Mãe e Esposa, imagens de uma mulher situada num tempo e na história. Como a imagem de um ícone que também pode ser uma escritura simbólica, não apenas pela riqueza dos sinais a ser contemplado, mas porque indica e chama a encarnação daquilo que une ou reúne os elementos que parecem estar distintos e separados: “o visível do invisível; o tempo e o Eterno; o criado e o in-criado; a forma e o sem forma; o homem e Deus, etc” (LELOUP, 2006, p.21). Nesta dinâmica de Leloup o ícone está entregue à nossa interpretação, aqui apresentamos uma proposta utilizando das imagens que podem vir a ser um caminho no processo humano de crescimento, e abertura ao transcendente que foi vivido por Maria a mulher de Nazaré. Através dos relatos bíblicos que apresenta Maria, seguimos com a imagem de Maria que é a Virgem, a Mãe e a Esposa.

4.2.1 Maria, a Virgem que acolhe o mistério da vida pelo seu sim.

Somente podemos compreender a virgindade de Maria associada a sua fecundidade, geradora de vida pela fé e pela receptividade humilde da ação

de Deus em sua vida uma abertura incondicional ao Mistério com a capacidade de ir além de transcender. A virgindade significa, portanto, a orientação incondicional, não mediada nem fragmentada, da pessoa humana rumo ao Absoluto. (PINKUS, 1991, p. 139) Maria se liga a Deus pela fé, e por sua liberdade radical, que permite um dilatar da consciência, enfrentando responsabilmente o risco de se entregar ao desconhecido, e é a humanidade que se torna fértil por uma ligação espiritual contrária ao “*hyeros gamos*” (hierosgamos)³²

Maria é a Virgem: ela é reconhecida como tal pela fé cristã desde suas origens, testemunhadas pela Palavra normativa e fontal do Novo Testamento. Ela não é somente uma virgem, mas como confessa explicitamente o Credo de Nicéia Constantinopla (381) “a Virgem”. Nela a virgindade não é estágio ultrapassado da vida, mas qualificação determinante, estado que caracteriza a sua presença no mistério em relação ao Filho e em relação aos homens e à sua salvação. (FORTE, 1991, p.158)

No sentido teológico segundo, Bruno Forte, Maria é a serva humilde que acolhe pelo seu sim a encarnação do próprio Deus. Deus se inclina até a humanidade de Maria e acolhe o seu sim na gratuidade de seu amor para com Maria e toda a humanidade.

A imagem divina que se manifesta na narração da anunciação e no milagre da encarnação é a do Deus da iniciativa gratuita de amor para com sua criatura, a do Senhor do céu e da terra que se inclina para a sua serva e, nela, para toda a humanidade da espera, a do Pai das misericórdias que sai do silêncio para pronunciar no tempo a sua Palavra ligando-a à humildade de uma hora, de um lugar, de uma carne. (FORTE,1991, p. 161)

No sentido eclesiológico “a Virgem Maria é apresentada desde as origens como discípula do seu Filho, unida aos outros discípulos no testemunho da glória que se manifestou em Cristo e pela fé nele”. (FORTE, 1991, p. 170).

“Esse principio dos sinais, Jesus o fez em Caná da Galileia e manifestou a sua glória e os seus discípulos creram nele. Depois disso desceram a Cafarnaum, ele, sua mãe, seus irmãos e seus discípulos, e ali ficaram apenas alguns dias”. (Jo 2,11s)

No sentido antropológico Maria esta associada a seu Filho, mas também associada ao mistério que é cada ser humano no desejo de crescer e

³² “*hyeros gamos* (hierosgamos), significa as núpcias sagradas com Deus.

chegar até seu próprio espaço virgem para desde aí transcender e viver uma experiência cume.

A Virgem Maria não é só o ícone do Filho, totalmente relativo ao Pai e à sua glória, mas também ícone dos filhos tornados tais no Filho, isto é, da criatura humana que, envolvida pelo mistério de Graça, que a precede e acompanha, pode tornar-se colaboradora de Deus, pronunciando o sim da colhida virginal na humildade e no abandono incondicional da fé (FORTE, 1991, p. 178)

Para Pe. Chaminade a Virgindade de Maria está associada à Encarnação, à fecundidade, por sua humildade, por sua fé, capaz de assumir desde sua condição de mulher livre o sim, gerando vida em seu espaço virgem aberto para acolher o Mistério de um Deus que se faz humano.

A Virgindade de Maria é principio de sua milagrosa fecundidade e sua humildade é grau de sua incompreensível elevação *Virginitate placuit, humilitate concepit*. A humildade é a primeira e essencial disposição para as comunicações divinas. 1. Humildade de Maria junto com a plenitude de seus méritos, 2. Humildade como a culminação de sua honra, 3. Maria pronunciar o *fiat*. (CHAMINADE, 1968, p.301, EM II 453)

Ambos Pe. Chaminade e Bruno Forte se referem à Maria, Virgem, destacando de maneira especial sua associação ao Filho pela Encarnação, e a virtude da humildade ao responder o sim na Anunciação, sim este que se estende a toda a humanidade. A virgindade indica a capacidade da pessoa de se entregar ao amor divino, fazendo um sacrifício consciente das suas energias e até das referências biológicas, em uma atitude que nasce da vontade de um amor gratuito.

4.2.2 Maria, a Mãe, que comunica a vida em sua plenitude

Se no mistério da encarnação a Virgem é receptiva e dá seu sim incondicional ao amor gerador de vida, a Mãe é a que comunica o mistério da encarnação vivendo uma intimidade com Deus e com cada fiel que se aproxima de sua presença materna e vive uma relação filial.

A maternidade divina de Maria constitui sua missão essencial na história da salvação, ser a Mãe do Filho de Deus encarnado. Pe. Chaminade destaca a qualidade da Mãe de Deus e sua capacidade de comunicação com Deus e com cada fiel.

Maria é o firme apoio de nossa esperança, depois de Jesus, porque sua qualidade de Mãe de Deus lhe dá uma grandeza que lhe aproxima a Deus e faz capaz de tirar dos tesouros; por sua qualidade de mãe, tem uma bondade e um afeto tal que a coloca a nosso alcance. Comunica, pois com Deus e conosco. (CHAMINADE 1968, p. 178, EM II).

Para Bruno Forte, o centro e o coração do mistério oferecido em Maria estão unidos ao ser ela a Mãe do Filho eterno, que se fez homem por nós. Através da narração bíblica a fim de atingirmos as relações com a profundidade do mistério absoluto, com a realidade da Igreja e a condição humana, envolvidas em Deus, mistério do mundo. Ele examina, o mistério da Mãe de Deus a theotókos. Maria é a Mãe do Senhor (Lc 1,43), segundo o testemunho da Escritura; a Mãe de Deus, como define a fé da Igreja em Calcedônia (451) em continuidade com a Palavra normativa do Novo Testamento. (FORTE, 1991, p. 184 - 185)

No sentido teológico Forte, apresenta a maternidade espiritual de Maria como mãe por adoção de todos os filhos da Igreja: “a relação funda-se no mistério da geração do Filho e dos filhos no Filho. Como Maria está a serviço do mistério da encarnação, assim a Igreja permanece a serviço do mistério da adoção dos filhos, mediante a graça”. (FORTE, 1991, p.198)

Paralelo ao sentido antropológico, Pe. Chaminade fala da comunicação do Amor Divino que apresenta a Mãe de Deus, em sua confiança total ao mistério da Encarnação.

O homem não é, aqui, simplesmente “argila nas mãos do oleiro”, mas criatura que colabora, que se chamada, responde se amada, ama. Na figura da Mãe de Deus resplandece a altíssima dignidade da criatura humana, chamada a participar da comunicabilidade do Amor divino. (FORTE, 1991, p. 207)

Pe. Chaminade fala sobre a admiração de ver como vivem e perseveram os verdadeiros filhos de Maria, aqueles que vivem esta relação com Maria a Mãe, pela piedade filial.

Estou admirado das graças e bênçãos que recebem todos e todas os que fazem de boa vontade e perseveram nas disposições que os inspiram. Que felizes são os verdadeiros filhos de Maria! A Mãe de Jesus é realmente sua Mãe. Talvez digam, porém Maria não pode ser minha Mãe como é Mãe de Jesus. Sem dúvida, se não consideramos as coisas segundo o espírito: porém a maternidade divina se deve considera-la segundo o espírito e não segunda a natureza. Maria, segundo a declaração mesma de Jesus, é mais feliz por ter gerado segundo o espírito do que pela ordem natural. Se não compreendem bem esta verdade, que não faço mais que indicar aqui, voltarei sobre ela em outra

carta. (CHAMINADE, 1968, p.13 EM II 11. Carta enviada a Adela em 27 de agosto de 1810)

Tanto para Bruno Forte, com o para Pe. Chaminade, na Anunciação e na Encarnação, Maria foi por excelência “*aquela que acreditou*” (Lc 1,45) se cumprindo o que foi dito pelo Senhor. A fé de Maria é uma fé dinâmica e operante, capaz de ser vivida por todos aqueles que creem no Mistério de um Deus que se encarna, Jesus Cristo. Maria, a mulher que é Mãe por gerar o próprio Deus com liberdade e abertura ao Espírito que supõe fecundidade e criatividade, é símbolo marcante de como a pessoa pode realizar um encontro autêntico e profundo com Deus, no cotidiano histórico, seguindo um caminho de integração e equilíbrio pessoal.

4.2.3 Maria a Esposa que vive o amor incondicional

Para o Pe. Chaminade Maria é a Esposa do Espírito Santo e tem uma aliança com a Trindade, por essa aliança Maria se torna Filha do Pai, Mãe do Filho:

Maria preservada do supremo mal e enriquecida com o sumo bem, digna, por conseguinte de uma privilegio incomparavelmente mas grande pela aliança que a adorável Trindade estabelece com Ela, podendo ser por essa aliança Filha do Pai eterno, Mãe do Filho e esposa do Espírito Santo. Nossa razão se perde diante destas considerações. Para Glória de Maria rendamos-lhe nossa homenagem a este respeito e coloquemos novamente sobre sua proteção. Não esqueçamos que a tomamos por Mãe e Ela nos ama como filhos. (CHAMINADE, 1968, p. 261, EM II 760).

Para Bruno Forte, Maria é a Virgem Mãe, a criatura na qual o Eterno desposou na aliança que une o humano e o divino, a terra e o céu. “Na figura da Esposa está condensado o dom recebido pela Virgem e realizado na Mãe: o céu desce à terra e lança raízes nela; a terra preliba o amanhã, de Deus, que lhe é dado e prometido”. (FORTE, 1991, p. 216)

No sentido teológico, para Bruno Forte, o ícone do Espírito, é a imagem do mistério nupcial. No Espírito, Deus se unifica: ele é o Amor pessoal, dado pelo Amante e recebido pelo Amado, no Espírito Deus sai de si mesmo, é aquele que agindo na encarnação e no Pentecostes, torna o Filho presente na existência humana.

Maria é, ao mesmo tempo, lugar, protagonista e testemunha, é a do Deus da aliança: não do Deus da estraneidade e da pura transcendência em relação à história; não do Deus absorvido no devir do mundo, confundido com a imanência oculta dos seres; mas do Deus que, mesmo sendo totalmente Outro, se fez totalmente dentro e vizinho, próximo da fadiga humana do viver, para oferecer-lhe a salvação em seu amor criador e redentor. (FORTE, 1991, p. 218)

No significado eclesiológico, “Maria é ícone da Igreja Esposa. Imagem e primícias da Igreja, povo da aliança, Maria, Esposa das núpcias eternas, é também para ele o sinal de segura esperança e de consolação”. (FORTE, 1991, 230) E Para Pe. Chaminade na imagem da Igreja ele a remete à tradição e aos ensinamentos e diz dos desafios do seu momento em relação à Maria.

Tudo por Maria na ordem da salvação: tal é a consequência que se deduz dos ensinamentos e da conduta da Igreja. Tal é a verdade pregada pelos nossos Pais na fé, sobretudo por Santo Ambrósio, Santo Agostinho, São Bernardo, São Boaventura, Santo Anselmo. Ir a Jesus por Maria, eis aqui a verdade tão querida em todos os séculos cristãos, porém que em nosso século parece chamado de um modo especial a realizar. Essa é a voz da tradição, a voz inclusive do céu e o grito de esperança da terra. (CHAMINADE, 1968, p.144, EM II.434).

Para Bruno Forte o significado antropológico é: o homem ser dialógico e o feminino como reciprocidade e antecipação.

Maria, Esposa da aliança, vivendo em sua pessoa o cumprimento antecipado do desígnio de Deus, revela ao homem a estrutura antecipada de sua consciência(...) A sua natureza de ser dialógico não se realiza verdadeiramente a não ser na transcendência: é somente abrindo-se para o alto e para o amanhã que o homem vive a própria vida como diálogo de libertação. (FORTE, 1991, p.235)

Das três imagens: Virgem, Mãe e Esposa. Maria está associada aos mistérios de Cristo e da Igreja, ela por meio destas três características humanas nos ensina, a saber, acolher a novidade com receptividade; a comunicar a presença e o amor de Deus nos acontecimentos cotidianos e a promover o diálogo pelo respeito, e amor ao diferente, promovendo a comunhão, a fraternidade nas diferenças existenciais.

Maria é ícone do mistério, por ser pessoa humana que, antes de ser a mãe de Deus, experimentou no silêncio o mistério de um Deus que se faz humano. Maria em sua liberdade realiza a solidariedade e o respeito ao outro numa atitude de humildade e de confiança. Emerge assim a mulher plena de vida e integrada na história e nos acontecimentos de seu povo. Pe. Chaminade nos

ensina a ter confiança nas possibilidades humanas existentes, para seguir crescendo nas virtudes de Maria para chegar à conformidade com Cristo, possibilidades estas que passam pelo conhecer, amar e se colocar a serviço dos demais numa atitude de solidariedade e de cuidado com a vida.

Maria cheia do Espírito Santo desde o primeiro instante de seu ser, não deixou de trabalhar e de crescer sempre nas virtudes. Graça superabundante e quase sem medida. Por abundante que seja em nos a graça, sempre fica um vazio dos méritos de Deus que é preenchido pela nossa ação e nossas obras, no entanto nos contentamos com o que somos. (CHAMINADE, 1968, p. 203. EM I 162)

A partir do conceito de mística como experiência do Mistério, quando, nos referimos a Mística Marial, intuímos que é a experiência vivida pelo fiel de coração com Maria, pois no coração da mãe pulsa o coração do filho, tal como viveu Pe. Chaminade diante da Virgem do Pilar, que o levou a ter um novo dinamismo missionário e evangelizador em seu tempo.

Essa experiência que transformou sua vida ele a deixou em seus escritos e nas fundações que realizou perpetuando sua experiência diante de Maria, sendo ela, caminho e meio desta experiência profunda de Deus.

Pe. Chaminade revela um novo jeito de viver a devoção mariana através da filiação, da piedade filial mariana, o viver uma relação filial com Maria semelhante à de Jesus, tendo atitudes de filhos para com Maria e conseqüentemente Maria tem atitudes de mãe para com seus filhos, no cuidado e proteção. “Vamos, querido filho, sempre com bom ânimo e uma grande confiança na Santíssima Virgem! Ela é realmente vossa boa Mãe, sede realmente seu filho de espírito e de coração”. (CHAMINADE, 1968, p.78 EM II. 202)

Por Ela, com Ela e como Ela se esforça constantemente em chegar a perfeição na qual é chamado com uma doce confiança de que a proteção desta terna Mãe e advogada e modelo porque crê firmemente que imitar a Maria é imitar a seu adorável Filho. (CHAMINADE, 1968, p.265, EM II. 773)

4.3 Pe. Chaminade e o Sistema de Virtudes: Conhecer, Amar e Servir

No primeiro capítulo apresentamos a definição de mística, como experiência do Mistério, que é inefável, Pe. Chaminade viveu uma experiência profunda de Deus no exílio em Zaragoza, conforme vimos no segundo capítulo. Pe. Chaminade a partir de sua experiência vai transmitir em seus escritos, por seu

jeito de viver um novo dinamismo missionário numa sociedade marcada pela secularização e indiferença religiosa.

Os três elementos importantes para que se diga que de fato existe uma experiência mística, Pe. Chaminade os viveu que é a união íntima com Deus, como conteúdo e meta da experiência; uma experiência que deixa um rastro da presença de Deus na alma por ser uma experiência de contato direto e imediato que é transcendente por ser uma presença divina e por último o amor sendo este caminho e meio da união.

Como apóstolo dos leigos, de sua experiência e no intuito de uma nova evangelização na França naquele momento histórico ele inicia um trabalho onde havia espaço para todos: sacerdotes, seculares, homens, mulheres, jovens, sendo o propósito viver como as primeiras comunidades e estas comunidades teriam: caráter mariano; espírito comunitário; dinamismo missionário; comunidade formadora na fé; e comunidade apostólica fecunda.

Pe. Chaminade foi um homem de seu tempo e aberto aos novos tempos, *Nova bella elegit Dominus*³³, situação nova exige táticas e métodos novos. Assumindo os desafios e os riscos de seu tempo com fé e criatividade, e por isso olhando a narrativa de sua experiência percebemos seu dinamismo e entusiasmo pela vida, marcada por uma experiência de filiação com Maria.

De sua experiência mística tendo Maria como caminho e meio, surgiu um método, uma pedagogia que promove a pessoa nas dimensões intelectual, física, espiritual, integrando corpo mente e espírito. O vinho novo do contexto da pós Revolução Francesa em pleno processo de secularização exigiu do Pe. Chaminade um novo olhar para sua realidade. Desse novo olhar podemos dizer que surgem os odres novos, um novo jeito de viver seu apostolado com uma pedagogia e métodos novos, onde a pessoa é protagonista na sua busca por uma experiência cume a partir do seu interior e não apenas de uma religião.

Para Pe. Chaminade a pessoa que se engaja em uma espiritualidade atravessa diferentes etapas que gradualmente levam à perfeição sendo as vias:

³³ Pe. Chaminade tinha entre sua cita bíblica favorita: *Nova bela Elegit Dominus* (Juizes 5,8 citado em *Escritos y Palabras III*, 2014, p. 501) que foi traduzida como “O Senhor escolheu uma nova forma de lutar” ainda que exista uma tradução que não foi exata o Pe. Chaminade a utilizou para descobrir que Deus inspira nova forma de evangelizar. “O Senhor escolheu novas batalhas e uma nova maneira de fazer a guerra, porque colocou no comando do exército uma mulher (Débora) e tomou como soldados homens desarmados”. www.novabella.org/nova-bella-elegit-dominus/

purgativa, iluminativa e unitiva, comuns às espiritualidades clássicas. Ele avançando em seus estudos escreve um pequeno tratado onde propõe três degraus sucessivos que conduzem a uma experiência interior que são: as virtudes de preparação; as virtudes de purificação; e as virtudes de consumação. A pessoa pode viver um caminho para um autoconhecimento, para o amor e para o serviço, pelo exercício do sistema de virtudes. Num contexto secular pode vir a ter um novo sabor quando se favorece o crescimento humano diante dos desafios que se apresentam à realidade naquele momento. Métodos novos que podem potencializar a criatividade e a sensibilidade para as necessidades existentes. O Pe. Chaminade, cristão católico a vê como um caminho para o dinamismo da fé um fortalecer na fé e na vivência de uma devoção a Maria não apenas com atitudes exteriores, mas com um dinamismo interior, com um espírito interior. A pessoa é convidada a viver um caminho que começa pelo conhecimento pessoal, para chegar a um amor, que vai se traduzir em serviço, e missão até os demais, com atitudes de respeito, acolhida, e cuidado com a vida, em todas as suas dimensões, a pessoa, suas relações, a natureza.

Nestes três degraus sucessivos que propõe o Pe. Chaminade, associamos a três imagens bíblicas que apresentam Maria: Anunciação, aos Pés da Cruz, e as Bodas de Caná com uma dinâmica de três verbos conhecer, amar e servir, como um caminho para um crescimento humano na busca por uma experiência de Deus. Cada virtude está associada a uma imagem bíblica e a um verbo: Virtude de Preparação com a imagem de Maria na Anunciação e o verbo conhecer; Virtude de Purificação com a imagem de Maria aos pés da Cruz e o verbo amar e a Virtude de Consumação com a imagem de Maria nas Bodas de Caná e o verbo servir. Essa proposta dos três degraus sucessivos do Pe. Chaminade que apresentamos como caminho que se orienta para uma experiência do Mistério no mistério que é cada pessoa, pelo exercício e vivência do sistema de virtudes.

A Encarnação, Deus presente na história assume nossa humanidade, e ao assumir nossa humanidade nos ensina novamente a viver um processo humanizante e humanizador primeiro em cada pessoa e depois em sua relação com os outros. “O Mistério da encarnação na verdade diz que, uma vez que tudo foi tocado por Deus desde dentro, então tudo tem valor positivo. Nada é menos

digno, menos nobre, menos valioso porque está situado no meio do século”. (BINGEMER, 2013, p. 105)

4.3.1 Virtudes de preparação um caminho para o autoconhecimento

No Mistério da encarnação de Deus está o mistério de cada ser humano, com sua história pessoal. Pe. Chaminade nesta formulação do sistema de virtudes vai primeiro convidar a preparar e dispor para chegar a um conhecimento de si mesmo, nos ajudando a empreender este caminho de conhecimento a imagem da Anunciação, onde Maria é a protagonista na missão de ser a Mãe do Filho de Deus. Neste itinerário a pessoa é convidada a ser protagonista de sua história para percorrer um itinerário espiritual, e chegar a imitar e reproduzir as virtudes de Maria para chegar à conformidade com Cristo.

Virtude é a habilidade interior de atuar de maneira reta ou de fazer o que é bom, para seguir crescendo na conformidade com Jesus. A virtude de preparação consta de quatro virtudes silêncio, recolhimento, obediência e o suportar as mortificações.

Primeira virtude é o silêncio: que pode ser exterior as palavras e os sinais e o silêncio interior: da mente, da imaginação e das paixões. Em uma personalidade formada à semelhança de Jesus, os cinco silêncios: das palavras, dos sinais, da mente, da imaginação e das paixões, operam harmoniosamente para colocar a caminho o que existe de melhor na pessoa.

“Pode ser que o silêncio não chegue jamais a estabelecer-se perfeitamente em alguns indivíduos, de maneira que seu estudo tenha por objetivo estabelecer em quanto se possa e dar-se conta do que se conseguiu e das resistências a que ultrapassam nossas formas” (CHAMINADE, 1964, p.89, ED. 403)

Segunda virtude o recolhimento dá coesão à vida de modo que se possa viver intensamente o que se está fazendo. Sentir o que se faz desde o coração.

Ao estudar a necessidade de exercitar-se no silêncio empenhemos nele cada uma de nossas faculdades, eu disse que a alma pode ser comparada a um órgão cujos tubos devem soar somente com a vontade do organista e dentro do plano do concerto. Ao trabalhar sobre o silêncio, vemos que alguns tubos soam sem nenhuma ordem e os quais são consistentes e estão em ordem. Recolher-se, no silêncio mais amplo, seria não ouvir, não escutar as vozes indiscretas que se levantam em

nos, contra nossa vontade e sem nosso consentimento. O recolhimento então resulta difícil, e incompleto e não dura muito. (CHAMINADE, 1964, p. 96, ED 437 – 438)

A terceira virtude é a obediência que modela em nós a prontidão para servir em vez de ser servido, sendo este um exercício de discrição e discernimento.

Conhecido já o individuo, como supõe e submetido a vontade de um chefe hábil, não tardará em endireitar suas torcidas tendências e esquecer seus maus hábitos contraídos. Pronto saberá como defender-se das preocupações do espírito, das paixões do coração, e dos espelhos da imaginação. O chefe conhecedor do seu ofício encontrará remédio para o caráter de cada qual. Quase sempre tem que colocar na direção oposta os hábitos recebidos; tem que trabalhar com moderação e prudência. Se às vezes precisar certa veemência, às contrariedades deve ser de curta duração e pronto deve suavizar-se com alguns consolos. (CHAMINADE, 1964, p. 99, ED 461-462)

E, por último, o suportar as mortificações, os sofrimentos interiores e exteriores, as provas, as penitências e as críticas, aqui entendidas não por penitências, sacrifícios buscados por cada pessoa, mas a capacidade de encarar com compostura e perseverança todas as coisas dolorosas e desagradáveis que nos sucedem na vida e no trabalho. (HAKENEWERTH, 1998, p. 88)

No ponto no qual nos encontramos neste plano de conduta é fácil compreender que o suportar as mortificações é a disposição favorável para vencer o que os outros exercícios não puderam fazer. A contrariedade, o desgosto do espírito, o cansaço e até certas dores do corpo são às vezes necessárias para domar o espírito e os sentidos. Tudo isto é o que chamamos mortificações. Se soubesse quanta paciência adquirimos com o hábito e com o suportar as mortificações e como insensivelmente aumenta nosso valor, não deixaria os amigos da perfeição humana de exercitar nem alegrar-se de abraçar as mortificações. (CHAMINADE, 1964, p. 100, ED 465-466)

Com as virtudes de preparação Pe. Chaminade vai contribuir na formação da pessoa na aceitação de sua corporeidade e suas possibilidades e limites seus sentimentos, seu amor, para chegar à conformidade com Jesus o Filho de Maria. Numa sociedade secular podemos ter o cuidado com a vida na sua plenitude sem exageros, mas com uma ética e compromisso de respeito, a partir do conhecimento e respeito próprio podemos também viver o respeito pelos outros, pois, tanto um como outro podem haver sido tocados por Deus.

4.3.2 Virtudes de Purificação um caminho para o amor

O Pe. Chaminade, na virtude de purificação, aponta seis obstáculos inevitáveis que ameaçam a pessoa a permanecer ou desanimar no caminho de sua meta, e nesta virtude a imagem que nos ajuda é a Cruz, a entrega por amor. Na vida deparamos com os sofrimentos inevitáveis e a tendência é desanimar ou não enfrentar as situações de dor, sofrimento, tristeza. Dos seis obstáculos, três deles são limitações que procedem do próprio interior e três chegam até a pessoa de fora. A cada um destes obstáculos ele propõe uma maneira de tratar a dificuldade de modo que através da purificação destes obstáculos cada pessoa possa crescer até uma fé mais profunda, uma esperança mais firme e um amor mais forte para chegar a uma maior semelhança com Jesus, o filho de Maria. (HAKENEWERTH, 1998, p. 97) “A purificação consiste em atacar e destruir no interior da alma as coisas que tendem a enraizar o mal e as que obstaculizam o progresso da virtude”. (CHAMINADE, 1968, p. 102, ED 475)

As coisas mais gerais que nos levam ao mal e dificultam a virtude são: por nossa parte: 1 – nossas debilidades, 2 – nossas inclinações naturais, 3 – nossas incertezas. A causa exterior: 1 – as contrariedades do mundo, 2 – as sugestões, 3 – as tentações do inimigo de nossa salvação. Estas são as verdadeiras causas de nossas faltas e de nossas recaídas, porém por não conhecer de antemão estas causas, por não compreender como deveríamos sua malícia, permanecemos durante quase toda nossa vida como éramos na época de nossa reforma: débeis, terrenos, inseguros em muitas coisas, sem saber vencer nem as debilidades nem as inclinações, nem as contrariedades, nem as tentações, em uma palavra, não sabíamos como purificar cada dia mais. (CHAMINADE, 1968, p. 102 ED 476)

E segue com três considerações que devem orientar principalmente no desígnio de purificar a alma para seguir adiante: a malícia das causas que paralisa os hábitos; as debilidades, inclinações e incertezas que debilitam os esforços e as contrariedades, condicionamentos e tentações que nos arrastam.

É importante compreender a diferença entre preparação e purificação: na preparação a pessoa domina os obstáculos e livra-se deles; na purificação vive-se em meio a eles e a pessoa cresce para uma vida nova com bons resultados.

Existem alguns obstáculos na virtude que escapam de nosso controle para disciplinar ou corrigir. Vem de fontes inacessíveis a nossa consciência (como os impulsos de nosso ego), ou não estão sujeitos ao nosso domínio (como as decisões de outros que nos afetam). Sejam quais forem os problemas que tiverem, terão que seguir vivendo consigo mesmo e no mundo tal como o encontramos. A boa notícia é que podemos aprender a fazer isso com as disposições de Jesus. (HAKENEWERTH, 1998, p.95)

Em nosso tempo vivemos em constante tensão e estresse que algumas vezes são tão grandes na vida que os recursos humanos não são adequados para lutar contra eles. No melhor dos casos, a pessoa sente sua debilidade diante da tensão e do estresse, quando isto acontece temos dois caminhos: mudar o rumo para evitar sentir as limitações, ou decidir confiar em algum poder maior. Outra maneira é escolher permanecer na segurança do próprio meio, ou arriscar chegar além dos próprios meios apoiando na fortaleza de outros. Aqui quem decide é a pessoa em sua autonomia e liberdade.

Com o trabalho de preparação a pessoa adquire um número de qualidades e desenvolve somente algumas fortalezas, que darão maior confiança e uma boa imagem de si mesma, porém o ego pode debilitar essa virtude, pois sabemos que o ego trabalha fora de nosso controle. Por isso a importância de um autoconhecimento para melhor viver as virtudes de purificação.

Aperfeiçoamo-nos e purificamos nosso interior, remediando a debilidade de todas as nossas virtudes com uma total confiança somente na força de Deus, fugindo de nossas inclinações ao mal, crendo por natureza ser incapazes de todo o bem; livrando-nos de incertezas, ao recorrer a Deus e a todos os santos conselhos que nos mantêm na sua graça. O meio de anular as ocasiões do mal, que provem do exterior, e vencer as contrariedades com muita paciência, as sugestões, reiterando os bons propósitos muitas vezes tomados, as tentações que não podemos fugir, com atos contrários ao objeto da tentação. (CHAMINADE, 1968, p. 109, ED 519-520)

Com a imagem de Maria aos pés da cruz, para as virtudes de purificação, que passam pelos sofrimentos e limites da vida, a cruz é um caminho para o encontro com a essência que é cada pessoa em sua transcendência até Deus.

A cruz é sinal de sofrimento, mas também de solidariedade entre todos os seres humanos. É caminho de integração humana e certeza do amor de Deus por cada pessoa.

A cruz nos lembra que o seguimento de Cristo significa sempre também tomar sua cruz, dizer sim àquilo que nos cruza e contraria dia após dia, dizer sim ao sofrimento que nos atinge. O seguimento da cruz significa que o mundo está crucificado para nós, que o mundo já não tem poder sobre nós, que não nos definimos com base na busca de poder, vanglória, riqueza ou comodidade, mas que vivemos a partir de uma outra realidade, a partir da realidade do amor que o Cristo crucificado nos coloca diante dos olhos de maneira inédita. (GRUM, 2009, p.110-111)

4.3.3 Virtudes de Consumação um caminho para o serviço

Virtudes de consumação, o consumir é levar à plenitude o cumprimento da perfeição. A imagem que nos ajuda nesta virtude é a das Bodas de Caná, onde Maria é sensível à necessidade do momento é o estar atento à necessidade dos demais, o de se colocar a serviço. Estas virtudes provem o necessário para que cada pessoa atue habitualmente com a fé, a esperança e o amor de Jesus. Para o Pe. Chaminade a consumação equivale viver as virtudes de maneira plena eliminando a influência do egoísmo para que a vida seja sempre motivada e caracterizada pela fé, pela esperança e pela caridade. Anexo 8, p. 106.

As virtudes necessárias para este objetivo são as quatro assinaladas como virtudes de consumação. Chama-se: humildade, modéstia, abnegação de si mesmo, renúncia ao mundo. Estas quatro virtudes são as que se deve cultivar em relação ao aniquilamento do homem velho para realizar a perfeição consumada. (CHAMINADE, 1968, p.123 ED 601)

O Pe. Chaminade vê na obra consumada por Jesus, não somente o trabalho de pregar, de curar, e perdoar e de formar a seus discípulos, mas o viver todas as virtudes necessárias para a salvação, até o ponto da consumação. “O sentimento da humildade cristã do homem vê se impedido não somente pela debilidade de sua natureza, senão por outras causas que veem do exterior” (CHAMINADE, 1968, p.125, ED 611).

A humildade cristã é o reconhecimento de nosso nada em tudo. Aqui a definição como se vê facilmente compreende, porém enganaríamos si acreditássemos que sua aplicação até chegar a ser uma virtude consumada é sempre simples e fácil. (CHAMINADE, 1968, p.123. ED. 603)

O sentimento do nosso nada é fruto mais da razão do que da prática, aqui o ser humano é inserido em seu mistério de ser um nada diante do Mistério de Deus.

A segunda virtude da consumação é a modéstia, que consiste no modo de aceitar e de manter as qualidades que a pessoa acredita ter ou são indevidas.

A modéstia, é um sinal exterior, que poder ser às vezes a expressão da humildade que acabamos de explicar, bem porque ao sentir o nada de nossas qualidades interiores ou à parte nossas próprias pretensões e nos faça rechaçar o elogio bem porque o conhecimento de algumas vantagens exteriores do corpo não vai ocultar de nos mesmos a menos

que se ponha no oculto de qualquer olhar protegidos pelo pudor. Esta modéstia exterior, provém da humildade, já que é uma disposição natural ou é adquirida, é uma qualidade estimada no mundo dos juízos entendidos. (CHAMINADE, 1968, p. 127 ED 619)

A modéstia é a virtude da alma que pode chegar à perfeição na busca pela delicadeza, e de sensibilidade na realização do amor, caminho para um amor que é serviço e relação com os demais. “O sentimento e a prática da modéstia neste estado chegará à consumação que esta virtude pode alcançar”. (CHAMINADE, 1968, p. 129, ED 633)

A terceira virtude da consumação é a abnegação de si mesmo. A humildade e a modéstia desenvolvem as disposições necessárias para esta vida imersa na bondade de Deus, a abnegação conduz ao abandono total em Deus, eliminando todo egoísmo, centrado e fechado em nos para ir ao encontro de algo que transcende e conduz a uma liberdade plena de vida.

Na virtude de consumação com a imagem de Maria nas Bodas de Caná, o estar pronta a “*Fazer tudo o que Ele vos disser*” (Jo 2,5).

Depois de trilhar um caminho passando pelas virtudes de preparação que conduzem a um autoconhecimento favorecendo as descobertas das potencialidades pessoais, passamos às virtudes de purificação na busca por uma integração dos desafios pessoais com as luzes e as trevas, as tristezas e as alegrias para chegarmos a um amor gratuito. E por último as virtudes de consumação que têm seu dinamismo no serviço aos demais.

4.4 Vinho Novo em Odres Novos: momento novo - métodos novos

Mística e secularização, vinho novo em odres novos. Percebemos que tanto na época do Pe. Chaminade, como em nossos dias o vinho novo pode ser o contexto secular, que vai favorecendo o protagonismo do leigo e sua busca por uma experiência profunda do Mistério que é a mística. Que exige uma abertura pessoal e um dinamismo interior. E estes novos métodos e novo jeito podem ser hoje os odres novos que podem favorecer a pessoa que busca um crescimento humano e até ser facilitador de uma experiência do Mistério.

Diante da pluralidade religiosa na cultura secular, a religião parece ter perdido o poder de configurar o comportamento da sociedade; existe um enfraquecimento das instituições; a pessoa vive sua finitude em sua fragilidade

num consumismo inclusive do desejo de experiências cumes, o discurso é racional distante do sentir, do coração. Num contexto de diversidade religiosa, a pessoa transita em meio a um desejo de uma espiritualidade, uma busca por Deus, mesmo negando a importância da religião, esta segue sendo mais do que nunca parte do cotidiano da vida das pessoas.

Para Bingemer (2013) a religião é a mais onipresente e a mais universal das características constitutivas da humanidade, em plena secularização, pois a religião segue como objeto de observação e estudo:

A secularização é o produto de uma compreensão do mundo que repousa não mais sobre o mito (mythos), mas sobre o discurso racional (logos). Essa visão e esse processo que desencanta o mito instaura o primado do Logos, portanto, vêm desde a filosofia antiga e conduzem a certa desmistificação do saber e a uma libertação da vida comum das normas teológicas. (BINGEMER, 2013, p. 99-100)

Se olharmos o positivo da secularização veremos que Pe. Chaminade em seu tempo fez uma síntese do momento histórico e soube dar respostas novas para aquele momento tendo um olhar especial para o protagonismo dos leigos, com um novo espaço para viver uma experiência profunda, o secular.

Retomando do primeiro capítulo o que diz Bingemer (2013) do positivo da secularização buscaremos a compreensão da devoção mariana partindo da experiência do Pe. Chaminade da piedade filial.

A experiência cristã de Deus com os dois ícones que apresenta o Pe. Chaminade: a Encarnação e a Cruz. Bingemer (2013) quando trata de experiência religiosa ou mística apresenta a Alteridade e relação e a Encarnação e Vulnerabilidade na experiência cristã de Deus sendo estes alguns elementos que nos ajudam a situar a religião e a mística num contexto de secularização. Um paralelo com dois olhares um do século XIX e outro do século XXI, num contexto de secularização.

Pe. Chaminade ao voltar do exílio da Espanha encontra seu país (França) em uma situação de danos materiais, e morais, as pessoas fragilizadas, e fragmentadas, pelos duros tempos da Revolução Francesa. Ele vislumbra um caminho novo, sendo a pessoa centro de um processo de relação e cuidado com a vida e seu entorno, vendo na educação possibilidades de uma boa formação com um método educativo que tem o intuito de que o ser humano pudesse crescer e ser autor de seu processo em meio à realidade no seu cotidiano.

4.4.1 Alteridade e relação

O que se entende por experiência mística, como uma vivência de Alteridade e relação, onde a alteridade está relacionada com o eu e o tu, num princípio de diferentes para um caminho de comunhão pela Graça.

Trata-se de uma vivência concreta do ser humano que se encontra, graças a algo que não controla ou manipula, frente ao Mistério ou uma Graça misteriosa e irresistível, que se revela como Alteridade pessoal e age amorosamente propondo e fazendo uma comunhão impossível segundo os critérios humanos e que só pode acontecer gratuitamente e por Graça. (BINGEMER, 2013, p. 273)

A experiência mística se dá entre o ser humano e o ser divino. Tem uma relação de diferentes, não impede que se viva uma manifestação de algo novo que foge da compreensão para mais além do humano racional uma revelação que implica transformação e crescimento para uma ação geradora de novos olhares e novos caminhos para uma plenitude de vida.

O caminho da relação com o Outro Transcendente e Divino que gera uma forma única de conhecimento é, portanto, constitutivo mesmo da experiência mística. E no caso da mística cristã, esse outro, essa Alteridade, tem o componente antropológico no centro de sua identidade, uma vez que o Deus experimentado se fez carne e mostrou um rosto humano. (BINGEMER, 2013, p. 275)

Para o Pe. Chaminade a Encarnação nos faz entrar no mistério de Deus, sendo o nascimento o primeiro mistério de Jesus, e, os demais mistérios dependem deste. Se creio neste artigo da religião, creio que Jesus Cristo foi um homem de dores. (CHAMINADE, 1968, p. 258, EM I, 329). E Maria na encarnação, tem uma vivência do Mistério de um Deus que se faz humano. Ela participa na unidade de Cristo onde todos são levados a esta unidade pela graça e pela caridade que ela viveu.

Esta Virgem Mãe nos há concebido em seu ser supereminente de graça, nos ardores de sua caridade nos há comunicado seu ser de graça, que não é mais que uma participação de Cristo, a fim de que todos sejamos consumados na unidade. (CHAMINADE, 1968, p. 171, EM I, 74)

O que aqui intuímos e podemos perceber através do que tratamos acima referindo-nos as imagens de Maria, é a ação gratuita de Deus na sua humanidade. Cada ser humano que vive uma relação filial com Maria, a mística marial, pode viver uma experiência do mistério, pela vivência de novas relações,

pela receptividade do diferente, pela comunicação da vida e pelo diálogo gerador de esperança e de paz numa sociedade em constante processo de crescimento técnico científico e midiático. O ser humano transita neste contexto de mudanças e transformações sendo buscador de novas experiências que ingerem na vida e no seu cotidiano, onde alguns mais que outros conscientes de seu protagonismo optam pelo cuidado e por uma ética inclusiva existindo espaço e lugar para todos.

4.4.2 Encarnação e Vulnerabilidade

A Encarnação, a Cruz e a Vulnerabilidade fazem parte de um universo cristão, de um Deus que se Encarna no ventre de uma mulher, Maria assumindo a condição humana. Sua humanidade sempre colocada a serviço da vida pelo amor e entrega na cruz. O terceiro elemento a vulnerabilidade que em Jesus ao assumir a condição humana, assume a experiência de um Deus Pai.

Jesus o Filho de Deus, arrasta seus discípulos a limites não suspeitos. Pois não propõe apenas a arte de viver neste mundo, mas uma obrigação positiva, um ministério do amor universal. Neste sentido, vai muito além do próprio perdão: apesar de incluí-lo, a exigência de Jesus de amor os inimigos vai mais longe, rejeitando o que ainda possa subsistir de condescendência mesmo no perdão, indo até esquecer para não mais pensar senão no dom generoso de si, sem nenhum ressentimento e intenção escondida. (BINGEMER, 2013, p. 286)

O amor segue sendo um desafio para a vida do cristão e para a vida de todos os que querem caminhar e crescer como pessoa humana, que busca transcender e viver uma experiência do Mistério.

O cumprimento desse grande mistério encheu sua santa Humanidade de amor eterno que tinha para com Ela. Todos os tesouros da divindade se reduzem em Maria a fé que a animava, esta fé se converte em uma plenitude de graças e uma fonte de vida. (CHAMINADE, 1968, p. 58 EM II. 116)

Pe. Chaminade fala do amor, mas para ele a fé é que anima e converte as ações em amor e vida. A fé cristã afirma ser a experiência do encontro com esse Deus em Jesus Cristo, a experiência de um sentido radical do existir. (BINGEMER, 2013, p. 287)

A vulnerabilidade nos leva a uma ética do cuidado da pessoa, mas também de tudo o que está em função da vida.

A experiência mística cristã, tão suspeita, nos seculares tempos modernos, de componentes patológicos e doentios, constitui, ao contrário, a experiência de salvação no sentido mais profundo do termo, ou seja, de salvação entendida como saúde, do corpo e do espírito, capaz, portanto de trazer sempre novas e decisivas contribuições a todos os que se dedicam a cuidar do bem estar do ser humano. (BINGEMER, 1993, p. 79)

Não podemos confundir a experiência da vulnerabilidade com a simples busca de sensação ou compensação afetiva que pode caracterizar a forma do cuidado a vida pela estética e pelos exageros no cuidado, onde a pessoa esquece que o valor maior é o ser pessoa e não parecer pessoa pela beleza exterior. Ser persona implica no cuidado de si e no amor que sai ao encontro do diferente.

No nível da religião ter o cuidado com as manifestações religiosas, com os fenômenos onde o centro é a pessoa e não o Mistério na busca por uma experiência essencial, cume. Se olharmos para o cristianismo Deus se deixa experimentar em espírito e verdade e também na carne humana assumida pela Encarnação.

Sentir, perceber e viver a vulnerabilidade pode conduzir a um exercício do amor generoso e desinteressado com a disponibilidade de saída de si em direção ao outro.

Em uma sociedade secular, com um pluralismo religioso, com a liberdade da pessoa pela escolha de uma religião ou não, entender uma experiência de amor na relação de Jesus Cristo, Filho de Deus encarnado, é ter possibilidade de trilhar o mesmo caminho de amor vivido por Jesus que foi humano e divino. Ele recebeu os cuidados de uma mãe, Maria.

Emerge, assim, a esperança e ao mesmo tempo o desafio de viver um cristianismo encarnado e experimentado numa devoção a Maria, que passa por uma relação de filhos, pela proteção e cuidado de uma mãe e pela resposta de um filho que quer viver como seu Filho primogênito, Jesus. Essa dupla dinâmica da relação filial é a originalidade do Pe. Chaminade, como o leigo tem um protagonismo e a liberdade de viver ou não esse deixar-se formar por Maria à semelhança de Jesus. Para ele o essencial é o interior e o interior é o espírito de Maria, por isso sua insistência em dizer que a devoção a Maria deve conduzir o fiel a um imitar e um reproduzir suas virtudes para chegar à conformidade com Cristo.

Nesse itinerário espiritual Pe. Chaminade destaca a importância da vida de oração, e presença de Deus. Essa presença de Deus se faz consciente, pois a oração é o lugar privilegiado da experiência de Deus. Supõe da pessoa uma receptividade à gratuidade divina, uma comunicação vivida pelo silêncio interior de onde emerge o espaço virgem pronto para acolher esta comunicação, e o diálogo ação de amor recebida na gratuidade de duas liberdades de Deus e da pessoa que se dispõe a viver uma experiência. “O desejo subjetivo de Transcendência e a abertura para a interioridade, para o Mistério, podem ser a força capaz de romper o obstáculo escravizante da materialidade e do consumismo”. (BINGEMER, 2013, p. 205) “Aquele que experimenta sua interioridade habitada pela Transcendência está certamente mais bem equipado para ter consciência política dos fenômenos sociais e intervir na *pólis* em uma ação transformadora solidária”. (BINGEMER, 2013, p.207)

Pe. Chaminade em seu itinerário espiritual, prioriza o potencial da pessoa, assim o pensamento de Bingemer parece ter semelhança ao que ele pensou em seu projeto de recristianizar a França em pleno processo de secularização, quando diz que os leigos teriam que ter uma boa formação, sendo verdadeiras comunidades cristãs vivas, como as primeiras comunidades, capazes de evangelizar pelo testemunho de fé, pela vida de oração, com espírito de família, em uma missão em aliança com Maria, onde o essencial era o espírito interior.

Outra novidade do Pe. Chaminade o espírito interior para Bingemer a pessoa que valoriza sua interioridade pode chegar a fazer dela quase um novo paradigma, sendo que a verdadeira experiência mística e espiritual favorece uma sensibilidade à realidade cotidiana e um exercício de compaixão para com todos.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho intitulado *Mística Marial: uma releitura da espiritualidade mariana do Pe. Chaminade em tempos de secularização* buscou encontrar por meio da releitura da espiritualidade do Pe. Chaminade elementos de uma mística marial, cujo conceito foi sendo desenvolvido com os seguintes passos.

Uma abordagem geral do conceito de mística privilegiando a dimensão da experiência: a união íntima com Deus como conteúdo e meta da experiência; sua condição de experiência imediata na mediação da alma e o rastro que nela deixa a presença de Deus, e, por último o amor como caminho e meio da união.

Desenvolvido o conceito de mística, tratamos o conceito de mística cristã, onde o elemento central é a Encarnação de Jesus Cristo, Filho de Deus, feito Filho de Maria.

Tratamos a relação entre mística e secularização no contexto da vida e obra do Pe Chaminade. Vimos que a secularização foi valor positivo quando associada à liberdade do homem moderno da tutela da religião, favorecendo a missão que desenvolveu Pe. Chaminade, atribuindo o protagonismo aos leigos, no contexto da pós Revolução Francesa, marcada pela indiferença religiosa e um distanciamento da fé. Percebemos que existe espaço para a religião, mesmo ela sendo negada, isto no desenvolvimento da missão do Pe. Chaminade no acompanhamento de pessoas e comunidades cristãs que viviam ao estilo das primeiras comunidades, que hoje são denominadas de comunidades leigas marianistas.

Ao fazer a releitura da espiritualidade do Pe. Chaminade dentro do bojo da espiritualidade de sua época, descobrimos que de fato, existe uma Mística Marial no seio da espiritualidade mariana, e os elementos desta mística foram definidos a partir da experiência profunda de Deus vivida pelo Pe. Chaminade, em Zaragoza, na Espanha, durante um tempo difícil de sua vida no exílio. Esta constatação, fizemos a partir da narrativa da experiência do exílio que foi feita pelos primeiros Marianistas, que conviveram com Pe. Chaminade. Sabemos que, a experiência mística não encontra lugar na linguagem, a expressão dessa experiência se dá através de uma linguagem simbólica. Verificamos que o Pe. Chaminade em seus escritos, após a experiência do exílio, utiliza-se de uma

linguagem própria para expressar sua experiência de Deus vivida aos pés da imagem da Virgem do Pilar, onde Maria foi o caminho e meio desta experiência que se converteu em uma relação filial. O coração do filho pulsa com o coração da Mãe.

Pe. Chaminade a partir desta experiência, aprofundou o papel e a missão de Maria no mistério de Cristo e da Igreja, antecipando o que mais tarde confirma o Concílio Ecumênico Vaticano II, no capítulo VIII, da *Lumen Gentium*. Ele vê que Maria é importante na vida do fiel, e essa consideração do fiel para com Ela pode vir a ser um caminho para uma profunda experiência de encontro com Deus, pois ao imitar e reproduzir as virtudes de Maria, o fiel chegará à conformidade com Cristo.

A espiritualidade mariana do Pe. Chaminade apoiada em uma Mística Marial, podemos afirmar, ajuda a compreender melhor a devoção mariana em tempos de secularização. Percebemos que as pessoas se mantêm firme em sua devoção a Maria, e que cresce o número de visitas aos Santuários marianos enquanto diminui o número de católicos. Tal fato pode se justificar, com a liberdade da pessoa de ir e vir numa sociedade plural, onde a religião ainda se mantém viva por seus ritos e cultos, e que existe uma sede de Deus, um desejo de espiritualidade.

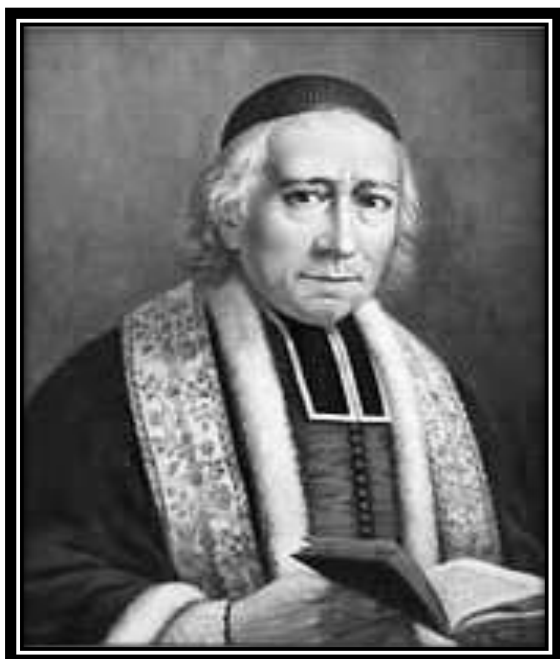
A devoção a Maria concebida pelo Pe. Chaminade deveria ser vivida com prudência e cuidado, o culto teria que ser encarnado na realidade. Para ele, toda a devoção deve-se encaminhar para o centro da fé cristã que é Jesus.

A imagem de Maria aparece como ícone do mistério, pois condensa em si o desejo de todo ser humano à liberdade e à integridade com toda a criação. Maria está associada aos Mistérios de Cristo, pois o gerou em seu seio, cuidou, educou, acompanhou sua vida até a morte e morte de cruz, onde permaneceu de pé. Para Pe. Chaminade Maria é a mulher forte na fé, capaz de orientar e ajudar a cada um de seus filhos a serem fortes na fé a seu exemplo, e a permanecerem de pé diante dos desafios que nos apresentam o momento atual. O espírito de Maria é o espírito interior, da experiência do Mistério, da vivência de uma experiência essencial.

Pe. Chaminade, preocupado com a formação da pessoa, desenvolveu um método chamado de sistema de virtudes, como um meio para chegar a uma experiência essencial, que pode vir a ser algo bastante atual para os nossos dias,

na busca por uma experiência de encontro com o Mistério, no mistério que é cada ser humano. Pe. Chaminade em seus estudos desenvolve este método com três degraus sucessivos para que a pessoa, através de um caminho possa vir a viver uma experiência de Deus. Para ele a oração é um dos elementos importantes que ajudam a pessoa a trilhar este caminho desde seu interior, favorecendo uma abertura para o autoconhecimento, uma integração pessoal e uma vivência do serviço aos demais, com uma ética do cuidado e da fraternidade. É um exercício para viver um itinerário espiritual e um crescimento humano que pode favorecer a pessoa a dar razão e sentido a sua vida na missão de ser e estar no mundo.

Em uma sociedade plural e secular, percebemos que existe uma busca por experiência do Mistério que chamamos Deus. Constatamos que nessa busca, o essencial é o interior, a interioridade de onde emerge a força de cada pessoa no seu desejo de viver e atuar para o bem comum. Na trajetória do Pe. Chaminade, essa abertura interior que ele chama de espírito interior é o espírito de Maria, um espaço virgem que acolhe a vida em sua plenitude. O desafio é chegar a esse espaço virgem, pronto para acolher a vida em sua plenitude e ir ao encontro dos demais, sem ignorar nossa vulnerabilidade num mundo em constante transformação.

Anexo 1: Pe. Guilherme José Chaminade³⁴

Exvoto de Chaminade ano de 1775 em Verdelaís - França



³⁴ Visita aos lugares aonde viveu Pe. Chaminade: França, Espanha. E acesso aos escritos originais do Pe. Chaminade que se encontram arquivados em Roma na Administração Geral da Companhia de Maria, Via Latina 22 e na Casa Geral das Filhas de Maria Imaculada, Via Edoardo Jenner 10. Em julho de 2015.

Anexo 2: Igreja de Nossa Senhora do Pilar – Zaragoza – Espanha às margens do Rio Ebro



Imagem de Nossa Senhora do Pilar



Anexo 3: Adela de Batz de Trenquellion (1789 – 1828)

Com quem Pe. Chaminade manteve correspondências.



Anexo 4: Carta de Abril de 1809, Pe. Chaminade comenta das Congregações Marianas com Adela

7 1809 / 11
 sans date
 cobert

Madame BOKINATIX
 Madame Balle de Sicre
 ma professeuse,
 A. Agent

2 A₃. 15
 avril (?) 1809
 7 25 5

Votre inquiétude, Ma chère fille, et celle de nos pères affilés sur mon compte, me remplissent de reconnaissance; vous me donnez une nouvelle preuve de l'intérêt que vous me portez, et cet intérêt ne pourra avoir aucun motif qui me soit personnel; mais seulement parce que Dieu dans sa bonté a voulu de servir de Moi pour nous communier quelque nouvelle faveur et une plus grande abondance de grâces; je ne puis qu'en être comblé et étonné, et en rendre grâce au Seigneur.

+ je suis loin d'avoir peur de que la chose affilée; c'est seulement une grande discharge d'affaire, qui me faisait remettre de jour en jour le plaisir de correspondre avec vous. quoique j'aussé à peu près près le obstacle que vous m'indiquez au projet qui vous tient à l'esprit, je n'ai pu m'empêcher de vous en faire part; parce que par là je vous témoignais ma bonne volonté et parce qu'en 2^e lieu, j'étois bien aise de voir si ces obstacles étoient aussi réels qu'ils le paroissent. souvent les difficultés disparaissent en s'examinant. votre refus est bien la difficulté prisen du côté de la fervente application: il en est d'autres, qu'il ne seroit guère plus facile à lever. ne serois-je cependant pas à un projet, qui n'est propre qu'à faire naître de bon sentiment, et à ressusciter de plus en plus les dons précieux qui nous unissent. d'ailleurs, il peut nous conduire à perfectionner notre savoir sous l'autre rapport. espérons toujours de succès.

de la protection de notre divine Mère. sans en douter, nous avons ici réussi à des choses autrement difficiles. ... je ne suis par autorité, par le souverain pontife à lever le pouvoir de recevoir de la patience, de la zèle, de la persévérance. espérons que tout se rangera en son temps. tout ce que j'ai pu faire pour vous, je l'ai fait; à moins que vous ne vouliez, qu'en qualité de Missionnaire Apostolique pour la France, je ne vous adopte toute pour mes enfants; mais ne l'ai-je par déjà fait en quelque Manière? par véritablement plutôt que par réflexion. en vous adressant la parole, ne vous ai-je par appelé, Ma chère fille? je n'ai rien vu ni de la ni pour Collecte, ni pour contribution. celle à qui Dieu inspire le vœu de l'œuvre, s'engageant faire pendant de petites réserves et de temps en temps, les faire passer à deux officiers. je n'ai rien fait expédier & accomplir, du desir de Marie Thérèse, à la même adresse. vous pouvez déposer le Livre d'or chez M^{lle} Balle, je le ferai prendre, en tenant sur elle un Mandat, tant pour le Louir que pour le tenir.

Votre petite anecdote de London m'a fait beaucoup de plaisir. les Congreganistes font en corps publiquement leur acte de consécration avec jein par an, aux fêtes de la Conception et de l'Annunciation, cette le d'annon et la benediction; le s^t. sacrement demeurant exposé pour compléner que je parle de la Congregation des M^{rs}. Car la Mère de famille ou Dame de la retraite, la mère de famille,

et la jeuneur qui ont tenu des résolutions différentes aux qu'elle de renouveler le même acte de leur consécration.

M^{lle} La Loube a reçu en son temps la lettre de M^{lle} La Chapel je l'investirai quelle doit une réponse. je remettrai à M^{lle} La Loube votre petite lettre. je répondrai à votre lettre, de suite la réception. Les on ne la remettrai; j'attends que s'acquiescent pendant quelques heures pour expédier quelques affaires très arrières et c'est dans ma solitude que j'ai l'honneur de vous répondre. la presse où je suis, m'empêche de donner à mes sentiments pour la petite sœur tant le cœur que je desirerois. deignés, je vous prie; leur bien dire que je les porte toutes dans mon cœur et que je les ai souvent présenter devant le s^t. autel. Pour y avoir, vous Ma chère fille, une part spéciale, comme représentant de la Division, ou d'annon, tout de Marie, de s'éc pour la gloire de la Mère de Dieu.

J. Joseph Chaminade Ch. Ag.

permettez, je vous prie, que M^{lle} Balle tienne ici l'assurance de mon respectueux souvenir.

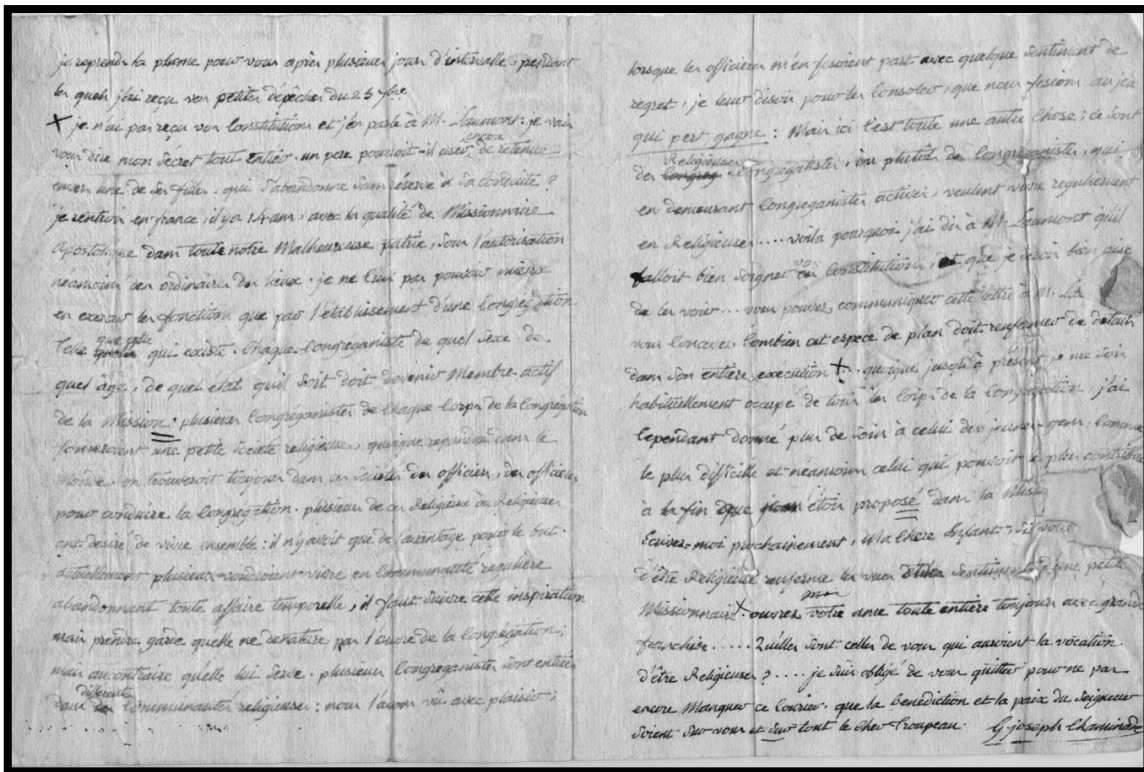
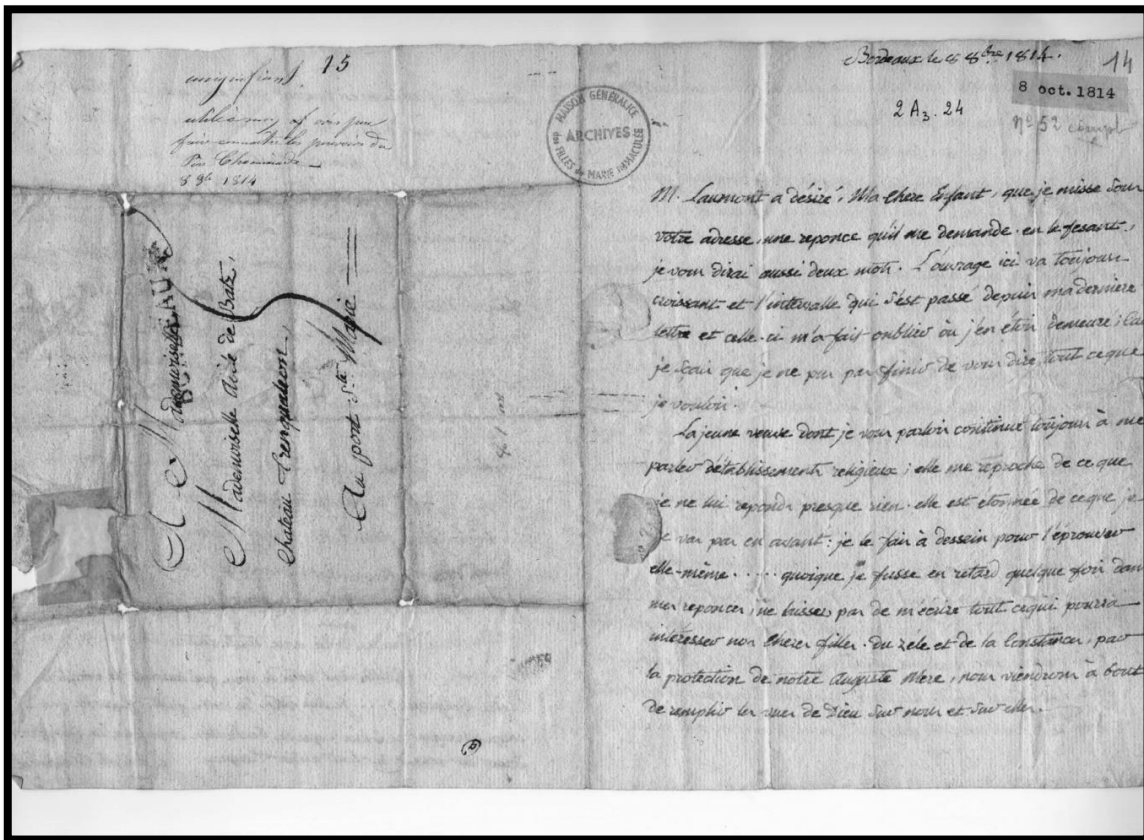
Anexo 6: Igreja da Madalena lugar onde Pe.Chaminade exerceu seu ministério



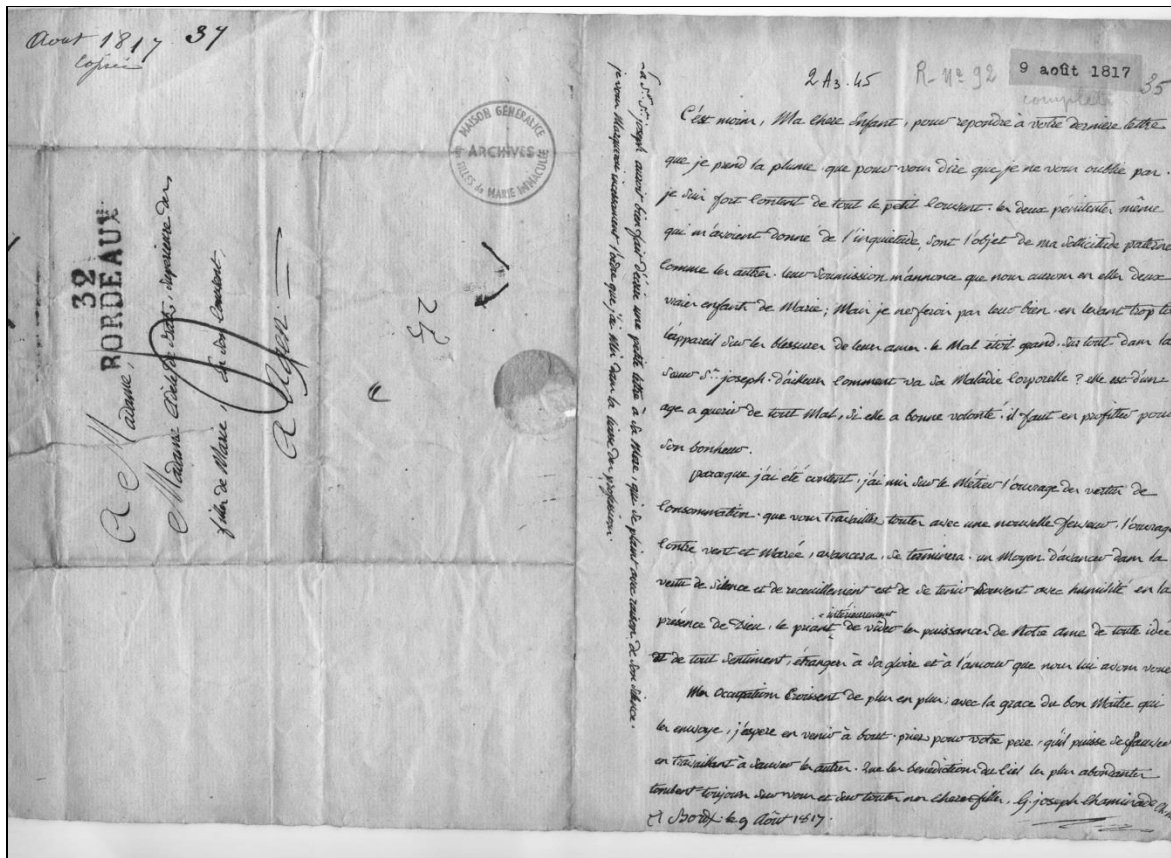
Placa em memória do primeiro oratório do Pe. Chaminade



Anexo 7: Carta de 08 de outubro de 1814



Anexo 08: Carta do Pe. Chaminade a Adela de 09/08/1817 – Onde trata da virtude de Consumação



6 REFERÊNCIAS

- AGUILHERA, E. SM, ARNAIZ, J.M. ***Encarnar la palabra, oración y itinerário Espiritual Marianista***, SPM. Madrid, 1998.
- AMBRUSTER, J.B. ***Connaitre, Aimer, Servir Marie***. Paris, 1982
 _____. ***El estado religioso marianista***. Madrid, 1995.
- ARENS, E. ***Jesuscristo, Hijo del Padre e Hijo de Maria para la salvación del Mundo***. Ed.SM. Madrid, 2001.
- AAVV. ***La nueva evangelización con Maria – La consagración mariana en la familia marianista***. Madrid, SPM, 1994.
- BENLLOCH, E. ***El mensaje Chaminade hoy***. Madrid, Ed. SM, 1988.
- BERGER, P.L. ***O Dossel Sagrado, elementos para uma teoria sociológica da religião***. São Paulo, Edições Paulinas, 1985.
- BINGEMER, M.C. ***O Mistério e o Mundo***. Rio de Janeiro, Rocco, 2013.
 _____, ***Alteridade e Vulnerabilidade***. São Paulo, Edições Loyola, 1993.
- BLANNING, T.C.W. ***Aristocratas versus burgueses? A Revolução Francesa***. São Paulo, Editora Ática, 1991.
- BOFF, C. ***Compêndio de Mariologia Social. O significado da Virgem Maria para a Sociedade***. São Paulo, Paulus, 2006.
- BOFF, L. ***Ecologia, Mundialização, Espiritualidade***. São Paulo, Ed. Ática, 1993.
 _____. ***O rosto materno de Deus***. Petrópolis, Ed. Vozes, 1986.
 _____. ***Maria e o feminino de Deus***. São Paulo, Paulus, 1997.
- BONNARD, P. ***Evangelio segun San Mateo***. Madrid, Ed. Crisandad, 1976
- BORRIELLO, L.; CARUANA, E.; DEL GENIO, M.R.; SUFFI, N. (Dirigido por). ***Dicionário de Mística***. São Paulo, Edições Loyola e Paulus, 2003.
- BROWN, R.E. ***El nacimiento del Messias – Comentario a los relatos de la infancia***. Madrid, Ed. Crisandad, 1982.
 _____. ***Maria no novo testamento***. São Paulo, Paulinas, 1985.
- CALIMAN, C. ***Teologia e devoção Mariana no Brasil***. São Paulo, Paulinas, 1989.
- CARDENAS, E. ***Itinerario Mariano de Guillermo Jose Chaminade, Misionero de Maria***. Madrid. Ediciones SM, 2004.

- CHAMINADE, G.J. *Ecrits Marials I-II*, AMBRUSTE R, J.B., red. Fribourg, 1966.
- _____. *Escritos Marianos I-II*, Madrid, 1968.
- _____. *Breve Tratado del Conocimiento y amor de María*. Traducción y notas del Felix Fernández. Madrid, Ediciones SM, 1965.
- _____. *Direction I*, Fribourg, 1956; II, 1964.
- _____. *Dirección*, I-II, Madrid, 1964.
- _____. *Ecrits d'oración*, HALTER, R., red. Fribourg, 1969.
- _____. *Escritos de oración*, Madrid, 1975.
- _____. *Ecrits et Paroles*, ALBANO, A., red., I, Casale, 1994; II, Casale, 1999; V, Casale, 1996; III, Casale, 2001.
- _____. *Ecrits sur la foi*, AMBRUSTER, J.B., red. Paris, 1992.
- _____. *L'Esprit de Notre Fondation d'après les Écrits de M. Chaminade et les documents primitifs de la Société*, I-III. France, Nivelles. 1910-1916; IV, Fribourg, 1944-1963.
- _____. *Lettres de M. Chaminade* I-V. France, Nivelles, 1930; VI-VIII, Roma, 1977; IX, Roma, 1986.
- _____. *Notas d'Instruction de G. Joseph Chaminade*, I-XIII, Fribourg, 1963-1967.
- _____. *Notas de Instrucción*, I-VI, Madrid, 1972.
- _____. *Notas de retraites prêchées par G.J. Chaminade (1809-1843)*, I-III, Fribourg, 1964.
- _____. *Notas de Retiro*, I-III, Madrid, 1967.
- COMPÊNDIO DO VATICANO II, constituições, decretos, declarações.** Petrópolis, Editora Vozes, 1994. 23ª. Edição.
- CORREA, J. Maria, *Quién eres tu? Centro de Espiritualidad Ignaciana* – Chile.
- DENZINGER, H. *El magisterio de la Iglesia*, Madrid, Herder, 1999.
- DORADO, A.G. *Mariología popular latino-americana*. São Paulo, Ed. Loyola, 1982.
- DOYLE, W. *O Antigo Regime*. São Paulo. Editora Ática, 1991.

ELIADE, M. **O Sagrado e o Profano. A essência das religiões.** São Paulo, Martins Fontes, 2013.

FITZMAYER, J,A. **El evangelio segun Lucas II.** Madrid, Ed.Cristandad, 1976.

FIORES, S. **Dicionário de Espiritualidade, Verbetes Maria.** São Paulo, Ed. Paulinas, pp 683-689.

FORTE, B. **Maria, a mulher ícone do mistério.** São Paulo. Paulinas. 1991.

FRANCISCO. **Exortação apostólica do Sumo Pontífice. Evangelii gaudium, A Alegria do Evangelho.** Paulus, Loyola, 2013.

GARCIA MURGA, J,R. **Jesuscristo, Hijo de Maria Mujer en Misión, figura de la Iglesia.** Madrid, PPC, 2000.

GARCIA, RUBIO, A.O., **O encontro com Jesus Cristo vivo.** São Paulo, Ed. Paulinas, 1989.

GASCÓN, A. **Defender y proponer la fe em la enseñanza de Guillermo Jose Chaminade.** Madrid, SPM 1998.

GEBARA, I, BINGEMER, M,C. **Maria, Mãe de Deus e dos pobres.** Petrópolis, Vozes, 1987.

GIL, A. **Una alianza con Maria la Madre de Jesus.** Madrid, Ed. SM, 1992

GOFFI, T. **Dicionário de Mariologia, Verbetes Espiritualidade.** São Paulo, Edições Paulinas, pp. 471-483.

GRUM, A. **A Cruz, a imagem do ser humano redimido.** São Paulo, Paulus, 2009.

HAKEMEWERTH, Q. **El espirito que nos dio el ser, antropología fundamental marianista.** Madrid, Ed. SM, 1990

_____ **Creciendo em las virtudes de Jesus.** México, Editorial JUS, 1998)

JOÃO PAULO II. **Redemptoris Mater, A mãe do Redentor.** São Paulo, Paulinas, 1989.

KOEHLER, Th. **Verbetes História da Mariologia. Dicionário de Mariologia.** São Paulo, Paulus, 1995, p. 561-576.

LEFEBVRE, G. 1789 **O surgimento da Revolução Francesa.** São Paulo. Paz e Terra.1989.

LÉON-DUFOUR, X. **Vocabulário de Teologia Bíblica, verbete Maria,** pp 556-562, Vozes, 1987.

- LELOUP, J.Y. *O Ícone uma escola do olhar*. São Paulo, Editora UNESP, 2006.
- LIGÓRIO, A. *Glórias de Maria. Aparecida*, Ed. Santuário, 1987.
- LIMA, M.L. *Jesus nossa mística*. São Paulo, Ed. Loyola, 2007.
- MADUEÑO, M. *Siguiendo a Jesús, Hijo de Maria, un camino para vivir la Espiritualidad Marianista*. Madrid, Ed. SPM, 1999.
- _____. *Fortes na fé*. Madrid, Ed. SM, 1994.
- McGINN, B. *As fundações da mística das origens ao século V. Tomo I a presença de Deus: uma história da mística cristã ocidental*. Paulus, 2012.
- MAGGI, A. *Nossa Senhora dos heréticos*. São Paulo, Paulinas, 1991.
- MARTINI, C.M. *Maria la mujer de la reconciliación*. Madrid, Ed. Sal Terraé, 1987.
- MUNARI, T. *Uma Mãe para o homem do terceiro milênio*. São Paulo, Paulus, 2002.
- MURAD, A. *Quem é esta mulher? Maria na Bíblia*. São Paulo, Paulinas, 1996.
- _____. *Maria, toda de Deus e tão humana, compêndio de Mariologia*. São Paulo, Paulinas 2012.
- NEUBERT, E. *La vida de union con Maria*. Madrid, Ed. SM, 1992.
- _____. *Mi ideal, Jesús Hijo de Maria*. Madrid, Ed SM, 1968.
- _____. *Nuestra Piedad Filial Mariana*. Madrid, Ediciones SM, 1962.
- OTAÑO, I. *Maria, mujer de fe, madre de nuestra fe, Mariologia del Pe. Chaminade e de hoy*. Madrid, Ed. SM, 1996.
- PANIKKAR, R. *De la mística - Experiencia plena de la vida*. Barcelona, Herder, 2005
- _____. *La experiencia de Dios*. Madrid, PPC, 1994.
- PAULO VI. *Marialis Cultus, o culto a Virgem Maria*, 1974.
- PEDICO, *Verbetes Centros Marianos de Estudos. Dicionário de Mariologia*. São Paulo, Paulus, 1995, p. 277-286.
- PELIKAN, J. *Maria atraves de los siglos*. Madrid, Ed PPC, 1996.
- PEROUAS, L. *Vida e obra de São Luís Maria Grignon de Monfort*. Ed Monfortinas, 1999.

PIKAZA, X. *Amiga de Dios, mensagen mariana del Nuevo Testamento*. Madrid, San Pablo, 1996.

_____. *La Madre de Jesús, introducción a la Mariología*. Salamanca, Ed. Seguieme, 1990

PINKUS, L. *O mito Maria, uma abordagem simbólica*. São Paulo, Paulinas, 1991

POTTERIE, I. *Maria en el misterio de la salvación*. Madrid, BAC, 1990.

POZO, C., *Maria en la obra de la salvación*. Madrid, BAC, 1990.

RIBEIRO, H. *A encarnação de nosso Deus e a realização do homem*. São Paulo, Edições Loyola, 1993.

ROUET, A. *Maria e a vida cristã*. São Paulo, Paulinas, 1981.

RUEDA CALERO, J.M. *Guilherme José Chaminade y el Pensamiento Moderno, crítica a la indiferencia religiosa*. Madrid, SPM, 2001.

SAN JUAN DE LA CRUZ, *Obras Completas*. Madrid, BAC, 1989.

SÃO JOÃO DA CRUZ. *O amor não cansa nem se cansa*. São Paulo, Paulus, 2005.

SCHOKEL, L.A. *Bíblia do Peregrino*. São Paulo, Paulus, 1997.

SECONDIN, B, GOFFI. T. *Curso de Espiritualidade. Experiência, sistemática, projeções*. São Paulo, Paulinas, 2004.

SUDBRACK, J. *Mística, a busca do sentido e a experiência do absoluto*. São Paulo, Edições Loyola, 2007.

VALLÉS, C.G., *Virgen de la Santa Alegria, tradición redobrada del gozo de Maria*. Madrid, PPC, 1996.

VELASCO, J.M. *El fenómeno místico, estudio comparado*. Madrid, Editorial Trotta, 2009.

_____. *Introducción a la fenomenología de la religión*. Madrid. Editorial Trota, 2006.

_____. *A Experiência Cristã de Deus*. São Paulo, Edições Paulinas, 2001.

_____. *Mística e Humanismo*, Madrid, PPC, 2008.

WEBER, M. *A ética protestante e o "espírito" do capitalismo*. Edição de Antonio Flávio Pierucci. São Paulo, Companhia das Letras, 2004.

DOCUMENTO DE APARECIDA. **Texto conclusivo da V Conferência Geral dos Bispos de Americano Latina e Caribe.** Aparecida, 2007

REB. **Revista eclesiástica Brasileira.** Fasc. 223, Setembro, 1996, pp. 563-597. Vozes.

Revista Brasileira de Ciências Sociais, on-line version ISSN 18069053, vol. 13 n. 37 São Paulo June 1998. **Secularização em Max Weber. Da contemporânea serventia de voltarmos a acessar aquele velho sentido.** Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0102-69091998000200003>>. Acesso em: 10 jun. 2014.